

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

FRANCISCO LUIZ BATISTA SOARES

A ESCOLHA NO ENSINO SUPERIOR: FATORES DE DECISÃO

Porto Alegre
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

FRANCISCO LUIZ BATISTA SOARES

A ESCOLHA NO ENSINO SUPERIOR: FATORES DE DECISÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Economia, modalidade profissionalizante, com ênfase em Economia Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Giácomo Balbinotto Neto

Porto Alegre

2007

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Responsável: Biblioteca Gládis W. do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas
da UFRGS.

S676e

Soares, Francisco Luiz Batista

A escolha no ensino superior: fatores de decisão / Francisco Luiz
Batista Soares. – Porto Alegre, 2007.

125 f. : il.

Ênfase em Economia Aplicada.

Orientador: Giácomo Balbinotto Neto.

Dissertação (Mestrado Profissional em Economia) - Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Economia, Porto Alegre, 2007.

1. Ensino superior : Escolha (Economia). I. Balbinotto Neto, Giácomo.
II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências
Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Economia. III. Título.

CDU 331.54

FRANCISCO LUIZ BATISTA SOARES

A ESCOLHA NO ENSINO SUPERIOR: FATORES DE DECISÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Economia, modalidade profissionalizante, com ênfase em Economia Aplicada.

Aprovada em: Porto Alegre, 12 de fevereiro de 2007.

Prof. Dr. Giacomino Balbinotto Neto – Orientador

UFRGS

Prof. Dr. Gabriel Sperandio Milan

UCS

Prof. Dr. Ronald Otto Hillbrecht

UFRGS

Prof. Dr. Eduardo Pontual Ribeiro

UFRJ

DEDICATÓRIA

A todos, ausentes e presentes em minha vida,
que compartilharam de alguma maneira para que este
trabalho acontecesse.

AGRADECIMENTOS

Sou devedor e grato a muitos que com ausência e presença contribuíram para que este trabalho surgisse e fosse concluído.

Nas Instituições de Ensino Superior (IES) participantes da pesquisa de campo, agradeço aos seus dirigentes, professores e funcionários. Todos os alunos participantes da pesquisa de campo: da Universidade de Caxias do Sul, da Faculdade da Serra Gaúcha, da Faculdade dos Imigrantes e da Faculdade de Tecnologia TECBRASIL. Sem a vossa valiosa contribuição esse trabalho não teria sido possível.

A minha gratidão às palavras de incentivo de vários colegas como o nosso veterano Pedro Edmundo Toffoli, ao bom colega Alex Knapp Bakof e ao parceiro de muitas preocupações conjuntas José Arnaldo Ribeiro Soares. Parceiros de caminhada – os que citei – assim como vários outros que tinham e se determinaram para um mesmo ponto de chegada.

A valiosa contribuição do colega professor da FTEC Brasil, Carlos Alberto Bertoto, em consultas técnicas e como colaborador na aplicação de questionários. Ainda a preciosa ajuda de Gabriel Sperandio Milan (ex-colega de especialização) na elaboração do questionário aplicado, análise dos dados coletados, na discussão dos índices encontrados e na participação espontânea, dividindo comigo as preocupações deste trabalho.

Na indicação dos textos importantes, bibliografias pertinentes ao assunto e na orientação de tópicos, correções e tudo o que envolve um trabalho desta ordem estava o meu orientador Giácomo Balbinotto Neto.

Minha gratidão especial a Elisabeth Tonolli (Coordenadora de cursos técnicos da TECBRASIL) e a Ivone Corteletti (professora da minha especialização). Ambas incentivadoras do meu trabalho como professor e participantes ativas no incentivo da conclusão deste.

A minha querida companheira, Marcele Flores Accorsi, parceira de preocupações e alegrias de todas as horas, acolhendo as minhas ausências, além de incentivar e colaborar nas questões que envolveram o trabalho.

“Por longe que um homem vá, jamais fugirá de si”.

Jayme Caetano Braun

RESUMO

A presente dissertação trata de um estudo exploratório que visa identificar os principais fatores que levam os estudantes a decidirem sobre um curso de nível superior (3º grau). A amostra foi composta dentre quatro Instituições de Ensino Superior da cidade de Caxias do Sul/RS e totalizou 655 estudantes regularmente matriculados e de ambos os sexos, focando, preferencialmente, alunos do 1º ou do 2º semestre de seus cursos. As questões empregadas visaram identificar conclusões para o tema central da pesquisa – o processo de escolha de um curso de graduação. O instrumental teórico baseia-se na Teoria do Capital Humano e na Teoria da Sinalização. Os resultados revelaram que os fatores que determinam as escolhas são: a realização pessoal, aptidão ou vocação para o curso pretendido; as oportunidades no mercado de trabalho; a qualidade e o prestígio da Instituição e a possibilidade de ascensão financeira. Identificou-se também que a maioria dos estudantes escolheu o curso no último ano do ensino médio e às vésperas do vestibular e, além disso, eles têm certeza de que fizeram a escolha certa.

Palavras-chave: Fatores de Decisão. Teoria do Capital Humano. Teoria da Sinalização. Instituições de Ensino Superior.

ABSTRACT

The present dissertation deals with an exploratory study that aims to identify the main factors that take the students to decide on a course of a college. The sample was chosen among four institutions from the city of Caxias do Sul/RS and totalized 655 students regularly registered and of both genders, focusing, preferentially, on students that were attending the 1st or 2nd semester of their courses. The employed questions were directed to identify conclusions to the central subject of the research – the process of choice of a graduation course. The theoretical instrument is based on the Human Capital Theory and the Signaling Theory. The results revealed that the factors that determine the choices are: the personal realization, aptitude or vocation for the intended course; the job opportunities; the prestige of the institution and the income perspectives. There was also identified that the major part of the students has chosen the course in the last year of the high school and very close to the vestibular and, furthermore, they are sure that they have made the right choice.

Key words: Decision Factors. Human Capital Theory. Signaling Theory. Colleges.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Vista Parcial da Cidade de Caxias do Sul - RS	121
Figura 2 – Localização Geográfica no Estado do Rio Grande do Sul	122

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Modelo Discreto de Investimento em Capital Humano	27
Gráfico 2 – O Modelo de Spence	41
Gráfico 3 – Número de Respondentes por IES	65
Gráfico 4 – Regime de Funcionamento do Curso	68
Gráfico 5 – Semestre do Curso	69
Gráfico 6 – Recebimento de Auxílio Financeiro	70
Gráfico 7 – Gênero dos Estudantes	72
Gráfico 8 – Faixa Etária dos Estudantes	72
Gráfico 9 – Renda Familiar.....	75
Gráfico 10 – Setor da Atividade de Trabalho.....	76
Gráfico 11 – Cargo ou Função Exercida Atualmente	77
Gráfico 12 – Estudos de Segundo Grau.....	78
Gráfico 13 – Escolaridade do Pai ou Responsável Masculino	79
Gráfico 14 – Escolaridade da Mãe ou Responsável Feminino	80
Gráfico 15 – Época da Escolha do Curso	82
Gráfico 16 – Informações sobre o Horário de Funcionamento do Curso	85
Gráfico 17 – Grau de Informação Técnica de Amigos e Família	89
Gráfico 18 – Influência de Outras Pessoas na Escolha do Curso (PAIS)	91
Gráfico 19 – Influência de Profissionais da Área do Curso de Graduação Escolhido	94
Gráfico 20 – Oportunidades no Mercado de Trabalho	98

Gráfico 21 – Fator de Decisão: Realização Pessoal, Aptidão ou Vocação para a Profissão	101
Gráfico 22 – Previsões de Atuação Futura.....	104
Gráfico 23 – A Certeza ou Não Quanto a Escolha Efetuada.....	106
Gráfico 24 – Pretensões Futuras.....	107

QUADROS

Quadro 1 – Taxas de Retorno da Educação para o Brasil	44
Quadro 2 – Visão do Estudante	50
Quadro 3 – Variáveis do Questionário Aplicado.....	51
Quadro 4 – IES Participantes da Pesquisa	60
Quadro 5 – Instituições de Ensino Superior (IES) de Caxias do Sul	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Retornos da Educação	18
Tabela 2 – IES – Cursos – Alunos/Curso – Respondentes	61
Tabela 3 – Classificação das IES	66
Tabela 4 – Cursos Pesquisados e as IES Pesquisadas	66
Tabela 5 – Distribuição segundo a Iniciação de Outro Curso de Graduação	71
Tabela 6 – Estado Civil	73
Tabela 7 – Número de Filhos	74
Tabela 8 – Participação na Vida Econômica da Família	74
Tabela 9 – Dúvida na Escolha entre Cursos	83
Tabela 10 – O Fator Tempo entre o 2º Grau e o Início da Graduação	83
Tabela 11 – A Idealização do Curso e a Escolha	84
Tabela 12 – Informações sobre Número de Disciplinas a Cursar	85
Tabela 13 – Referente aos Custos do Curso	86
Tabela 14 – Grau de Informação Recebido das Escolas	87
Tabela 15 – Grau de Informação das IES	87
Tabela 16 – Informações Obtidas na Internet	88
Tabela 17 – Informações Obtidas dos Meios de Comunicação em Massa	88
Tabela 18 – Grau de Informação dos Profissionais da Área do Curso	89
Tabela 19 – Informações de Livros, Revistas, Jornais da Área do Curso	90
Tabela 20 – Informações de Jornais, Revistas ou Guias Destinados aos Vestibulandos	90
Tabela 21 – Influência de Irmão(s) ou Cônjuge	92
Tabela 22 – Influência de Avós, Tios ou Primos	92
Tabela 23 – Influência de Amigos ou Colegas de Estudo	93
Tabela 24 – Influência de Superiores ou Parceiros de Trabalho	93
Tabela 25 – Influência de Professores ou Profissionais das Escolas Frequentadas	94
Tabela 26 – Influência de Irmão(s) ou Cônjuge como Fator de Decisão na Escolha do Curso	95
Tabela 27 – Importância das Orientações ou Anseios dos Pais	96
Tabela 28 – A Importância da Facilidade no Ingresso do Curso	96

Tabela 29 – A possibilidade de Ascensão Financeira como Fator de Decisão	97
Tabela 30 – A Importância do Custo das Mensalidades como Fator de Decisão	98
Tabela 31 – A Influência de Avós, Tios e Primos como Fator de Decisão	99
Tabela 32 – Facilidade de Ingresso na IES.....	99
Tabela 33 – Estímulo de Professores e Profissionais de Ensino como Fator de Decisão	100
Tabela 34 – A Adequação ao Emprego ou Atividade Atual como Fator de Decisão.....	100
Tabela 35 – A Importância da Orientação ou Teste Vocacional.....	102
Tabela 36 – A Proximidade da IES com o Trabalho ou Residência	102
Tabela 37 – Indicação de Amigos ou Colegas de Estudo como Fator de Decisão.....	103
Tabela 38 – A Importância da Qualidade da IES	103
Tabela 39 – Como pretende trabalhar.....	105
Tabela 40 – Qual a função desejada se pretende trabalhar como empregado no setor público ou privado	106
Tabela 41 – Dados Econômicos do Município de Caxias do Sul	119
Tabela 42 – Dados Socioeconômicos	120
Tabela 43 – Número de Estabelecimentos de Ensino e Alunos de 2º Grau.....	120

LISTA DE SIGLAS

FAI – Faculdade dos Imigrantes

FEE – Fundação de Economia e Estatística

FSG – Faculdade da Serra Gaúcha

FTEC – Faculdade de Tecnologia TECBRASIL

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituição de Ensino Superior

MEC – Ministério de Educação Cultura e Desporto

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio

RS – Rio Grande do Sul

UCS – Universidade de Caxias do Sul

UF – Unidade da Federação

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SM – Salário(s) Mínimo(s)

TCH – Teoria do Capital Humano

TS – Teoria da Sinalização

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 AS TEORIAS DE INVESTIMENTO EM EDUCAÇÃO, CAPITAL HUMANO E SINALIZAÇÃO.....	24
2.1 ORIGEM HISTÓRICA	24
2.2 CRÍTICAS À TEORIA.....	37
2.3 A TEORIA DA SINALIZAÇÃO	39
2.4 A DECISÃO DE CURSAR UM CURSO SUPERIOR.....	43
3 OS PROCESSOS DE DECISÃO NO ENSINO SUPERIOR.....	46
3.1 A VISÃO NA ESCOLHA.....	46
3.2 O QUE PODE DETERMINAR A ESCOLHA NO ENSINO SUPERIOR.....	47
3.3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	49
3.4 A AMOSTRA UTILIZADA	59
3.5 AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E O UNIVERSO ESTUDANTIL ...	59
3.6 ALGUMAS LIMITAÇÕES DA PESQUISA	62
4 EVIDÊNCIAS QUANTO ÀS ESCOLHAS DOS UNIVERSITÁRIOS DE CAXIAS DO SUL.....	63
4.1 A METODOLOGIA ADOTADA	64
4.2 A APURAÇÃO DOS RESULTADOS.....	65
5 CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICE A – DADOS SOCIOECONÔMICOS DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL - RS	119
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	123

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é analisar os principais fatores de decisão na definição ou escolha de um curso superior. Buscaremos definir o grau de importância desses fatores a partir de uma análise que tem como base uma amostra de 655 estudantes universitários de Caxias do Sul - RS. Procuraremos investigar dentro do tema proposto, os aspectos econômicos e sociais relevantes em relação às escolhas feitas tomando por base as teorias do capital humano e sinalização.

Fazer escolhas durante a vida é comum a todos. Neste contexto, e fazendo parte dele, advém a dúvida, a incerteza e o risco dos estudantes que se aproximam do término do ensino secundário, por ocasião de escolherem o curso superior a ser seguido. Estão frente a uma das decisões mais importantes em suas vidas. Qual o curso superior a fazer? É a grande pergunta daquele momento. Como decidir? Que fatores a considerar? Aconselhar-se com quem? Que curso seria o melhor, ante a tantas possibilidades? Vislumbrar somente o retorno financeiro? E os custos? Como obter um grau maior de certeza na escolha? Enfim, quais os fatores relevantes na tomada de decisão quanto à futura profissão ou escolha profissional. Este é o tema proposto na dissertação. Portanto a questão básica a ser investigada é a seguinte:

Que fatores os estudantes consideram para fazer a escolha de um curso superior?

O referencial teórico utilizado para dar suporte ao estudo é a Teoria do Capital Humano (TCH) e a Teoria da Sinalização (TS). A TCH está associada a retornos de investimento obtidos através da alocação de recursos em suas variáveis sendo a principal, educação. De acordo com a TCH, a relação entre educação e rendimentos é a produtividade. A TS enfatiza que a educação funciona como um sinalizador ou como um mecanismo de discriminação entre os tipos de trabalhadores num contexto de informação assimétrica no mercado de trabalho.

Assim sendo, surgem as principais **hipóteses** deste trabalho:

H₁ - o mercado de trabalho é sinalizador na escolha de um curso de graduação;

H₂ - o estudante decide com uma visão de curto prazo;

H₃ - o ambiente social e familiar do estudante influencia a sua decisão.

A importância deste trabalho se dá ao identificar as variáveis relevantes na escolha de um curso superior e, por conseguinte, na carreira profissional dos estudantes e futuros trabalhadores.

A escolha dos estudantes colocada dessa maneira nos estimula a pesquisar sobre que fatores são considerados no momento dessas escolhas.

Cada futuro universitário carrega consigo, incertezas e riscos percebidos sobre a sua carreira. Acercar-se de informações para a decisão em que curso seguir após o ensino médio, parece ser preocupação neste meio e nesta fase de seu ciclo de vida profissional.

Salienta-se a importância da pesquisa ao conhecer melhor o momento da decisão e a avaliação sobre esta decisão fundamental. Decisão esta que apontará um caminho profissional e pessoal que, em muitos casos, será para toda uma vida. Bianchetti (1996) avalia a condição do estudante ante o vestibular e argumenta que o dilema com o qual o aluno se defronta é muito sério. Há uma decisão a ser tomada que implica em perceber a amplitude desta decisão.

Nossos pontos de partida serão duas teorias: do Capital humano e da Sinalização, que originaram estudos onde se procurou modelar as escolhas com base na teoria do investimento e na escolha de carreiras.

A Teoria do Capital Humano surge no início dos anos 1960, com os estudos de Jacob Mincer, Gary Becker e Theodore Schultz, vindo a formalizar a importância da educação na ciência econômica. Encontramos ainda os primeiros tratamentos dados a esta questão por: Adam Smith (1776 Livro I, cap. 10), Alfred Marshall (1920). Smith (1776) explica o desenvolvimento nas primeiras páginas de sua obra: a divisão do trabalho – utilizada por ele em dois sentidos diferentes que seriam em tempos modernos: a especialização da força de trabalho, que acompanha o avanço econômico, e a alocação da força de trabalho entre várias linhas de emprego. Marshall (1920) considerava a economia como o estudo da humanidade nos negócios comuns da vida, ou seja, ciência do comportamento e não ciência da riqueza.

A TCH fundamenta-se em pressupostos básicos da teoria microeconômica neoclássica, quais sejam, o modelo de maximização da utilidade individual e o paradigma da escolha racional, além da noção de racionalidade instrumental. Dessa forma, o investidor em capital humano equivale ao homem econômico racional, que maximiza sua utilidade individual em termos da aquisição de uma melhor educação.

Nesta teoria os investimentos em educação tornam as pessoas, pela sua qualificação pessoal e profissional, mais produtivas. Como consequência, pessoas mais produtivas devem receber remunerações mais elevadas. Temos assim uma relação entre investimentos e educação e retornos. As variáveis apresentadas pela teoria do capital humano são: educação formal, que tem sido a mais representativa, a saúde, migração, treinamento no local de trabalho (*on the job training*) e a busca de informações sobre emprego (*job search*). Contudo, aqui iremos tratar apenas da educação.

Tanto Gary Becker quanto Theodore Schultz destinaram atenção especial ao investimento no ensino superior. Becker (1983) apresentou uma análise específica do ensino superior, identificando o retorno obtido entre os licenciados e os bacharéis americanos nos anos de 1939 e 1949, distinguindo as diferenças por sexo e por cor. Se a educação universitária representasse um investimento bastante atrativo, haveria uma tendência de se investir mais nesse tipo de educação. Por outro lado, o autor também destaca que, existem retornos privados e sociais para o ensino superior que é difícil de serem calculados com precisão. Além disso, no momento de decidir iniciar um curso superior, vários fatores estão envolvidos. Além de um rendimento maior, está implícita no processo de escolha do estudante, dentre outros fatores, a sua atitude em relação à vida universitária e ao estudo e o tipo de atividade que desenvolve se já estiver no mercado de trabalho e outros custos implícitos.

Ehrenberg e Smith (2000) também analisam a demanda por educação universitária na qual os indivíduos decidem freqüentar uma universidade, por exemplo, por acreditarem que ela os deixará em situação melhor, ou seja, receberiam salários mais elevados. Pode ser que o ensino superior seja visto apenas como um bem de consumo, com benefícios imediatos. No curto prazo, o indivíduo pode apenas pensar na satisfação obtida com o estilo de vida estudantil. Contudo visto como uma decisão de longo prazo, o ensino superior pode trazer outros benefícios, como a possibilidade de ter acesso a empregos mais valorizados, de ter rendimentos mais altos ou de ter um maior prestígio (*status*), tanto profissional quanto pessoal, no futuro.

NÉRI (2005) argumenta que existe um diferencial de salários entre quem vai à universidade e os demais. Para níveis mais elevados de educação (mestrado e doutorado), em algumas áreas como Medicina, Administração e Economia os

salários são cerca de 1503% maiores do que para aqueles que nunca freqüentaram a escola. Até mesmo no caso de alfabetização de adultos o salário é 10% superior se comparado aos adultos que são analfabetos. Além disso, a chance de uma pessoa estar ocupada é 66% superior entre os que freqüentam a alfabetização de adultos e aqueles que nunca freqüentaram a escola. O estudo de NÉRI (2005) nos traz diversos dados a respeito dos retornos da educação. Vejamos a Tabela 1.

Tabela 1 - Retornos da Educação

	Ranking geral	Ranking	Diferenciais de salários		Ranking	Chance de ocupação	
			Controlado (%)	Salário (2005)		Controlado	Probabilidade de estar ocupado (%)
Medicina (mestrado ou doutorado)	1	2	1.503	3.166,00	1	18,00	89
Medicina (graduação)	2	6	1.175	2.666,94	5	13,23	88
Administração (mestrado ou doutorado)	3	1	1.524	4.712,12	15	9,41	87
Econômicas e Contábeis (mestrado ou doutorado)	4	3	1.367	4.459,97	21	8,17	83
Engenharia (mestrado ou doutorado)	5	4	1.365	2.554,62	20	8,35	77
Direito (mestrado ou doutorado)	6	5	1.347	2.066,16	27	7,74	80
Propaganda e Marketing (graduação)	7	14	974	1.784,58	24	7,97	77
Ciências da Computação (graduação)	8	27	783	3.534,83	12	10,17	87
Arquitetura e Urbanismo (graduação)	9	24	847	1.145,30	19	8,47	83
Freqüente (mestrado ou doutorado)	10	21	864	255,46	40	5,85	52
Engenharia (graduação)	11	11	1.070	4.965,27	53	4,60	90
Direito (graduação)	12	20	896	1.416,12	44	5,52	66
Comunicação Social (graduação)	13	30	755	2.895,13	35	6,20	79
Psicologia (graduação)	14	36	676	1.512,05	31	7,07	72
Administração (graduação)	15	34	728	1.740,24	43	5,66	67
Letras (graduação)	16	51	476	1.533,48	28	7,69	73
Ciências Econômicas (graduação)	17	25	815	1.341,14	55	4,35	72
História (graduação)	18	57	400	1.204,44	23	8,01	72
Pedagogia (graduação)	19	52	453	2.897,94	32	6,80	86
Teologia (graduação)	20	61	286	1.999,91	56	4,13	79
Freqüente (graduação)	21	60	327	2.477,54	61	3,02	82

Continua...

	Ranking geral	Ranking	Diferenciais de salários		Ranking	Chance de ocupação	
			Controlado (%)	Salário (2005)		Controlado	Probabilidade de estar ocupado (%)
Ensino Médio ou 2º Grau	22	65	218	2.515,00	60	3,53	88
Não concluiu 2º Grau	23	67	163	1.394,06	63	2,37	74
Freqüenta- supletivo (2º grau)	24	68	146	526,25	62	2,61	40
Ensino Fundamental ou 1º grau	25	70	135	695,90	64	2,20	70
Freqüenta-pré vestibular	26	64	221	831,26	77	1,43	63
Freqüenta-supletivo (1º grau)	27	75	85	293,38	68	1,72	35
Não concluiu 1º grau	28	77	72	586,48	70	1,67	64
Antigo primário	29	78	71	756,92	74	1,64	48
Alfabetização de adultos	30	82	10	498,66	72	1,66	49
Freqüenta- ensino fundamental	31	76	74	339,57	79	1,14	49
Já frequentou e não concluiu- antigo primário	32	80	28	565,05	76	1,47	53
Freqüenta-alfabetização de adultos	33	81	10	214,15	75	1,56	53
Nunca frequentou	34	83	0		80	1,00	

Fonte: MICRODADOS..., 2005, p. 21.

A Tabela 1 nos mostra de que a educação está associada a possibilidade de salários mais elevados e a uma probabilidade de estar ocupado mais elevada. Ainda a esse respeito, Corseuil (2002) afirma que o efeito da educação sobre salários é maior nos níveis mais altos e que essa diferença vem crescendo. Um trabalho pioneiro sobre este tema no Brasil foi desenvolvido por Langoni (1973). O autor investigou os diferenciais de salários e níveis educacionais e destacou que as disparidades educacionais existentes entre os trabalhadores constituíam-se no principal fator determinante desses diferenciais.

Schultz (1973), ao se perguntar sobre quem deve tomar decisões na destinação de recursos para o ensino superior, opina em nome da soberania do estudante. De acordo com o autor, o auto-interesse privado dos estudantes é que deve fornecer o necessário elemento racional. E com base neste *insight* de Schultz (1973) que esta pesquisa é feita. Busca-se analisar, detidamente, quais foram os fatores determinantes da escolha do curso superior, com base na tomada de decisão dos agentes.

O auto-interesse privado do tomador (estudante) de decisão racional

possibilitaria ao mesmo, classificar todas as possíveis situações de mundo futuro de sua utilidade subjetiva ou da sua satisfação individual. Estaríamos diante de um homem econômico racional e do pressuposto implícito de que os indivíduos possuem sistemas cognitivos capazes de tomar decisões racionais.

Apesar de que em níveis de instrução mais altos, a questão individual é mais crucial, até porque, para Schultz (1973, p. 168), “[...] a educação superior ‘não é neutra’, certamente, em seus efeitos de distribuição pessoal de renda, alguns indivíduos e algumas famílias, indubitavelmente, conquistam fluxos de renda futuros em parte às expensas dos outros.”.

A esse respeito, Ehrenberg e Smith (2000, p. 325) comentam que, na verdade, poucos estudantes efetuam esses cálculos precisos identificados na formulação anterior no momento em que decidem cursar uma universidade. Eles acrescentam que mesmo que esses estudantes efetuem estimativas menos formais, mas considerem os mesmos fatores, podemos inferir quatro possíveis resultados no que diz respeito à demanda pela educação universitária:

- a) o primeiro presume que pessoas com o olhar no presente teriam menor propensão de ir à universidade do que as pessoas com os olhos voltados para o futuro (*forward looking*), mantendo-se os outros fatores constantes;
- b) o segundo presume que a maior parte dos estudantes universitários seja jovem;
- c) o terceiro presume que a freqüência à universidade diminui na medida em que os custos se elevam, mantendo-se os outros fatores constantes;
- d) o quarto presume que a freqüência à universidade ira aumentar à medida que aumentar a diferença entre os ganhos dos formados em universidades e os formados em nível de ensino médio, novamente se mantendo a condição *ceteris paribus* (tudo o mais permanecendo constante). E a respeito de incerteza, Ehrenberg e Smith (2000, p. 328) argumentam que:

[...] os benefícios esperados em qualquer pessoa são um tanto incertos. Os ganhos futuros nunca podem ser previstos perfeitamente, muitos estudantes estão incertos sobre sua opção ocupacional mais tarde e outros estão inseguros sobre as possibilidades de completar seu programa de escolha.

De outro modo, como ressaltam os autores,

[...] os retornos *médios* recebidos pelos recém-formados em universidades têm uma importante influência sobre as decisões dos estudantes. Assim se o diferencial médio dos ganhos entre os recém-formados na universidade e os recém-formados na escola secundária de idade semelhante for se estreitar, deveríamos esperar encontrar taxas de matrículas universitárias em queda posteriormente. Em contraste, se esse diferencial se ampliasse, as taxas de matrícula deveriam aumentar. (EHRENBERG; SMITH, 2000, p. 328).

Sobre a condição psicológica do estudante e suas decisões March (1993), salienta que as diferenças entre o tratamento dado aos gostos em nossos modelos, e como eles aparecem em nossas experiências produzem um fenômeno comportamental que nem sempre se acomoda dentro das suposições neoclássicas. Em advertência, o autor diz que podemos construir nossas preferências, tratá-las estrategicamente, confundi-las, evitá-las, esperar que elas mudem ou suprimi-las.

O fato de entender que tais padrões de comportamento sejam um tanto comuns entre estudantes ou mesmo indivíduos, nos leva a pensar que possam ser passíveis de ser um padrão geral de comportamento. Dessa maneira, se deduz que uma meta aparentemente imprecisa, como a **racionalidade** limitada, não deveria ser entendida necessariamente como uma falha no comportamento humano a ser corrigida, mas como uma forma de inteligência. Na visão de March (1993) a racionalidade limitada é uma maneira de aprimorar as escolhas através do uso da inteligência, não devendo ser ignorada.

Considerando esses pressupostos, compreendemos que o indivíduo racional que investe no ensino superior seja capaz de prever as mais variadas situações do mundo futuro, ou possibilidades de atuação profissional, associados à aplicação dos conhecimentos adquiridos, a partir da modalidade e do nível de ensino formal que ele escolheu como preferido, dentre as diversas opções que lhe são apresentadas.

O indivíduo teria a sua disposição as melhores informações sobre o mercado de trabalho e a sinalização de que um maior nível de educação corresponde a um maior nível de rendimento.

Já a Teoria da Sinalização, formulada originalmente por Spence (1973, 1974), tem como objetivo analisar situações em que as partes de um contrato estão

interessadas em sinalizar alguma característica antes que o contrato seja firmado ou assinado. Um sinal é uma atividade, ou uma decisão, que busca mostrar que um determinado agente tem certas habilidades ou características ou possui certas informações, ou em outras palavras, que o agente pertence a certo subconjunto da população. O objetivo de Spence (1973, 1974) foi o de apresentar um *outline* referente a um aparato conceitual dentro do qual o poder da sinalização da educação pudesse ser usado para distinguir os tipos de indivíduos.

No modelo de sinalização educacional os empregadores usam os níveis educacionais como um meio de identificar os trabalhadores que são os potencialmente mais produtivos e isto capacita àqueles trabalhadores a serem pagos e receberem um salário maior que os outros trabalhadores que são empregados para executar a mesma tarefa. A importância da sinalização como referencial teórico, refere-se a situações onde é possível transmitir, de um modo crível, informações privadas a parte menos informada via o uso de sinais que são tornados públicos, no caso aqui, a educação.

Dentre os procedimentos metodológicos, propõe-se uma pesquisa de campo. Para a viabilização de uma proposta empírica, elegemos como técnica básica a pesquisa de levantamento, por meio de uma amostragem. Cabe salientar que a pesquisa fora realizada na cidade de Caxias do Sul - RS.

Ao selecionarmos a nossa amostra foram considerados:

- a) Alunos matriculados nas universidades ou faculdades da cidade;
- b) Preferencialmente alunos de primeiro ano de graduação, tendo em vista a proximidade da escolha do curso;
- c) Apenas os alunos presentes na sala de aula no momento da entrega do questionário¹.

Existem diversos instrumentos utilizados no levantamento de dados para pesquisas. Nossa opção foi por um questionário aplicado; considerando tipo de levantamento, circunstâncias, recursos disponíveis, tecnologia no processamento das respostas, características dos respondentes e entrevistadores. Segundo Medeiros (2005), deve-se procurar no questionário premiar o processo completo da pergunta, da resposta e de seu registro, a orientação para a leitura, a tipografia que orienta o preenchimento e o processamento, as instruções para os respondentes e a

¹ Questionário: Apêndice B.

disposição dos enunciados. Deve-se ter especial atenção, também, para o registro das respostas. O questionário fora auto-explicativo. A análise dos dados ocorrerá através de técnicas de estatística descritiva, como análises de frequência e tabulação cruzada, além de medidas de associação ou correlação entre as variáveis. As médias observadas nas perguntas serão igualmente analisadas.

No primeiro capítulo da dissertação abordaremos a Teoria do Capital Humano e a Teoria da Sinalização. No segundo capítulo, utilizaremos os dados do questionário aplicado, junto com as teorias apresentadas, para verificar os principais fatores da tomada de decisão. No terceiro capítulo, mostraremos os principais resultados obtidos após a análise dos dados colhidos pela pesquisa efetuada. Pretendemos descrever as principais relações que se estabelecem entre as variáveis especificadas. A situação socioeconômica e as escolhas serão analisadas. Finaliza-se este estudo com as considerações finais referentes aos capítulos anteriores.

2 AS TEORIAS DE INVESTIMENTO EM EDUCAÇÃO: CAPITAL HUMANO E SINALIZAÇÃO

Neste capítulo apresenta-se a Teoria do Capital Humano (TCH) e a Teoria da Sinalização (TS). O objetivo é buscar neste instrumental teórico a fundamentação para as escolhas tomadas por alunos do curso secundário tendo como objetivo o seu ingresso no ensino de nível superior. Serão apresentados aqui os principais autores, pressupostos, modelos e implicações destas teorias.

2.1 ORIGEM HISTÓRICA

Gary Becker (1962) realizou o primeiro tratamento geral e rigoroso para a questão da educação e do investimento em capital humano. Defendeu a importância do investimento em capital humano sob o ponto de vista individual.

Theodore Schultz (1973) considerou que o investimento em capital humano era diferente do consumo, tanto pelas suas dimensões quantitativas quanto pelas dimensões qualitativas. Não obstante a dificuldade de medição desse tipo diferenciado de capital, algumas atividades poderiam ser destacadas como promovendo as capacidades humanas.

Advinda dos esforços destas duas linhas de pesquisa desenvolvidas de maneira simultânea, nasceu a Teoria do Capital Humano (TCH). Além de procurar medir a contribuição da educação voltada para o crescimento econômico, empenharam-se em trazer respostas a outros fenômenos para os quais a teoria econômica tradicional encontrava apenas respostas frágeis. Como exemplo, pode-se citar: a evolução dos salários no ciclo da vida, determinantes da distribuição de renda, o desemprego, estruturas salariais e tendências históricas, relação entre habilidades inatas e rendimentos monetários, a importância do treinamento oferecido pelas empresas a seus colaboradores, dentre outras.

Nos anos de 1960 a teoria ganhou destaque a partir da publicação do artigo *Investment in Human Capital*, em 1962, de Gary Becker. Segundo Becker (1962),

capital humano é qualquer atividade que implique num custo no período corrente e que aumente a produtividade no futuro. A análise pode ser efetuada dentro da estrutura da teoria do investimento. Esta análise nos ajuda a compreender uma grande e variada classe de comportamentos dos indivíduos.

Becker em suas obras sugere que o investimento em capital humano compensa financeiramente, em termos de oportunidade para a aquisição de novas capacitações e em termos de maiores garantias no acesso ao mercado de trabalho, ainda que esta decisão não esteja livre de incertezas. O autor trata basicamente da análise de custos e benefícios de se investir em formação e em educação. Nesse sentido, Becker examina a formação no trabalho, especialmente no que diz respeito ao comportamento das empresas (formação geral *versus* formação específica). Ainda analisa o complemento existente entre a aprendizagem e o trabalho e entre a aprendizagem e o tempo, assim como a outros tipos de investimento, como a saúde física e psíquica. Os objetivos dos ensaios de Becker (1976, 1993) foram o de explicar detalhadamente os principais atributos da abordagem econômica do comportamento humano.

Tratam-se os recursos humanos como sendo capital, sendo o resultado de uma decisão de investimento, principalmente na variável escolaridade, visando futuras recompensas. Neste sentido, Ribeiro, Campos e Florissi (2006) destacam que a educação foi sempre discutida e considerada como um dos meios em que o indivíduo pode gerar benefícios para si e seus semelhantes.

Entre os adeptos da Teoria do Capital Humano, o papel da educação seria o de variável transportadora para o aumento do bem-estar dos indivíduos e seus familiares. A escolaridade é geralmente associada ou compensada com um aumento de salários, donde se afirma que educação incorporada ao ser humano é uma fonte de capital humano.

Simplificando-se ao extremo, pode-se afirmar que o ponto central da teoria do capital humano baseia-se na idéia de que quanto mais qualificada fosse uma pessoa, em decorrência da educação ou do treinamento recebido, (pela ordem, em escolas e empresas) mais produtivo ele seria. De outro modo, pode-se dizer que quanto maior o investimento em educação, maiores seriam as rendas. Para Friedman (1984, p. 95), por exemplo:

Trata-se de uma forma de investimento em capital humano precisamente análoga ao investimento em maquinaria, instalações ou outra forma qualquer de capital não humano. Sua função é aumentar a produtividade econômica do ser humano. Se ele se torna produtivo, será recompensado, numa sociedade de empresa livre, recebendo pagamento por seus serviços – mais alto do que receberia em outra circunstância. Essa diferença no retorno é o incentivo econômico para o investimento de capital – quer sob a forma de uma máquina quer em termos de ser humano.

Para Mincer (1958, 1962), os investimentos em capital humano possuem várias categorias que podem ser descritas numa cronologia de ciclo de vida: recursos alocados com as crianças e com o desenvolvimento infantil, representados pelos investimentos na pré-escola. Os investimentos em educação formal, treinamento no local de trabalho, *learning, job search* e a migração. Além desses os investimentos em saúde que continuam ao longo da vida das pessoas.

Segundo o Modelo Discreto de Investimento em Capital Humano, o problema da escolha de quanto capital humano um indivíduo acumulará durante a vida é um problema de maximização de utilidade intertemporal, onde a utilidade é dada por sua renda. Considera-se que externalidades advindas da educação sejam ignoráveis e de que não haja treinamento, ou seja, que a educação formal é a única maneira de acumular capital humano. Uma outra suposição é a de que o capital humano não se deprecia com o tempo. Para eliminar as diferenças sociais entre os indivíduos estamos imaginando que todos têm as mesmas oportunidades de educação. Uma suposição necessariamente forte, mas necessária. De outro modo, não se leva em conta o fato de que pessoas mais inteligentes têm uma maior probabilidade de obterem mais altos níveis de escolaridade.

Assim sendo, a escolha de quanta escolaridade e, por conseguinte, quanto capital humano acumular, dependerá dos custos para tal e dos benefícios a serem adquiridos ao longo da vida ativa.

Supõe-se aqui que:

- a) o indivíduo permanece no mercado de trabalho até os 65 anos;
- b) os salários são constantes para um dado nível de educação;
- c) existem dois níveis de educação, o universitário e o nível médio.

É necessário encontrar o Valor Presente para que esta análise seja efetuada.

Um indivíduo irá à universidade se:

$$VP_{univ} > VP_{médio}$$

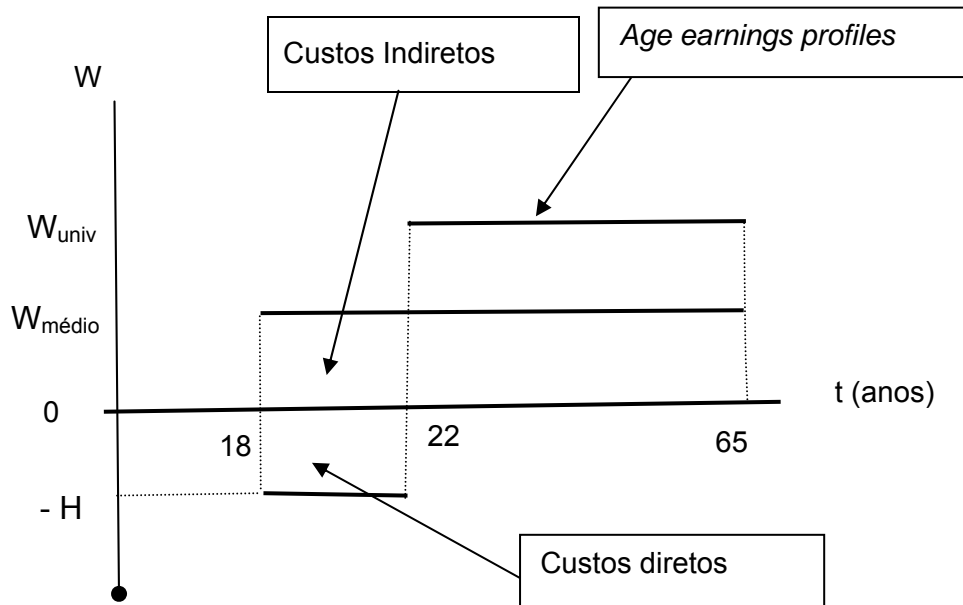


Gráfico 1 – Modelo Discreto de Investimento em Capital Humano

Fonte: Adaptado de Borjas (1996, p. 224).

Sendo:

H = custos da educação.

W_{médio} = salário para o indivíduo do ensino médio.

W_u = salário para o indivíduo do ensino universitário.

t₁₈ = período em que conclui o ensino médio.

t₂₂ = período em que conclui o ensino universitário.

t₆₅ = período em que se aposenta.

Pressupostos básicos do modelo:

(i) Maximização da utilidade.

Os trabalhadores adquirem um nível de habilidade que busca maximizar o valor presente dos rendimentos ao longo do seu ciclo de vida.

- (ii) O trabalhador enfrenta um *trade off* associado a cada decisão de continuar a estudar ou não, que dependerá dos retornos obtidos, dos custos de educação que ele fará e de sua taxa de desconto intertemporal.
- (iii) r é a taxa de desconto intertemporal dos indivíduos, que mostra como ele encara o presente e o futuro ou qual importância ele atribui ao presente e ao futuro.
- (iv) Aqui assumimos, por motivos de simplificação que não há *on the job training* e que as habilidades obtidas na escola ou na universidade não se depreciam ao longo do tempo. Este pressuposto implica que a produtividade do trabalhador não muda uma vez que ele deixa a escola ou a universidade, de modo que podemos considerar que seus rendimentos serão constantes ao longo de seu ciclo de vida.
- (v) O preço dos produtos vendidos pelas firmas é assumido ser igual a 1.
- (vi) O ensino médio implica que o indivíduo irá adquirir uma produtividade igual a $PMg_{\text{médio}}$ e que seu salário será igual a $W_{\text{médio}}$. Já no ensino universitário, temos que a produtividade adquirida é igual a PMg_u e seu salário será igual a W_u . Por conseguinte temos que $W_u > W_{\text{médio}}$.

Percebemos que a taxa de desconto intertemporal é um dos fatores determinantes na decisão do indivíduo. Uma taxa de desconto relativamente baixa indica que há uma tendência do indivíduo de abdicar de renda presente em relação a rendas futuras. Pode-se colocar a expressão acima em termos de fluxo de benefícios futuros (B) e de custos (C):

$$VP = \frac{B}{(1+r)} + \dots + \frac{B}{(1+r)^t}$$

Sendo que;

B_t = Benefícios em t períodos

r = Taxa de juros

Ao interpretarmos o modelo discreto de investimento em capital humano cita-se que há apenas duas possibilidades de níveis de educação para os indivíduos: o universitário e o ensino médio.

A escolha de um indivíduo por um determinado nível de escolaridade significa que o seu trabalho terá uma produtividade marginal igual ao custo marginal da conquista deste patamar de educação. Supõe-se, também, que a produtividade advinda do ensino universitário é maior do que a do ensino médio:

$$PMg_{\text{universitário}} > PMg_{\text{médio}}$$

Os retornos marginais no modelo são iguais, nesse caso a desigualdade acima origina salários dos indivíduos com ensino superior, maiores que os indivíduos que possuem apenas o ensino médio.

$$W_{\text{universitário}} > W_{\text{médio}}$$

Como assumimos de que a decisão de um indivíduo é maximizar o valor presente dos rendimentos ao longo do ciclo da vida, temos que ele desejará ir para a universidade se o valor presente dos rendimentos da universidade forem maiores que o valor presente do ensino médio.

O indivíduo irá investir em capital humano até o ponto no qual os retornos marginais da educação sejam iguais aos custos marginais. Isto pode ser verificado através do modelo básico em tempo contínuo. A fórmula a seguir consta em Jones (1993, p. 6).

$$\int_0^t C_i e^{-rt} di = \int_t^T R_i e^{-ri} di$$

Sendo:

C_i = custos marginais de uma unidade de educação e treinamento período;

R_i = retorno do treinamento no período;

r = taxa de juros;

t = período de aprendizado ou educação;

T = período final.

Com base nestes pressupostos, podemos derivar as seguintes implicações:

- a) quanto maior o hiato entre T e t , maiores serão os retornos da educação – *ceteris paribus*;
- b) quanto menor for o sacrifício em termos de custo C_i , envolvidos no investimento em capital humano, maior será o investimento;
- c) quanto maiores forem os retornos da educação R_i , maiores serão os investimentos em educação; *ceteris paribus*;
- d) quanto maior for a taxa de juros r , menor será a demanda por educação;
- e) os investimentos em educação tendem a ocorrer na medida em que os benefícios marginais descontados excedem os custos marginais descontados. De outra forma, para haver investimentos em educação os retornos devem ser positivos.

Qualquer fator que reduza os custos deve levar a um aumento das matrículas, as matrículas estão concentradas entre os jovens adultos e que as pessoas que não esperam trabalhar de forma contínua na força de trabalho devem ter menores taxas de matrículas. A razão deste fato é o de que elas teriam um tempo menor para recuperar o seu investimento. Pode-se dizer, ainda, que quanto mais longa for a participação no mercado de trabalho, maiores serão os retornos do investimento em capital humano.

De outra parte, pode-se assumir que as competências individuais não sejam dadas unicamente no momento do seu nascimento, do seu ingresso no mercado de trabalho ou da conclusão de sua escolarização. Pode-se entender que as competências sejam desenvolvidas por meio de diversas entidades (empresas, escolas), as quais têm os atributos de investimento. De acordo com Schultz (1973), os economistas, até então, haviam negligenciado o fato de que o esforço humano pode ser alterado significativamente em termos de sua “qualidade” e de que as pessoas investem em si mesmas numa magnitude considerável. Dessa forma, nas suas palavras, “[...] ao investirem em si mesmas, as pessoas podem ampliar o raio de escolha posto à sua disposição. Esta é uma das maneiras por que os homens livres podem aumentar o seu bem-estar.” (SCHULTZ, 1973, p. 33).

Pode ser observado ainda que haja transmissão de níveis de educação entre pais e filhos. Isto sugere que a distribuição da escolarização é fortemente influenciada pela experiência da última geração. A observação que surge é a de que

existe um forte mecanismo de transferência de valores e/ou de talentos de uma geração para a outra que a sucede.

Becker (1983) faz uma análise geral sobre o investimento em capital humano por meio de uma tentativa de unificar uma série de observações empíricas (da realidade). O autor observa o indivíduo utilizando seu tempo durante as diferentes etapas da sua vida. Dentre as constatações empíricas apontadas pelo autor, pode-se destacar:

- I. a remuneração individual normalmente aumenta com a idade, mas a uma taxa decrescente;
- II. a distribuição da remuneração recebida pelo trabalhador evidencia uma assimetria positiva em direção ao mais qualificado;
- III. quanto mais capacitado for o indivíduo, menor será a taxa de desemprego para o mesmo;
- IV. o jovem, comparativamente ao indivíduo mais velho, tende a mudar de trabalho mais freqüentemente e a receber mais instrução no local de trabalho;
- V. a pessoa mais hábil recebe mais educação e outros tipos de formação que as demais;
- VI. “[...] o investidor típico de capital humano é menos reflexivo e, por isso, tem mais probabilidades de errar do que o investidor típico em capital físico.” (BECKER, 1983, p. 28).

A educação cria as habilidades que os trabalhadores ofertam no mercado de trabalho e que determinam assim suas produtividades e rendimentos potenciais. Ainda é importante destacar de que o investimento em capital humano não é somente em educação. As variáveis apresentadas na teoria do capital humano, além da **educação formalmente legalizada** (elementar, secundária e superior) são; os **recursos destinados à saúde e aos serviços** (que afetam a expectativa de vida e a vitalidade do indivíduo), **o treinamento no local de trabalho**, **os programas de extensão** (principalmente na agricultura) e **a migração de indivíduos e famílias** em busca de melhores oportunidades de emprego.

No que se refere às bases metodológicas da TCH, temos que:

[...] fundamenta-se nos pressupostos básicos da microeconomia neoclássica, quais sejam, o modelo de maximização da utilidade individual e o paradigma da escolha racional. Portanto, o *investidor em capital humano*, aqui, é tomado enquanto *homem econômico racional*, que maximiza sua utilidade individual em termos da aquisição de educação. Nesses termos, podemos deduzir que o indivíduo racional que investe em educação é capaz de prever todos os possíveis *estados de mundo* associados à aplicação dos conhecimentos adquiridos, a partir do(s) curso(s) que escolheu como preferido(s) entre o conjunto de meios de formação ou instrução possíveis. Isso porque esse indivíduo teria a sua disposição informações sobre o mercado de trabalho e a sinalização de que um maior nível de escolarização corresponde a um maior nível de rendimento. (MORETTO, 2002, p. 33).

Dentre os teóricos do capital humano, Becker (1962) oferece um tratamento mais formal e rigoroso, analisando os retornos à escolarização em termos de rendimentos futuros. Entretanto a função de rendimentos do capital humano de Mincer (1974), (*human capital earnings function*) tem sido difundida e muito utilizada para verificar ou determinar o valor da educação, no que se refere ao retorno em rendimentos percebidos pelos indivíduos. A análise de Mincer nos diz que o retorno nos rendimentos de um indivíduo em determinado período, está relacionado com o nível de suas habilidades. Esse retorno dá-se pelo estoque de capital humano incorporado ou acumulado ao longo desse período.

Várias são as particularidades, implícitas ou explícitas, do marco teórico que já apresentamos. A seguir apresentamos mais algumas considerações que julgamos de importância, além de apreciações a respeito das mesmas.

a) As Características da Oferta Determinam a Produtividade

Para a Teoria do Capital Humano, as características da oferta (sejam elas naturais ou adquiridas) determinam a produtividade. As características da demanda de trabalho (tipo de firma, tecnologia, etc.) não são incorporadas na análise. Acumular capital humano implica maior produtividade e maiores rendimentos. Não existem mediações. Por exemplo, tipo de posto de trabalho que possibilite aproveitar o capital humano acumulado.

b) Continuidade

Todo incremento de educação se deve traduzir em um incremento de produtividade e, conseqüentemente, em maiores salários. Não deveriam existir “saltos” ou “rupturas”. Nessa perspectiva, não poderia caber um fenômeno como “Efeito-Diploma”, onde sem um diploma (finalização de um curso) não existem ganhos salariais (ou os ganhos são menores). Para o Brasil, Crespo e Reis (2006) apresentam evidências de que a conclusão de graus de educação tem efeitos significativos sobre os rendimentos. Concluem que não apenas cada ano a mais de escolaridade gera um determinado aumento percentual nos rendimentos, como esse ganho pode ser bastante significativo se o ano adicional de educação está associado a um grau completo. Estimam que para o primário completo, o aumento é de 15% nos rendimentos. Já para o secundário e o superior, foram estimados efeitos-diploma de 18% e 23%, respectivamente.

c) Todo Indivíduo é um “Capitalista de si mesmo”

Coerente com os princípios neoclássicos de individualismo metodológico (toda a construção teórica é desenvolvida a partir da conduta maximizadora de um agente econômico), a Teoria do Capital Humano supõe que o indivíduo se autogerencia como um capital. Ele vai investir em “si mesmo” seguindo os mesmos princípios de viabilidade que utiliza qualquer investidor para desenvolver um projeto. Um pressuposto central da abordagem econômica é que os indivíduos agem com um objetivo. Eles têm comportamento racional¹.

¹ O **comportamento racional** envolve **método** e **resultado**.

Método – aqui o comportamento racional significa a seleção de uma ação com base na lógica, ao invés do comportamento habitual, emocional ou preconceituoso.

Resultado – é uma ação que chega aos objetivos desejados.

A racionalidade para Becker (1976, 1993) é um conceito instrumental. Ela requer, entretanto a existência de objetivos, embora o economista enquanto cientista social não se pergunte como é que tais objetivos são formados. Somente os resultados líquidos deste processo é que são relevantes para a economia.

A análise econômica é baseada na noção de que os indivíduos alocam prioridades aos seus desejos e escolhem as suas opções preferidas entre as alternativas disponíveis.

d) A Pessoa e seu Capital Humano não são “separáveis”

Não obstante ser abordado como um processo de investimento qualquer, o capital humano acumulado por uma pessoa não pode ser separado do indivíduo. O capital humano acumulado por uma pessoa não pode ser “vendido” ou “cedido”, está inseparavelmente ligado ao próprio agente econômico. Este fato, que parece uma verdade incontestável, é de crucial importância, tanto teoricamente como em termos de formulação de políticas públicas. Um exemplo possibilitará ilustrar essa importância. Imaginemos que um empregador cogite investir na formação de indivíduos por ele empregados. Suponhamos que, ao elevar a produtividade de seus assalariados, a comparação entre custos de treinamento e os benefícios (maior produtividade) evidencia a conveniência de implementar esse “projeto”. Ou seja, esse projeto de investimento em formação de recursos humanos é assumido, pelo empregador, como qualquer outro investimento (compra de máquinas, por exemplo). Contudo, ao investir em um equipamento, ele torna-se proprietário do mesmo. Contrariamente, investir no treinamento de seus empregados implica em risco, dado que o indivíduo pode deixar esse emprego e, nessas circunstâncias, leva consigo o capital humano pago pelo empregador. Isto levou Becker (1962) e Oi (1962) a distinguir entre capital humano geral e específico. As firmas incorrem em certos custos no emprego e contratação de mão-de-obra. Tais custos constituem-se num investimento em sua força de trabalho. Como exemplo pode-se citar: treinamentos, contratação, plano médico, seleção, recrutamento, anúncios.

e) Componentes do Capital Humano

Embora já abordado anteriormente o capital humano é muitas vezes vinculado à educação formal (anos de estudo no sistema escolar). Contudo, ainda que essa possa ser uma das principais fontes de acumulação de capital humano, este pode ser acrescido por outras variáveis, como treinamento profissional, reciclagem, experiência no próprio emprego com acumulação de técnicas e habilidades, a migração de pessoas e famílias e os investimentos em saúde que proporcionam uma vida mais saudável e longa. A partir desses diversos componentes se explica que, dado um nível de escolaridade, as séries estatísticas para todos os países indicam que na medida em que transcorrem os anos, os

rendimentos médios dos indivíduos crescem. Esse fato se explicaria pela acumulação de capital humano pela experiência, além de, logicamente, possíveis cursos de formação e reciclagem que um indivíduo possa realizar. O ambiente familiar, especialmente na primeira infância, pode ser outro dos componentes de acumulação de capital humano. Os psicólogos e pedagogos continuamente enfatizam a importância que os estímulos, carinho, segurança, alimentação, etc. que uma criança recebe nos seus primeiros anos possui sobre o caráter, a flexibilidade de adaptação às mudanças no contexto e até a capacidade cognitiva na vida adulta.

f) Reversibilidade do Capital Humano Acumulado

Ainda que muitos autores sustentem que o capital humano acumulado é irreversível, uma vez que está indissolúvelmente ligado à própria pessoa, em realidade, o mesmo está sujeito a decréscimos. Duas alternativas são possíveis. A primeira está associada à perda de habilidades e técnicas apreendidas se elas não são utilizadas corriqueiramente. Com o transcorrer do tempo, o capital humano acumulado e não utilizado pode entrar em um processo de “depreciação”. A segunda alternativa que explica a possibilidade de uma depreciação do capital humano de um indivíduo diz respeito às mudanças no ambiente, que tornam suas habilidades e conhecimentos obsoletos. Podemos imaginar duas possibilidades. A primeira tem como origem uma possível mudança nos gostos dos consumidores, que tem como consequência que os bens ou serviços vinculados a um tipo específico de habilidades e técnicas caem em desuso (ensino do latim). A segunda possibilidade está vinculada a uma mudança tecnológica, que torna vetusto o capital acumulado por um indivíduo (conceito de máquina de escrever, uso de mimeógrafo, etc). Podemos concluir que, não obstante ser indissociável de seu detentor existe a possibilidade de uma reversão no capital humano acumulado.

g) Financiamento do Capital Humano

Se os investimentos em educação e capacitação podem ser vistos sob um prisma válido para qualquer processo de investimento, é factível imaginar a possibilidade de uma pessoa recorrer a uma linha de crédito para financiar sua educação. Assim como o sistema financeiro viabiliza um empreendimento cuja taxa

de retorno seja superior à taxa de juros a ser paga pelo crédito, uma pessoa sem recursos poderia recorrer a esse sistema para viabilizar sua formação. Esse suposto pode ser muito relevante em certas ocasiões. Tomemos o caso da armadilha da pobreza. Em geral, a superação da pobreza está cercada de uma série de restrições porque o indivíduo não teria os recursos necessários para sua formação e os imperativos de sobrevivência no curto prazo o impeliria a participar no mercado de trabalho. Sob a perspectiva da Teoria do Capital Humano, esse indivíduo poderia requerer uma linha de crédito para financiar seus estudos e, a partir do fluxo de caixa, o órgão de financiamento (que poderia ser até um banco privado) determinaria a variabilidade ou não desse “projeto”.

Existem poucas experiências no mundo onde esse cenário é observado. Em geral, quando existem linhas de crédito (como o crédito educativo, no caso brasileiro), os mesmos têm como origem políticas públicas e não linhas de financiamento por parte do sistema financeiro privado. Muitas são as variáveis que não permitem traçar paralelos estreitos entre um investimento clássico e a educação como projeto de investimento. Mencionemos, a título de exemplo, apenas duas.

Em primeiro lugar, o investimento na formação de uma pessoa é um processo de longo prazo, submetido a inúmeros fatores de risco. Ainda que, em média, a educação apresente elevadas taxas de retorno, no caso de um indivíduo em particular, as incertezas que cercam esse projeto são inúmeras (risco de desemprego por crises econômicas, possibilidade de uma inadequação entre a formação recebida e os requerimentos tecnológicos futuros, possibilidade de morte, migração a outros países, etc.).

Em segundo lugar, podemos mencionar as restrições legais ou, em geral, a ausência de um ambiente institucional propício para uma linha de crédito com essas características. Por exemplo, o problema das garantias, particularmente importante no caso da população jovem, que seria, normalmente, o principal público.

Embora essas considerações nos remetam a refletir sobre investir ou não em capital humano, segundo Mincer (1974), os indivíduos e as famílias sacrificam um consumo momentâneo dando prioridade aos retornos futuros da educação. Ainda segundo o autor, as críticas não obscurecem o papel central da educação, permanecendo a mesma como um empreendimento básico para transmitir o conhecimento e a cultura na humanidade.

Além do interesse em mensurar os diferentes tipos de capacitação, uma outra análise passa a ser feita por parte de economias capitalistas. De uso político e ideológico, a teoria do capital humano vem a corroborar ou definir políticas educacionais. Tem sido usada como fonte de justificativa e, até mesmo, de subsídios para ações ou estudo em que se examinam até que ponto capital humano explica, além das diferenças salariais, o crescimento econômico, as desigualdades regionais ou de distribuição na renda.

Por fim, pode-se concluir que os modelos da teoria do capital humano, têm como idéia central o aumento da produtividade dos indivíduos à medida que acumulam educação durante o tempo.

2.2 CRÍTICAS À TEORIA

Nesta seção trazem-se críticas referentes ao conceito de capital humano. Ainda que reconheça os *insights* da tese defendida pela teoria do capital humano, isto é, maior educação corresponde a maior renda. Entretanto alguns autores são críticos da Teoria do Capital Humano. Samuel Bowles e Herbert Gintis (1975) argumentam que as críticas que são feitas sobre a teoria do capital humano são em grande parte um ataque filosófico.

Os economistas radicais (marxistas, na linguagem norte americana), insistem que uma mão-de-obra altamente educada ou altamente qualificada, necessariamente não seja uma mão-de-obra lucrativa. Produção lucrativa em um sistema capitalista requer que, além de habilidades técnicas, trabalhadores tenham atitudes "apropriadas" e determinadas características de personalidade. Mais especificamente, os trabalhadores de um sistema capitalista deverão se submeter a sistemas de hierarquia onde haverá autoridade e controle. É esperado desses trabalhadores que respondam positivamente aos mecanismos de incentivo (essência do comportamento econômico) pelos quais empreendimentos extraem trabalho útil deles.

Segundo Gunderson (2001), além da pressão para que trabalhadores rendam mais, um sistema de incentivos/motivações é muito importante. Os incentivos podem ser; por esforço, por peça, por competição, por hora, tarefa, resultados ou

comissões. Já para os marxistas, a função de educar – de investimento em capital humano – é indicar tipos de atitudes e valores que são consistentes com o sistema econômico, sustentam e perpetuam o mesmo.

Como escolas desenvolvem essas atitudes e características de personalidade que os empregadores capitalistas desejam? Primeiro, os marxistas mostram aquelas escolas que incutem sistemas de autoridade, controle, e motivação e comparam esses sistemas com as estruturas de trabalho das empresas. Estudantes bons são esses que, em vez de pensar para eles, aceitem a hierarquia autoritária de professores e administradores encontrada nas escolas. Disciplina, pontualidade, responsabilidade, e confiança são sinais de estudantes superiores e depois de trabalhadores superiores. Semelhantemente, o sistema de classificar isso, recompensa certos comportamentos de sala de aula e penalizam outros, ostensivamente em base de mérito. Então, condicionam os estudantes para consentir na estrutura desigual de recompensas de economistas que eles encontrarão depois no mercado de trabalho. Assim, o sistema de ensino funciona de forma que indivíduos com mais baixos graus, mais baixas contagens de teste, e quantias menores de educação vem acreditar que os mais baixos salários subseqüentes deles/delas seriam justos.

Schultz (1973, p. 55-56), que defende os custos educacionais enquanto investimento argumenta que:

[...] se a educação fosse integralmente gratuita, uma pessoa com toda a probabilidade a consumiria até que estivesse saciada e "investiria" nela até que não mais aumentasse os seus futuros ganhos. Se uma parte das despesas educacionais fosse suportada pelos cofres públicos, os custos privados diretos de educação seriam, sem dúvida, menos do que os custos totais com a educação, e à medida que uma tal educação incrementasse os rendimentos futuros do estudante, sua taxa privada de rendimento em relação ao que gastara com a educação seria mais alta do que a taxa de rendimento em relação aos gastos totais educacionais que entrassem nesta parte de sua educação. Desta forma, os incentivos privados para consumir e para investir na educação são afetados pelas despesas públicas educacionais, mas o fato de haver tais despesas públicas não tem qualquer ressonância na questão de saber-se se a educação é consumo ou produção de capacitações.

Mas será que não haverá motivações econômicas de nenhuma espécie no caso, por exemplo, de estudantes de medicina, direito, entre outros, para investirem

em cada uma dessas capacitações particulares, com vistas aos incrementos nos seus rendimentos futuros? Ademais, Schultz (1973, p. 57) afirma que a decisão de estudar, seja na perspectiva de consumo seja de investimento, é afetada pela quantia e natureza dos gastos públicos efetuados com a educação. Portanto, qualquer tentativa de explicar o comportamento dos agentes em relação à educação “nos leva para além da área convencional em que se realizam os cálculos econômicos privados por parte das pessoas”.

Além disso, a assertiva de que maior nível educacional não tem significação financeira, não se sustenta quando colocada sob uma prova empírica. Por exemplo, quando o mercado de capitais fornece empréstimos pessoais faz nitidamente a distinção entre médicos, advogados e engenheiros com boas situações de emprego, por um lado, e trabalhadores braçais, com baixa escolaridade, sem qualificações com os seus empregos, por outro.

2.3 A TEORIA DA SINALIZAÇÃO

A Teoria do Capital Humano (TCH) está baseada na idéia que educação aumenta a produtividade de um trabalhador, e que este aumento, leva a uma condição de salários mais elevados. A Teoria da Sinalização (TS), por sua vez, busca analisar situações na quais as partes de um contrato estão interessadas em sinalizar algumas características antes que o contrato seja assinado ou firmado.

Um sinal é uma atividade que busca mostrar que um agente econômico possui certo conjunto de habilidades, características, ou possui determinadas informações, dito de outro modo, que o agente pertence a um relevante subconjunto da população.

Esta teoria foi desenvolvida por Spence (1973,1974). Segundo o autor, não é necessariamente a educação que proporciona um aumento de produtividade ao trabalhador. O nível educacional (nível secundário ou universitário) é, na realidade, um sinal das qualificações de um trabalhador para empregadores potenciais. Nesta visão, educação não aumenta salários porque aumenta produtividade, mas porque certifica que o trabalhador possui determinadas características desejadas pelo empregador. Educação só pode fazer este papel sinalizando quando for difícil para

os empregadores potenciais observarem a habilidade do trabalhador diretamente. Se o empregador pudesse determinar facilmente se o trabalhador está qualificado para o trabalho, a empresa não necessitaria confiar em certificações de terceiros.

A sinalização refere-se a situações onde é possível transmitir, de modo crível, informações privadas a parte menos informada via o uso de sinais que são tomados públicos.

Para ilustrar como os trabalhadores decidem quanto de educação irão adquirir quando a educação apenas fizer um papel de sinalização, podemos trabalhar com um exemplo numérico simples. Supondo que existam dois tipos de indivíduos na distribuição de produtividade da população, determinada por; baixa produtividade e alta produtividade.

A diferença de produtividade entre os dois tipos de trabalhadores ocorre desde o nascimento e não tem nada que ver com o nível de educação que um trabalhador adquire. Se um empregador pudesse determinar facilmente se um candidato fosse um trabalhador de alta produtividade, ele nomearia o candidato para um trabalho em que se necessita de muitas qualificações. Para tanto paga ao trabalhador um salário elevado. Já, se o empregador pudesse determinar facilmente que o trabalhador fosse de baixa produtividade, ele nomearia o candidato a um trabalho que não requer um nível alto de habilidades e paga para o mesmo um salário mais baixo. Embora um trabalhador particularmente saiba a que grupo pertence, ele poderia dificultar para que o empregador não percebesse a sua verdadeira produtividade. Além disso, se um empregador perguntar para o candidato a trabalho se ele é de baixa ou alta produtividade, o candidato (que quer um salário alto) sempre responderá que ele é um trabalhador de produtividade alta embora possa não ser a sua verdadeira habilidade.

Ao ser dada a oferta de salário pela empresa, caberá ao trabalhador decidir quantos anos de educação irá adquirir. Um equilíbrio separador acontece quando trabalhadores com baixa produtividade escolhem não adquirir educação e voluntariamente sinalizam a baixa produtividade deles/delas. De outro modo os trabalhadores de alta produtividade escolhem Y^* anos de educação. Deste modo, se pode separar por classes, isto é, Y^* é um equilíbrio separador, ou informativo.

Spence (1973) destacou que se leva tempo para aprender sobre as capacidades produtivas de um indivíduo. Isto significa que a contratação de um trabalhador pode ser vista como uma decisão de investimento. O autor assume que o empregador não pode observar diretamente o produto marginal antes da

contratação. O que o empregador observa antes da contratação são os dados pessoais, atributos e características. São sinais.

Segundo Spence (1973, 1974), quando os sinais são críveis eles satisfazem duas propriedades:

- os sinais devem estar disponíveis a certos tipos de agentes, cujo custo de sinalizar é menor do que o benefício que resulta se o receptor decodificar o sinal;
- o sinal deve ser muito caro para os agentes do tipo errado poderem adquiri-lo.

Para compreendermos o modelo de Spence (1973, 1974), vamos observar as funções de custos da sinalização para os indivíduos de baixa e alta produtividade, dados por:

$C_I = y$ - custo de sinalização do indivíduo de baixa produtividade.

$C_{II} = y/2$ - custo de sinalização do indivíduo de alta produtividade.

O modelo de Spence (1973, 1974) – escala salarial e as funções de custo de sinalização:

Se o trabalhador for de alta produtividade.

$PFMg_H = 2 \rightarrow W = 2,$

$PFMg_H = 1 \rightarrow W = 1.$

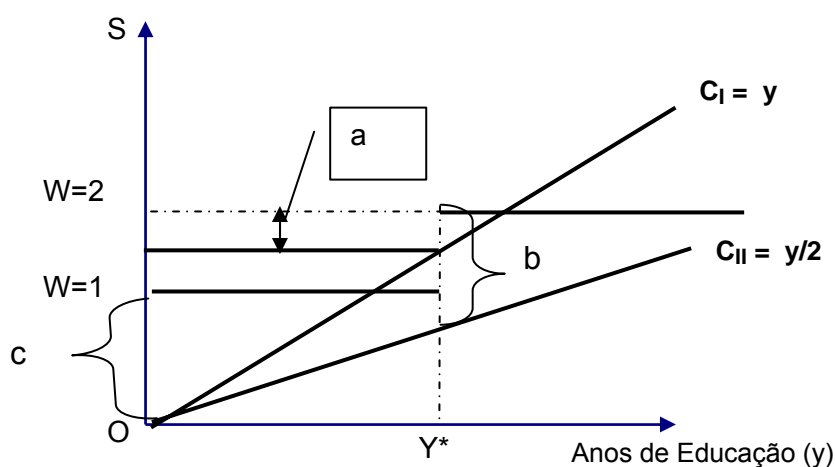


Gráfico 2 – O Modelo de Spence

Fonte: Adaptado de Spence (1973, 1974).

Sendo que:

indivíduo de baixa produtividade;

$$Y \begin{cases} y = y^* \longrightarrow a \\ y = 0 \longrightarrow c \end{cases}$$

Como $c > b$, escolha é c e $Y = 0$

indivíduo de alta produtividade;

$$Y \begin{cases} y = y^* \longrightarrow b \\ y = 0 \longrightarrow c \end{cases}$$

Como $b > c$, portanto, $Y^* = Y^*$.

Crença probabilística *a priori* do empregador;

$Y < Y^* \rightarrow$ baixa produtividade

$Y \geq Y^* \rightarrow$ alta produtividade.

De acordo com a TCH, a relação entre educação e rendimentos é a produtividade. A razão pela qual os indivíduos mais educados ganham mais é que eles tem mais habilidades e que as firmas estão dispostas a pagar mais.

A TS enfatiza que a educação funciona como um sinalizador ou mecanismo de discriminação entre os tipos de trabalhadores num contexto de informação assimétrica no mercado de trabalho.

A educação poderá ter um papel de sinalização no mercado de trabalho, ao indicar para os empregadores *a priori* que o trabalhador que leva o certificado ou diploma é um trabalhador altamente produtivo.

Se a educação tiver um papel de sinalizador, os trabalhadores com mais instrução ganham mais não porque educação aumenta produtividade, mas porque educação sinaliza a habilidade inata de um trabalhador. Portanto, não é necessariamente a educação que aumenta os seus rendimentos, pois sua remuneração pode ser uma função de suas habilidades inatas. Entretanto, os empregadores podem usar os níveis educacionais para determinar uma provável produtividade dos potenciais trabalhadores.

A remuneração entre todos os trabalhadores permanece a mesma, mas os trabalhadores podem se beneficiar investindo em educação, visto que seus salários poderão aumentar com a educação obtida. Entretanto, a oportunidade de se beneficiar desta maneira da educação somente é explorada por aqueles trabalhadores com maior habilidade ou produtividade. A razão desta afirmação é a de que para eles as qualificações educacionais são relativamente fáceis de adquirir. Devido a isso, pelo modelo de Spence (1973, 1974), a educação serve somente como um sinal de uma provável produtividade dos trabalhadores, de tal modo que ele é chamado de *Signaling Model*.

2.4 A DECISÃO DE CURSAR UM CURSO SUPERIOR

A Teoria do Capital Humano afirma que “[...] uma educação adicional elevará os rendimentos futuros, e, neste sentido, a aquisição de educação é da natureza de um investimento privado em rendimentos futuros.” (BLAUG, 1975, p. 21). Assim, há uma nítida analogia entre a produtividade física do capital e a educação, justificando-se o tratamento analítico da educação como capital, isto é, capital humano, posto que se torna parte da pessoa que a recebe. Sendo que a produtividade determina os salários, a Teoria do Capital Humano divide a fonte dessa produtividade em dois conjuntos.

O primeiro diz respeito às qualidades ou às características naturais dos indivíduos. Uma pessoa pode ser mais ou menos inteligente mais ou menos habilidosa para a realização de certas atividades, mais ou menos sadia, etc. Como essas características são naturais ou genéticas, a economia não tem muitas considerações a realizar. Essa maior ou menor produtividade está determinada por fatores naturais que, junto com os aleatórios (“sorte na vida”), podem ser importantes, mas estão fora de uma análise econômica.

O segundo conjunto está vinculado às habilidades adquiridas. Devido a que são adquiridas, como seu próprio nome indica, teve que ser precedida de uma decisão prévia voluntária. Ou seja, a pessoa realizou um processo consciente para adquirir mais habilidades ou técnicas. A pergunta que deve ser colocada é: por que a pessoa tomou essa decisão? **Que fatores levaram a essa escolha?** Devido ao

fato da aquisição dessas habilidades terem um custo (seja financeiro, seja de esforço físico ou intelectual, ou ambos), incorrer no custo deve implicar em algum benefício.

Assim, estamos diante de um clássico processo de viabilidade de investimentos, quando o fluxo de custos se compara com o fluxo de benefícios (tudo em termos de valor presente) e só se realiza a ação ou investimento se os benefícios superarem os custos. Os benefícios estão correlacionados com maiores rendimentos. Contudo, por que o indivíduo vai perceber maiores rendimentos, se as firmas remuneram os fatores segundo sua produtividade? Simplesmente, porque as maiores habilidades geram maior produtividade. Assim, estamos diante de duas perspectivas que se complementam. Pelo lado da oferta de trabalho (indivíduos), educar-se implica em elevar sua produtividade. Pelo lado da demanda de trabalho (firmas), essa maior produtividade é “paga” através de maiores salários. Em cada momento do tempo, todo indivíduo enfrenta duas alternativas. Aperfeiçoar-se (elevar seu capital humano através da educação, por exemplo) e incorrer em custos supondo rendimentos futuros, ou não aperfeiçoar-se, não incorrer em custos mantendo seus rendimentos. Essas duas alternativas são avaliadas e, racionalmente, o indivíduo escolhe aquela que tem maior valor presente.

Tomemos um exemplo. Um indivíduo acabou o segundo grau e está diante da alternativa de parar de estudar e ingressar no mercado de trabalho ou, não trabalhar, continuar estudando na universidade e elevar os rendimentos futuros. São duas alternativas que a pessoa em questão avalia economicamente e, supondo o indivíduo racional, faz sua escolha.

Algumas taxas de retorno da educação – evidências empíricas para o Brasil – podem ser destacadas conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Taxas de Retorno da Educação para o Brasil

Autores	Taxas	Considerações
TANNEN (1991)	13,2% a. a.	- taxa média privada de retorno. - dados de 1980.
LEAL e WERLANG (1991)	16,54% a. a. 18,15% a. a. 16,28% a. a. 14,29% a. a.	Primário / analfabeto Secundário / primário Superior / secundário Amostra
DABOS e PSACHAROPOULOS (1991)	15% a. a.	Retorno da educação
UEDA e HOFFMANN (2002)	9,8% a. a.	Dados: PNAD (1996)

Fonte: Elaborado pelo autor.

As evidências apresentadas neste quadro mostram que a conclusão de anos de educação tem efeitos significativos sobre os rendimentos. Psacharopoulos e Patrinos (2004) pontuam que a taxa de retornos para educação no Brasil é de 14,7% considerando dados de 1989. Dentre os trabalhos citados, Leal e Werlang (1991) nos trazem que o efeito da educação pode ser diferenciado de acordo com a etapa do ciclo educacional. O trabalho também se preocupou em identificar como evoluiu no tempo o prêmio associado a cada etapa do ciclo educacional.

Uma pergunta que se apresenta é em relação aos motivos que levam as pessoas a fazerem um curso superior. Trata-se de uma busca individual, ou vai ao encontro a nossa hipótese de que o mercado de trabalho é um sinalizador? Ou trata-se de uma decisão racional e as pessoas decidem com uma visão de curto prazo? Ainda que o ambiente social em que a pessoa está inserida é um forte influenciador frente a sua decisão?

Passa-se ao próximo capítulo avançando na discussão dos fatores que levam ao processo de decisão sobre a escolha no ensino superior. Trabalham-se as variáveis do questionário aplicado junto às IES, além de efetuar uma análise das mesmas para compreender o processo decisório.

3 OS PROCESSOS DE DECISÃO NO ENSINO SUPERIOR

Neste capítulo abordaremos a tomada de decisão no ensino superior tomando por base as teorias do capital humano e sinalização. Seleccionamos algumas variáveis que nortearão a análise nesse sentido. Inicialmente buscaremos identificar a IES e os cursos escolhidos. Os dados socioeconômicos dos respondentes também foram lembrados como parte integrante da pesquisa. Além disso, o processo de escolha em si. Assim, diversas variáveis foram destacadas no sentido de buscar junto aos universitários os principais fatores de decisão.

3.1 A VISÃO NA ESCOLHA

A Teoria do Capital Humano assume o investidor em capital humano que maximiza sua utilidade individual e busca a melhor alternativa dentro do contexto do seu conhecimento dos possíveis estados de mundo.

A Teoria da Sinalização contribui na análise de aquisição do ensino superior, pois é um modo pelo qual um agente busca comunicar seu tipo sob seleção adversa. É o envio de sinais de maneira crível da parte mais informada a menos informada. Na ótica do investimento em educação os empregadores usam os níveis educacionais como um meio de identificar os trabalhadores que potencialmente são mais produtivos. O que se traduz em maiores rendimentos.

Segundo Elster (1989), só a ação humana individual pode constituir uma unidade fundamental e significativa na explicação de um evento. Os indivíduos, então, ao decidir em que curso de *ação* ou *não ação* irão tomar, primeiro consideram um determinado jogo de oportunidades definidas pelo ambiente em questão. A partir de então são comparadas as diferentes ações possíveis, referentes a probabilidade de ter sucessora escolha. O autor considera as oportunidades como um fator primário determinante da ação humana, e as preferências como um fator secundário. Ainda que algumas oportunidades possam ser rejeitadas em resposta do indivíduo para com a fraqueza em relação a elas.

March (1978) relaciona a escolha racional com a lógica da consequência. As ações humanas são baseadas em preferências individuais. O autor reconhece a impossibilidade de uma escolha racional pura devido a um necessário prognóstico do estado futuro do mundo. Nesse cenário, seriam avaliadas as expectativas sobre consequências de cada ação alternativa.

Em economia, as decisões sobre produção e investimento são sempre tomadas a partir da expectativa sobre algum ganho futuro. Um indivíduo ao fazer um determinado investimento, normalmente não tem nenhuma garantia de que suas expectativas serão satisfeitas. Quando o alvo das decisões é o investimento (retratamos aqui a aquisição de novos conhecimentos pessoais de ordem profissional), a incerteza associada a este processo é ainda maior, pois as suas expectativas estão relacionadas à renda futura do investimento. Esta renda futura esperada se realizará em muitos períodos. Neste caso, quanto mais distante no futuro a renda está, mais incerto o indivíduo também estará sobre a viabilidade do seu investimento.

Quando argumentamos a questão da escolha ou o processo de tomada de decisão no campo da ciência econômica, se pode observar que, num mundo econômico onde os indivíduos revelam preferências estáveis, a tendência observada é a da rejeição da hipótese de maximização global, ou seja, de uma versão completamente formal da racionalidade, para uma visão de motivação e de escolhas individuais envolvidas. É uma visão de racionalidade limitada individual inserida num sistema social que evolui.

Crawford (1994) afirma que os seres humanos são parte de um estoque do capital do mundo e que o principal investimento de uma sociedade tem que ser o de melhorar as habilidades e talentos de sua população.

3.2 O QUE PODE DETERMINAR A ESCOLHA NO ENSINO SUPERIOR

Várias teorias tratam da escolha profissional e carregam consigo uma série de propósitos. Entre esses propósitos destacam-se; a necessidade de explicar como os indivíduos fazem as suas escolhas profissionais e também porque decidem e iniciam as suas atividades em determinada profissão.

Na revisão do processo de tomada de decisão quanto ao ensino superior sob a ótica da teoria do capital humano e da sinalização, entendemos a necessidade de uma maior investigação sobre o fato. Procuramos ir além da inegável associação positiva entre anos de escolarização e rendimentos mais elevados.

Para fatores determinantes entende-se que são aspectos que se relacionam à natureza da escolha do curso de graduação. Ainda, ao ambiente, aos tomadores de decisão, bem como a metodologia representando possibilidades e/ou limitações, interferindo de forma positiva ou negativa no processo de escolha.

Schultz (1973) argumentou que a impossibilidade de antever com precisão a taxa de retorno esperada e o rendimento posterior com o curso superior escolhido, tomar a decisão ou fazer a escolha por um curso superior implicaria em uma questão de casualidade, além dos componentes da razão.

Segundo Luz Filho (2000), quando se fala em fatores de decisão no ensino superior eles (os fatores) estão vinculados à realização profissional, interesses e aptidões, embora estes fatores estejam embebidos de preconceitos, fantasias e falsas perspectivas futuras. Ainda que a compensação financeira e a influência familiar não apareçam como determinantes na escolha percebe-se que empiricamente são em muitas vezes decisivos na escolha de um curso de terceiro grau.

Considerando o objeto deste estudo, a tomada de decisão no ensino superior, dois aspectos relevantes sobressaem-se. O primeiro deles nos permite associar as decisões relativas ao terceiro grau com o fluxo de informação disponível e ao modo como estas informações são processadas e transformadas na mente individual. Como um segundo aspecto, identifica-se a atual escolha do curso de graduação como um ponto de vista *ex-post* de todos os eventos ocorridos. O tempo representa um momento da antecipação imaginativa, cujas bases não são únicas, ou livres de dúvidas, configurando-se num conjunto de hipóteses ou alternativas possíveis. Esta breve abordagem é com o objetivo básico de elucidar as forças que estão por trás dos processos decisórios e o comportamento econômico adquirido.

3.3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo principal deste estudo como destacado na introdução é analisar os fatores que levam os estudantes a fazerem as suas escolhas por um curso superior, tomando por base o município de Caxias do Sul fundamentando-se na teoria do capital humano e na teoria da sinalização.

Vislumbramos nesse trabalho os processos de tomada de decisão no ensino superior, embasados na maneira de buscar a informação e sua interação com a motivação e o comportamento econômico de cada tomador de decisão.

Citando Waltenberg (2002, p. 24), sobre a tomada de decisão quanto à aquisição de educação, o autor diz que :

Defendia-se, portanto, que os indivíduos – que fazem cálculos racionais de custo-benefício – decidiam demandar educação pós-compulsória (não-obrigatória) porque poderiam obter benefícios monetários futuros em decorrência desta escolha. A educação pós-compulsória deixou de ser vista apenas como um bem de consumo (visão tradicional), mas também como um investimento.

Ao fazermos a análise posteriormente à tomada de decisão, procuramos identificar o que foi percebido e avaliado pelos universitários que recentemente ingressaram no ensino superior. Considerando-se para tanto, as suas experiências passadas e suas atitudes em relação ao futuro e tendo como base o fluxo de informações disponíveis.

A tomada de decisão ou a escolha do curso superior pode ser vista através de um esquema de conceitos básicos. A visualização deste esquema está apresentada no Quadro 2.

Quadro 2 - Visão do Estudante

Condição socioeconômica		A escolha e o fator tempo		Certeza e satisfação
		A dúvida e a incerteza		
		O risco e a sinalização		
	ESTUDANTE	A informação recebida	Curso superior escolhido	
Instituições sociais		As situações e as influências		Incerteza e insatisfação
		A antecipação e a imaginação		
		A racionalidade		

Fonte: Elaborado pelo autor.

O estudante ao iniciar seu processo decisório está condicionado a uma determinada situação socioeconômica, bem como a instituições sociais. Entendemos que o processo de tomada de decisão quanto ao curso a seguir está relacionado a aspectos fundamentais, ou seja; a escolha e o fator tempo, a dúvida e a incerteza; o risco e a sinalização; a informação recebida; as situações e as influências, a antecipação e a racionalidade.

O curso superior escolhido, que representa o resultado desse processo de escolha, ou ainda, a variável dependente do modelo, pode ser entendida posteriormente pelo estudante de duas maneiras; como uma situação de certeza e satisfação ou como uma situação de incerteza e insatisfação. Dentro dessa condição surgem algumas hipóteses que orientam a nossa investigação:

H₁ - o mercado de trabalho é sinalizador na escolha de um curso de graduação;

H₂ - o estudante decide com uma visão de curto prazo;

H₃ - o ambiente social e familiar do estudante influencia a sua decisão.

As nossas hipóteses são fundamentadas na idéia de que o estudante possui limites para computar todas as informações disponíveis no momento da escolha. Além desse fato, acreditamos que uma série de instituições – família, escola,

amigos, colegas de trabalho, profissionais bem sucedidos – e situações habituais – testes vocacionais, oportunidades de trabalho, rendimentos, preferências, habilidades, meio social, orientam suas ações.

A seguir, no Quadro 3, selecionamos algumas variáveis que nortearão a nossa busca das respostas para os nossos questionamentos.

Quadro 3 – Variáveis do Questionário Aplicado

<p>Variáveis designadas à identificar a IES, o curso de graduação encolhido, a condição acadêmica do universitário em relação ao curso e se recebe auxílio institucional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - instituição e sua classificação - nome do curso - regime e semestre que está cursando - auxílio institucional - primeira graduação
<p>Variáveis designadas à caracterizar o universitário e sua condição socioeconômica</p>	<ul style="list-style-type: none"> - sexo - idade - estado civil - filhos - situação na família - renda familiar - condição no mercado de trabalho - estudos de 2º grau - modalidade de 2º grau que concluiu - pré-vestibular ou terceiro - escolaridade do pai ou responsável masculino - escolaridade da mãe ou responsável feminino
<p>Variáveis designadas à caracterização do processo de escolha</p>	<ul style="list-style-type: none"> - a escolha e o fator tempo - a dúvida e a incerteza - início da graduação - o curso escolhido X o curso idealizado - o processo de busca da informação - influência de familiares, amigos, profissionais ou professores. - importância dada a diferentes fatores na escolha - a imaginação e o futuro - prática da formação (mercado formal e informal) - escolha correta (certeza) - pretensões futuras.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As variáveis citadas foram elencadas em um questionário (vide Apêndice B). O questionário foi aplicado aos alunos de graduação de 23 cursos, em horário de aula com o auxílio de professores em 4 (quatro) instituições de ensino superior (IES), na Cidade de Caxias do Sul – RS nos meses de agosto e setembro de 2006.

A primeira categoria de variáveis identifica a IES e sua caracterização enquanto universidade ou faculdade ou ainda como faculdade de tecnologia; o curso superior escolhido além do turno de frequência às aulas. Ainda a condição acadêmica do universitário em relação ao curso através de; semestre que está cursando, auxílio institucional, primeira graduação.

A segunda categoria busca caracterizar o universitário e sua condição socioeconômica através de; gênero, idade, estado civil, filhos, situação na família, renda, condição no mercado de trabalho, estudos de 2º grau, modalidade de 2º grau que concluiu, pré-vestibular, escolaridade do pai ou responsável masculino, escolaridade da mãe ou responsável feminino.

A terceira categoria de variáveis é designada à caracterização do processo de escolha em si através de; a escolha e o fator tempo, a dúvida e a incerteza, início da graduação, o processo de busca da informação, influência de diferentes profissionais/pessoas na sua escolha, importância dada a diferentes fatores na escolha, a imaginação e o futuro, prática da formação mercado formal e informal, certeza.

Com isso, pretende-se estabelecer padrões de comportamento que sejam comuns entre os estudantes nas diferentes faculdades e na universidade.

3.3.1 Variáveis Designadas a Identificar a IES, o Curso de Graduação Encolhido, a Condição Acadêmica do Universitário em Relação ao Curso e se Recebe Auxílio Institucional

Nome da IES e classificação (Q1 e Q2)^{1 2}. Ao relacionarmos o aluno com a instituição em que estuda busca-se identificar o nosso respondente. Num próximo

^{1 2} Questão 1 e Questão 2.

momento pode-se relacionar o aluno com a sua instituição e buscar pontos comuns entre os cursos.

Nome do Curso (Q3). A partir da identificação do nome do curso podemos perceber o resultado do processo de escolha. É uma maneira de entender que os fatores que levam a escolha, por exemplo, pelo curso de Economia possam ser diferentes daqueles destacados para o curso de Pedagogia.

Horário (Q4). A nossa intenção é verificar a escolha para diurno ou noturno. Ainda pode ser escolhido o tempo integral. Aí denota uma dedicação exclusiva aos estudos do curso escolhido. A existência de curso noturno permite que o estudante trabalhe e estude. Isto reduz os custos de investimento. Esta variável está relacionada com a TCH, conforme modelo da página 27.

Semestre que está cursando (Q5). É a relação do aluno com o momento pós escolha. A pesquisa foi direcionada para os alunos do primeiro ano de graduação. Embora que este direcionamento estivesse atrelado as disciplinas do primeiro ano de graduação o questionário foi aplicado indistintamente para os alunos presentes em aula destas disciplinas. Foi assim procedido para evitar qualquer constrangimento dos respondentes presentes e o professor colaborador. A preferência por alunos de primeiro ano é a de que poderia haver uma diferença entre os alunos recém matriculados e os que já estão cursando a graduação há mais tempo. Poderiam esses (os últimos) possuírem informações diferenciadas dos demais, o que distorceria a nossa análise.

Auxílio financeiro institucional (Q6). A variável nos permite verificar o interesse pelo financiamento de um curso superior ou a possibilidade de fazê-lo usando esta condição. A suposição é a de que um auxílio por parte de alguma instituição possa ser relevante na escolha do curso. Para Ribeiro, Campos e Florissi (2006) o financiamento governamental subsidiado é um instrumento de grande valor para os retornos financeiros da educação. Adicional a isto o investimento em educação serviria como um meio de redistribuição de renda.

Primeira graduação (Q7). É uma maneira de verificar aqui se o aluno é calouro ou retorna a um curso superior após ter passado por uma primeira experiência. Entendemos que alguns alunos possam ter cursado, ou mesmo ter iniciado um outro curso. Essa experiência anterior pode ser determinante na escolha atual, visto estar associada a um grau de informação maior ou mesmo a incerteza,

risco ou sinalização. Segundo a TS para os mais aptos não é custoso fazer outro curso.

3.3.2 Variáveis Designadas a Caracterizar o Universitário e sua Condição Socioeconômica

Sexo (Q8). Essa variável nos leva a buscar possíveis diferenças no que diz respeito a escolhas em relação ao sexo do estudante. Embora possam ser evidenciados motivos mais aparentes para escolhas diferentes em relação ao sexo.

Idade (Q9). O entendimento para esta variável é a de que a idade possa provocar padrões de comportamento diferenciados, principalmente se considerarmos as escolhas nas faixas etárias mais baixas, ou seja, o período da adolescência. A TCH apregoa que os mais jovens teriam um tempo maior para os retornos de seus investimentos em educação, visto a permanência maior no mercado de trabalho.

Estado civil (Q10 e Q11). Esta variável é bastante convencional e traz a uma complementação quanto a identificação do universitário. Está associada às variáveis idade e situação na família.

Situação na família (Q12). Através dessa variável busca-se identificar o papel desempenhado pelo universitário junto à família. Se chefe familiar, ou se contribui de maneira parcial para o sustento de sua família ou se é dependente da mesma financeiramente.

Renda (Q13). A variável renda busca classificar por faixas de salários mínimos (SM), onde se pode verificar a situação socioeconômica do estudante. Além disso, a sua condição no mercado de trabalho (se apenas estuda, se além de apenas estudar é bolsista, se além de estudar também trabalha ou se estuda e trabalha, mas está desempregado). Ao estudarmos a renda podemos observar a atitude do universitário frente aos estudos de graduação. Se possuir uma renda familiar alta poderá dedicar tempo exclusivo para estudos, se necessitar trabalhar talvez necessite reduzir o seu tempo de dedicação ao curso escolhido. Alguns dados complementares estão inseridos no questionário em caso do universitário trabalhar (Q14). Jornada (horas trabalhadas por semana), setor de atividade (agro-pecuária,

indústria, comércio, serviços), regime de ocupação principal (se empregado do setor público ou privado, se empresário, microempresário, profissional liberal ou sem vínculo de emprego). Ainda em que nível se enquadra o seu cargo ou função na instituição ou empresa em que trabalha (executivo, técnico, supervisor ou auxiliar). Ainda, a idade com que começou a trabalhar de forma remunerada.

Estudos de 2º grau (Q20). Ao analisarmos os estudos de 2º grau dos estudantes pretendemos conhecer a sua trajetória estudantil relacionada a ser em escola pública ou privada. Ao conhecermos essa situação faremos uma correlação com a renda e a situação na unidade familiar.

Modalidade de 2º grau que concluiu (Q21). Ao observarmos a modalidade do 2º grau cursada podemos fazer uma relação com a sua escolha atual. Fez-se magistério podemos fazer uma relação com cursos da área de licenciaturas, ou se cursaram técnico profissionalizante podem ter escolhido a área técnica, como administração, contábeis, dando continuidade a carreira.

Pré-vestibular ou terceiro² (Q22). Se o aluno fez uma preparação para o vestibular poderá ter optado por cursos de uma procura mais significativa, como por exemplo, medicina.

Escolaridade do pai ou responsável masculino e escolaridade da mãe ou responsável feminino (Q23 e Q24). Essas variáveis estão presentes na maioria das investigações ligadas ao retorno dos investimentos em educação. Embora a importância da escolaridade dos pais, no sentido de uma possível transferência de conhecimentos para os filhos, vamos nos ater a questão principal deste trabalho. Ainda salientamos que a escolaridade elevada dos pais poderá estar relacionada com a renda mais elevada da unidade familiar. Barros et al. (2001) evidenciam que um ano a mais de escolaridade dos pais eleva a escolaridade dos filhos entre 0,25 e 0,27 anos de estudo. Salientam ainda que a educação da mãe tem influência sempre maior (pelo menos 30%) que a educação do pai.

² **Terceirão** = No TERCEIRÃO é desenvolvido todo o conteúdo programático do ensino médio, ou seja, os alunos fazem no próprio horário da manhã (ou tarde) o cursinho preparatório para o vestibular. Nessa fase, a prioridade é o treinamento intensivo para as provas dos grandes vestibulares. O aluno recupera o tempo perdido e se prepara para enfrentar qualquer vestibular, em qualquer universidade brasileira. O conteúdo das aulas envolve todo o programa do ensino médio com direcionamento estratégico para o vestibular.

3.3.3 Variáveis Designadas à Caracterização do Processo de Escolha

Escolha no tempo (Q25). A escolha ou decisão pode ser concebida como um processo que ocorre num determinado período de tempo. Buscou-se identificar em qual momento os estudantes tomam a decisão sobre o curso de graduação. A idéia que permeia a nossa busca é a de que alguns estudantes já pensam sobre a graduação por ocasião das séries iniciais da escola, ainda no primeiro grau. Já outros tomam esta decisão no último momento.

Dúvidas e incerteza (Q25 e Q26). No momento de escolher o seu curso universitário o estudante poderá estar frente a uma série de dúvidas ou incertezas, ante a um determinado grau de informações consideradas como limitadas. Se porventura tiver certeza, pode-se supor que o estudante optará por um único curso. Se o grau de incerteza aumentar, ele deverá optar entre dois ou mais cursos da mesma área do conhecimento. Ou ainda entre dois ou mais cursos de áreas bastante diferentes.

Início da graduação (Q27). Compreende-se que alguns estudantes quando concluem o segundo grau vão para o mercado de trabalho. Ao decidirem cursar uma graduação pode ter transcorrido um período significativo. Entre o aluno que ingressa imediatamente no curso superior e aquele que esteve por certo período no mercado de trabalho poderá haver algumas diferenças entre as suas escolhas. Essa variável deve fornecer subsídios para verificar a diferença de escolha entre os mais jovens e os mais adultos.

O curso escolhido versus o curso idealizado (Q28). Aqui se pretende verificar se o curso que o estudante escolheu é o curso que está atualmente freqüentando. Poderá ainda se fazer a comparação entre a melhor escolha e as escolhas de segunda opção. Poderemos também verificar se o curso de primeira opção foi concluído. Ou do estudante ter percebido que a sua escolha não está relacionada com a primeira escolha.

O processo de busca da informação (Q29 a Q32). Como a pergunta é subjetiva se pretende avaliar o grau de informações que o aluno tem do curso que freqüenta (totalmente desinformado, informação superficial, ou um vasto conhecimento).

Uma segunda pergunta (Q33 a Q41) é feita para verificar o grau de informação técnica ou especializada que o aluno obteve sobre o curso. Os pesos ordinais (nenhum, baixo, regular ou satisfatório, alto), buscam assimilar o grau de informação do aluno, ante as suas prováveis fontes: família/amigos, escolas, instituições de ensino superior, jornais e revistas destinados aos vestibulandos, livros, revistas ou jornais especializados da área, os profissionais habilitados na área ou no curso, dos meios de comunicação em massa ou dos sistemas de busca da internet.

Influência das diferentes pessoas na sua escolha (Q43 a Q49). As escolhas podem estar relacionadas com influências de outras pessoas. A psicologia econômica é referencial para esta análise. Trazer à tona essas influências é o papel da pergunta: como você avalia a influência de outras pessoas na sua escolha para este curso? Para a resposta sugerem-se graus de influência (não influenciaram, influenciaram pouco, influenciaram e influenciaram muito). Possíveis respostas para diferentes grupos de pessoas que participam do cotidiano dos entrevistados que assim foram expostos: pais, irmão(s) ou cônjuge; avós, tios ou primos; amigos ou colegas de estudo; superiores ou parceiros de trabalho; profissionais da área ou do curso com quem você teve ou tem contato e professores ou profissionais das instituições de ensino que frequentou.

*Influência dos diferentes **fatores** na sua escolha (Q50 a Q65). Igualmente tenta-se aprofundar o conhecimento a respeito da influência em sua escolha de diferentes fatores com graus de importância (importante, pouco importante, importante, muito importante) que o pesquisado considera a respeito das prováveis circunstâncias: a influência do(s) irmão(s) ou cônjuge; a orientação e os anseios de seus pais; a facilidade para o ingresso no curso; a possibilidade de ascensão financeira; as oportunidades no mercado de trabalho; a gratuidade ou baixo custo das mensalidades; a influência de outros familiares, como avós, tios e primos; a facilidade de ingresso nesta instituição; o estímulo dos professores ou profissionais de ensino nos locais onde estudou; a adequação ao emprego, atividades ou função que exerce na atualidade; realização pessoal, aptidão e vocação para esse curso ou profissão; o resultado da orientação ou teste vocacional; a proximidade da Instituição ao seu trabalho ou residência; a indicação de amigos ou colegas de estudo que também estavam em processo de escolha e a qualidade e prestígio da instituição de ensino superior que está oferecendo o curso.*

A imaginação e o futuro (Q66). Embora que no início de seu curso o universitário pode estar imaginando a sua atuação no mercado de trabalho, enquanto profissional formado. Apresentam-se para análise quatro possibilidades. Uma voltada para o momento atual onde o universitário não demonstrou preocupação para com o futuro. A segunda de curto prazo, uma terceira de médio prazo e uma quarta onde o universitário vislumbra um cenário de atuação no mercado de trabalho a longo prazo. Fica formalizada aqui a contribuição da TCH onde busca do aluno a percepção do investimento com retorno em rendimentos futuros mais elevados. Esta questão também está relacionada com uma das hipóteses deste trabalho onde o estudante decide com uma visão de curto prazo.

Prática da formação (Q67 e Q68). Ainda que o universitário esteja preparando-se para um mercado de trabalho formal, deve o mesmo ter a consciência de que as diversas imperfeições de mercado existem. Além disso, as diversas possibilidades de estar atuando em uma profissão: como profissional liberal ou autônomo sem vínculo empregatício; como microempresário; como empresário; como servidor público, além da possibilidade de ser empregado do setor privado. São questionamentos para buscar as informações que se complementam com a de verificar se ele (profissional) imagina desempenhar funções de comando, supervisão, operacionalização, intermediação, ou de auxílio caso estiver empregado. Este quesito vislumbra a noção do universitário quanto ao futuro no seu mundo de trabalho.

Escolha correta (certeza) (Q69 e Q70). O questionamento nesse item é para averiguar sobre o grau de certeza ou incerteza ante a escolha feita. Pede-se se ele (universitário) acredita que fez a escolha certa, se está em dúvida ou se não fez a escolha correta. Numa segunda pergunta, busca-se um complemento para a resposta dada. Se o universitário pretende; concluir o curso, concluir e iniciar outro, concluir e aperfeiçoar-se com pós-graduação na área, trocar de curso e aproveitar os créditos ou simplesmente abandonar o curso.

3.4 A AMOSTRA UTILIZADA

A amostra utilizada refere-se aos estudantes universitários matriculados em diferentes cursos no primeiro ano de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) do município de Caxias do Sul – RS no ano de 2006. Tomamos para análise os alunos de 23 (vinte e três) diferentes cursos.

Quando trata da questão envolvendo as limitações da teoria amostral aplicada às populações humanas, Bustamante (1998) ressalta que a amostra é a área teoricamente mais fraca da metodologia estatística para a investigação social. O autor diz que o desenho amostral no estudo de fenômenos sociais apresenta características e exigências totalmente específicas e que têm sido subestimadas ou simplesmente ignoradas na literatura.

Tomando como base tais considerações, adotamos em nossa pesquisa de campo a amostragem não probabilística por quotas, ou seja, o critério de amostragem baseia-se no nosso julgamento quanto à conveniência de inclusão ou não dos elementos amostrais, a partir de características relevantes da população (MALHOTRA, 2001; REA; PARKER, 2000). Ainda que a adoção da amostragem não-probabilística não nos permita generalizar os resultados obtidos, podemos obter características importantes do universo amostral, que podem nos fornecer significativas informações sobre a questão analisada e contribuir para pesquisas futuras.

3.5 AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E O UNIVERSO ESTUDANTIL

A região do Corede³ Serra do Rio Grande do Sul compreende uma população de aproximadamente um milhão de habitantes. Sendo um pólo de desenvolvimento atraiu nas últimas décadas um número considerável de migrantes de outras regiões

³ COREDE; O Estado do Rio Grande do Sul está dividido em 24 COREDEs. O COREDE SERRA (Conselho Regional de Desenvolvimento da Serra) compreende 33 municípios da região serrana do estado. O objetivo geral da criação dos COREDEs foi o de elaborar os planos estratégicos de desenvolvimento de cada município e a partir deles o plano regional. São vetores principais dos planos estratégicos as questões relacionadas com: infra-estrutura, políticas sociais e desenvolvimento econômico.

do estado e de fora dele. A Cidade de Caxias do Sul é um centro desse pólo de desenvolvimento registra oito Instituições de Ensino Superior (IES). Na amostragem pesquisada estão inclusos alunos de quatro dessas IES.

Quadro 4 – IES Participantes da Pesquisa

Instituição de Ensino Superior	Cidade	UF	Organização Acadêmica	Categoria Administrativa
Faculdade da Serra Gaúcha – FSG	CAXIAS DO SUL	RS	Faculdade	Privada
Faculdade de Tecnologia TecBrasil – FTECBrasil	CAXIAS DO SUL	RS	Faculdade de Tecnologia	Privada
Faculdade dos Imigrantes - Fai – FAI	CAXIAS DO SUL	RS	Faculdade	Privada
Universidade de Caxias do Sul – UCS	CAXIAS DO SUL	RS	Universidade	Privada
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS	CAXIAS DO SUL	RS	Universidade	Estadual

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 2, pode-se visualizar as quatro IES, os curso escolhidos para a pesquisa, o número de alunos regularmente matriculados por curso e número de alunos respondentes ao Questionário.

Tabela 2 – IES – Cursos – Alunos/Curso - Respondentes

FTEC	Alunos/Curso	Respondentes	%
DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	175	49	28,00
GESTÃO EM REDES	106	22	20,75
GESTÃO DE AMBIENTES INFORMATIZADOS	45	10	22,22
FSG	Alunos/Curso	Respondentes	%
ADMINISTRAÇÃO – ANÁLISE DE SISTEMAS	397	21	5,29
ADMINISTRAÇÃO – RECURSOS HUMANOS	719	37	5,15
ADMINISTRAÇÃO – COMÉRCIO INTERNACIONAL	482	17	3,53
ADMINISTRAÇÃO – MARKETING	631	69	10,94
DIREITO	211	29	13,74
PSICOLOGIA	187	42	22,46
ED. FÍSICA	468	19	4,06
FISIOTERAPIA	193	46	23,83
FAI	Alunos/Curso	Respondentes	%
ADMINISTRAÇÃO	280	17	6,07
CONTÁBEIS	15	3	20,00
DESIGN DE INTERIORES	35	23	65,71
UCS	Alunos/Curso	Respondentes	%
ECONOMIA	570	32	5,61
ADMINISTRAÇÃO-DIA	797	46	5,77
DIREITO-DIA	586	17	2,90
CONTÁBEIS	807	34	4,21
HISTÓRIA	534	26	4,87
PEDAGOGIA	323	32	9,91
LETRAS	351	27	7,69
MEDICINA	359	16	4,46
PSICOLOGIA	675	21	3,11
TOTAL	8.946	655	7,32

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.6 ALGUMAS LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Há uma percepção de que a pesquisa tem fatores limitantes e, por consequência, as generalizações desejadas. Salientamos alguns fatores observados que podem ser tratados em trabalhos futuros:

- a) questões de natureza teórica quanto ao desenvolvimento do tema e do questionário;
- b) devido ao questionário ter sido aplicado e apenas respondido de forma escrita, impossibilitou a oportunidade dos universitários se manifestarem através de um diálogo;
- c) a possibilidade de algum fator aleatório ter influenciado a opinião dos pesquisados;
- d) impossibilidade de se obter outras percepções que poderiam ser importantes dentro do tema de pesquisa, devido à maneira de aplicação do instrumento de pesquisa aqui utilizado;
- e) a possibilidade de que houvesse influência de fatores subjetivos (emocionais) no dia da pesquisa, por parte dos pesquisados.

No próximo capítulo, apresenta-se a análise dos dados coletados e os resultados obtidos que nos permitirá obter algumas conclusões.

4 EVIDÊNCIAS QUANTO ÀS ESCOLHAS DOS UNIVERSITÁRIOS DE CAXIAS DO SUL

Neste capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa. Os dados foram trabalhados no sentido de responder aos questionamentos iniciais e que nortearam a investigação. Procurou-se evidenciar os resultados obtidos e principalmente as relações que se estabelecem entre as variáveis especificadas.

A pesquisa analisou a diversos quesitos. O questionário buscou identificar **a IES, o curso de graduação escolhido, a condição acadêmica do universitário em relação ao curso e se recebe auxílio institucional**. Pareceu-nos importante a caracterização dos universitários para uma abordagem inicial quanto a participação percentual das IES, dos cursos, horários de funcionamento, o semestre em que o universitário se encontra, além de verificar se está em sua primeira graduação e recebe ou não auxílio institucional.

Neste mesmo questionário foram introduzidas variáveis designadas **a caracterizar o universitário e sua condição socioeconômica**. Conhecer o gênero, a idade, renda familiar, se trabalha ou não, a escolaridade dos pais nos permitiu compreender que as escolhas dependem da condição socioeconômica da família. Por último se considerou variáveis designadas **à caracterização do processo de escolha** propriamente dito.

Na análise destas variáveis procurou-se verificar as principais razões ou fatores em que os universitários basearam as suas escolhas, isto é, os fatores que influenciaram ou indicaram para o pesquisado a condição de decidir-se sobre o curso de graduação. Luz Filho (2000) argumenta que as questões utilizadas na pesquisa devem provir de idéias utilizadas na formulação do problema e nos objetivos da investigação. Ainda que possa representar o que o pesquisador deseja esclarecer. Com o intuito de obter respostas para o tema central da pesquisa elaborou-se o questionário.

4.1 A METODOLOGIA ADOTADA

O questionário é composto de 70 questões. As questões de número 1 a número 7 referem-se à identificação da IES e do curso. As questões de número 8 a número 24 são relativas aos dados socioeconômicos dos estudantes. As restantes-25 a 70 referem-se ao processo de escolha do curso superior. Optou-se por um questionário de perguntas fechadas. Conforme Richardson et al. (1999), podem-se perceber vantagens e desvantagens com este modelo de questionário.

Vantagens: são fáceis de codificar; o entrevistado não precisa escrever; e as perguntas fechadas facilitam o preenchimento total do questionário.

Desvantagem: há uma incapacidade potencial de um pesquisador de proporcionar ao entrevistado todas as alternativas possíveis de resposta.

Ao selecionarmos a amostra consideramos;

- a) Alunos regularmente matriculados nas quatro IES já citadas.
- b) Alunos matriculados em disciplinas dos cursos escolhidos.
- c) Apenas alunos presentes em sala de aula no momento da entrega do questionário.
- d) As disciplinas oferecidas no primeiro ano de graduação dos cursos pesquisados.
- e) Foi preferencialmente direcionada a pesquisa para os alunos, tendo em vista a proximidade da escolha do curso superior.

Faz-se necessário distinguir que os resultados observados referem-se aos universitários respondentes ao questionário. Foram respondidos 655 questionários em quatro IES do Município de Caxias do Sul-RS. Os universitários participantes são alunos de graduação de 23 cursos superiores. Os resultados, as conclusões ou evidências aqui apuradas referem-se a esta amostra. Compreende-se que os resultados não podem ser generalizados a todos os universitários do Município de Caxias do Sul – RS, mas servem como um indicativo.

4.2 A APURAÇÃO DOS RESULTADOS

Após a aplicação de um pré-teste em junho de 2006, efetuou-se a aplicação do questionário entre os dias 30/08/2006 e 19/09/2006 com a colaboração dos professores das quatro IES selecionadas. Apresentaremos a seguir os resultados obtidos da pesquisa efetuada.

4.2.1 A Identificação da Instituição de Ensino Superior (IES) e do Curso

Já anunciado anteriormente as primeiras sete (7) questões referem-se à identificação das IES e dos cursos.

O Gráfico 3 ilustra as informações obtidas na primeira questão.

Questão (1): Em que instituição você estuda?

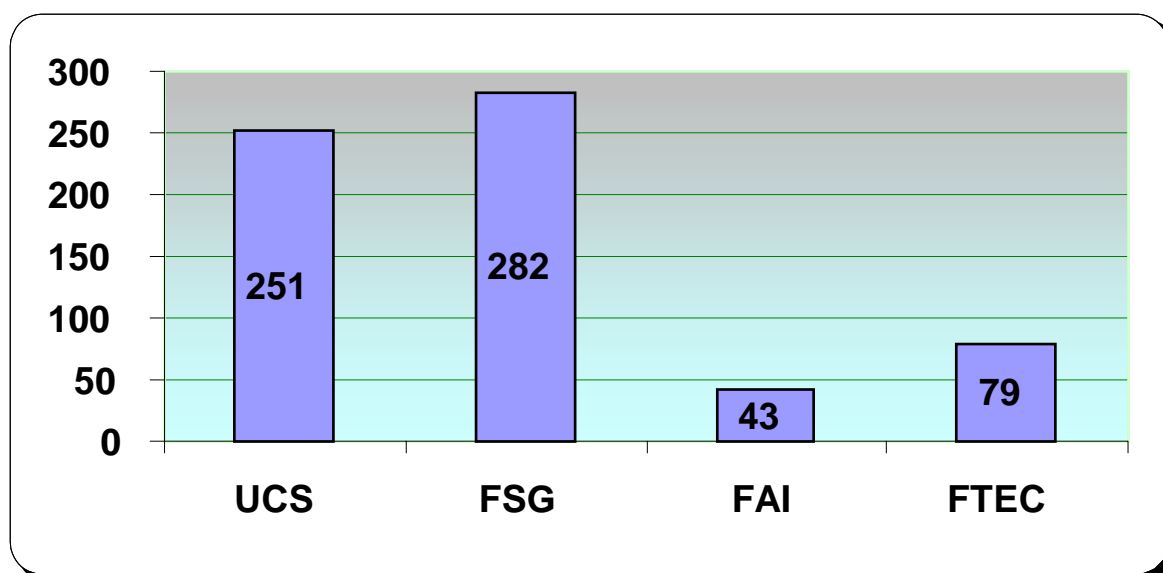


Gráfico 3 – Número de Respondentes por IES

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Gráfico 3 nos mostra que dos 655 respondentes, 251 são universitários da UCS, 282 da FSG, 43 da FAI e 79 da FTEC.

A Tabela 3 complementa a análise e faz a classificação dos alunos entre

universidade, faculdade e faculdade de tecnologia, respondendo a pergunta:

Questão (2): É classificada como?

Tabela 3 – Classificação das IES

IES	TOTAL
Universidade	251
Faculdade	325
Faculdade de Tecnologia	79

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os alunos que pertencem a universidade são 251, a faculdade são 352 e a faculdade de tecnologia são 79.

A questão seguinte relaciona o aluno com o seu respectivo curso.

Questão (3): Qual o nome do curso que você está freqüentando?

Tabela 4 – Cursos Pesquisados e as IES Pesquisadas

FTEC	Respondentes	Porcentagem sobre o Total⁽¹⁾
DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	49	7,48
GESTÃO EM REDES	20	3,05
GESTÃO DE AMBIENTES INFORMATIZADOS	10	1,53
FSG	Respondentes	%
ADMINISTRAÇÃO – ANÁLISE DE SISTEMAS	21	3,21
ADMINISTRAÇÃO – RECURSOS HUMANOS	39	5,95
ADMINISTRAÇÃO – COMÉRCIO INTERNACIONAL	17	2,60
ADMINISTRAÇÃO – MARKETING	69	10,53
DIREITO	29	4,43
PSICOLOGIA	42	6,41

Continua...

FSG	Respondentes	%
ED. FÍSICA	19	2,90
FISIOTERAPIA	46	7,02
FAI	Respondentes	%
ADMINISTRAÇÃO	17	2,60
CONTÁBEIS	3	0,46
DESIGN DE INTERIORES	23	3,50
UCS	Respondentes	%
ECONOMIA	32	4,89
ADMINISTRAÇÃO-DIA	46	7,02
DIREITO-DIA	17	2,60
CONTÁBEIS	34	5,19
HISTÓRIA	26	3,97
PEDAGOGIA	32	4,89
LETRAS	27	4,12
MEDICINA	16	2,44
PSICOLOGIA	21	3,21
TOTAL	655	100,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

(1) Os Valores da coluna representam o percentual dos respondentes de cada curso em relação ao total de alunos. Para esta questão foram 653 respostas válidas.

Observa-se que o número de alunos por turma pesquisada é bastante diferenciado o que notadamente nos traz um percentual variado de participação sobre o total de alunos pesquisados. Os alunos de ciências contábeis da FAI, por exemplo, representam o menor número e participação (0,46%), enquanto que os alunos de Administração em *marketing* da FSG foram a maior turma em participação percentual (10,53%).

O Gráfico 4 nos traz a resposta para a pergunta de número 4.

Questão (4): Qual o regime de funcionamento do curso?

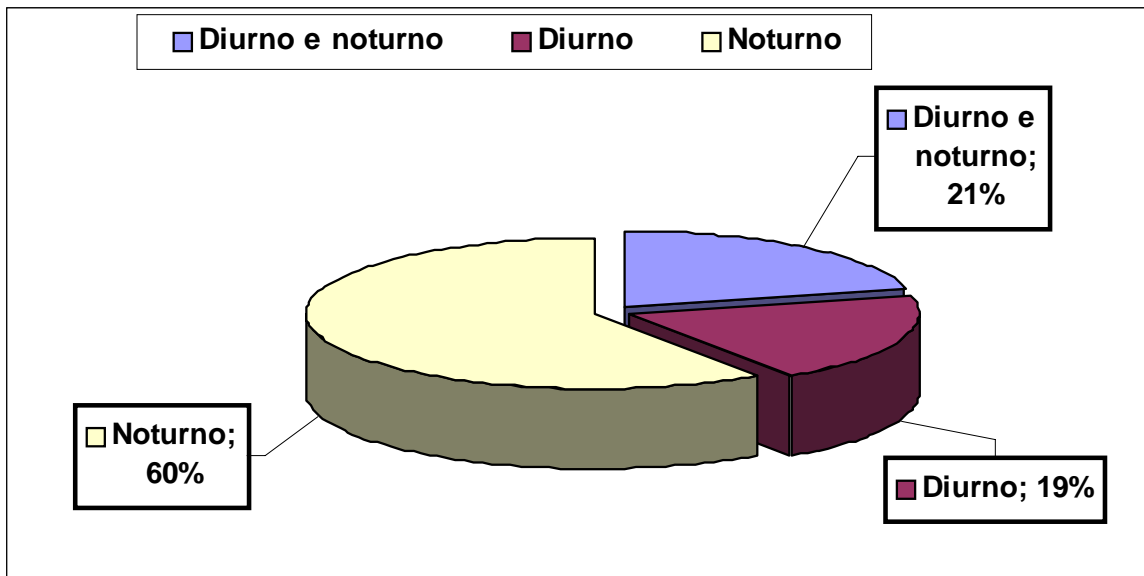


Gráfico 4 – Regime de Funcionamento do Curso

Fonte: Elaborado pelo autor.

As 650 respostas válidas para a questão (4) indicaram que 60% (387 alunos) estudam em cursos que funcionam à noite, 21% (137 alunos) estudam em cursos oferecidos para o diurno e noturno e 19% (126 alunos) estudam em cursos do diurno. Nota-se a clara preferência para os cursos à noite.

A TCH tem como hipótese fundamental de que os custos totais de investimento em educação são menores que o fluxo futuro rendimentos do trabalho. Aqui a preferência por cursos a noite traduz que os estudantes trabalham além de estudar. O salário recebido no período de sua formação acadêmica faz com os custos do investimento do curso superior tornem-se menores. Isto, por simplicidade, aumenta a taxa de retorno do investimento em educação.

A pergunta de número 5 identifica o semestre em que o aluno se encontra no curso.

Questão (5): em que semestre você está atualmente?

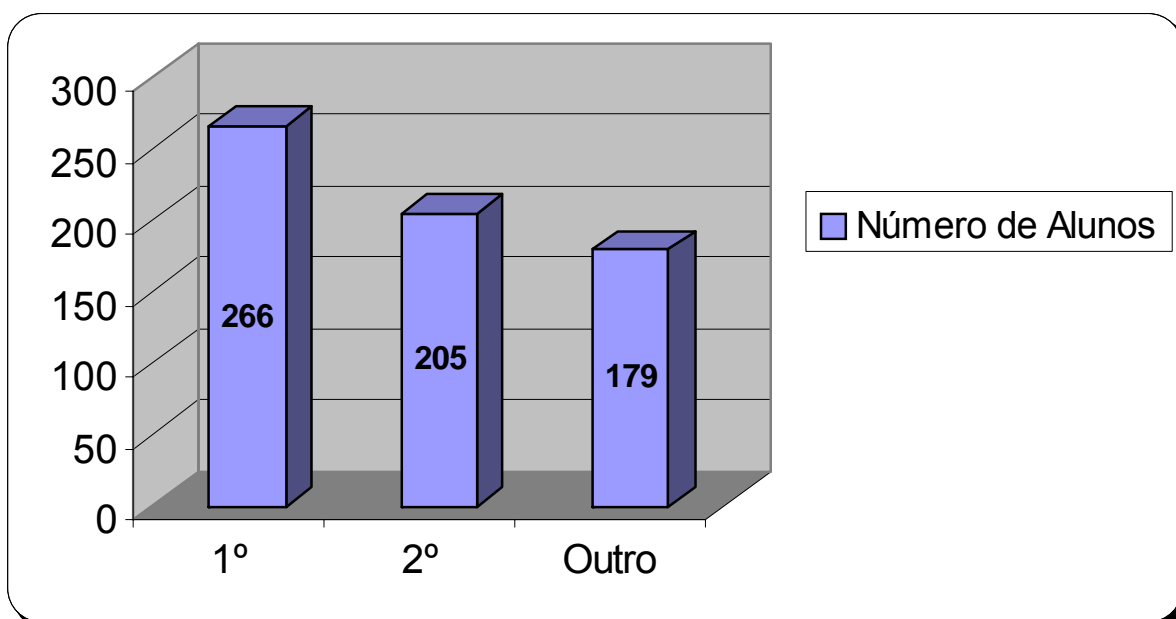


Gráfico 5 – Semestre do Curso

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para esta questão houve 650 respostas indicando que 266 alunos (40,9%) estão no primeiro semestre de seus cursos, 205 alunos (31,5%) estão no segundo semestre e 179 alunos (27,5%) estão em outros semestres de seus cursos. Dos respondentes 72,5% estão no primeiro ano de graduação.

Investigou-se, também, em relação ao auxílio financeiro recebido pelos estudantes. A Questão 6 busca esta informação, trazendo as seguintes respostas;

Questão (6): Você recebe algum tipo de auxílio financeiro para estudar?

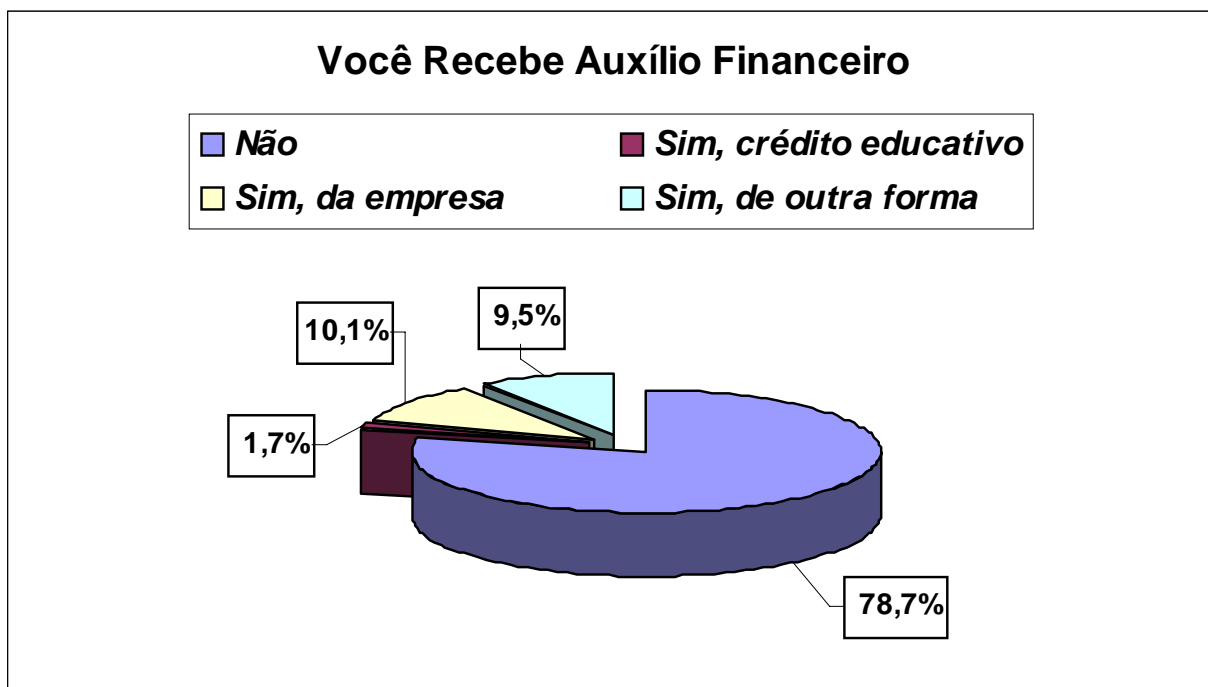


Gráfico 6 – Recebimento de Auxílio Financeiro

Fonte: Elaborado pelo autor.

A grande maioria dos 653 alunos não recebe auxílio financeiro. São 514 alunos (78,7%) que não recebem qualquer auxílio financeiro. Apenas 11 alunos (1,7%) recebem crédito educativo¹, sendo que 66 alunos (10,1%) recebem auxílio financeiro da empresa em que trabalham e 62 alunos (9,5%) recebem auxílio de outra forma. Percebe-se que o percentual mais significativo de alunos não tem auxílio financeiro para os seus estudos.

A pergunta seguinte encerra a identificação das IES e do curso.

¹ **Crédito educativo;** Criado pelo Governo Federal em 1999, o FIES é um fundo para financiar cursos de graduação, objetivando ampliar as condições de acesso à educação de nível superior. O FIES veio substituir o Programa de Crédito Educativo (CREDUC), trazendo mais transparência, modernidade e melhores condições de financiamento aos beneficiários. O Financiamento Estudantil (FIES) destina-se aos estudantes brasileiros, regularmente matriculados em faculdade não gratuita. É administrado pela Caixa Federal.

Questão (7): *Você já iniciou outro curso superior?*

Tabela 5 – Distribuição segundo a Iniciação de Outro Curso de Graduação

Respostas	Total	%
Não, este é o primeiro	466	71,4
Sim, mas abandonei	140	21,4
Sim, mas já conclui	29	4,4
Sim, estou cursando juntamente com o atual	18	2,8

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos 653 alunos que responderam 466 estão cursando o ensino superior pela primeira vez, 140 alunos já haviam começado, mas abandonaram o antigo curso, 29 estão cursando novamente um curso superior e 18 alunos estão cursando um outro curso juntamente com o atual.

Neste primeiro bloco de perguntas verificou-se que dos 23 cursos escolhidos para aplicação dos questionários, 60% dos alunos estudam no noturno o que nos remete a pensar sobre a possibilidade de estarem trabalhando enquanto estudam. Ainda que, 72,5% dos respondentes estão no primeiro e segundo semestres de seus cursos. Os estudantes, em sua maioria (78,7%), não recebem auxílio financeiro e 71,4% cursam o ensino superior pela primeira vez.

4.2.2 Dados Socioeconômicos do Estudante

As perguntas de número (8) a (24) buscaram identificar o aluno quanto a sua condição socioeconômica.

A pergunta (8) refere-se a conhecer o estudante quanto ao gênero.

Questão (8): Sexo?

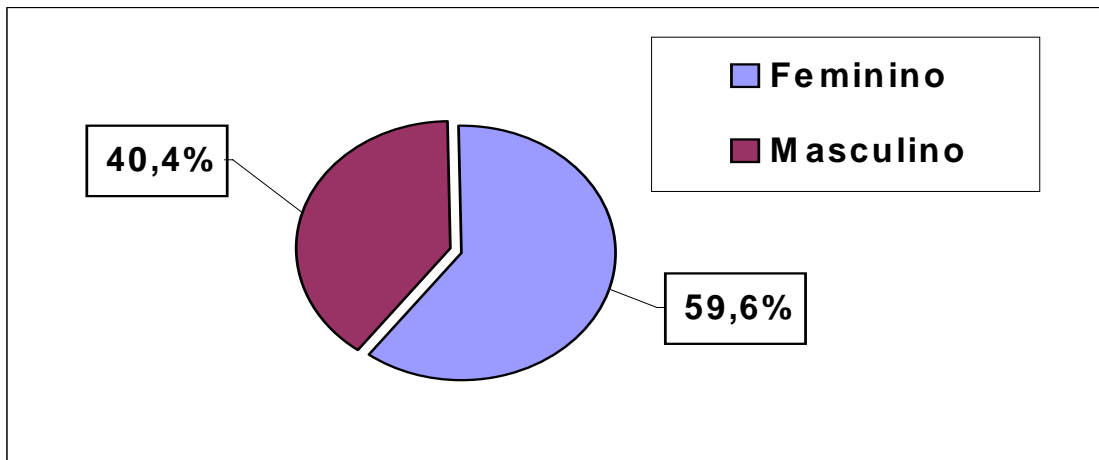


Gráfico 7 – Gênero dos Estudantes

Fonte: Elaborado pelo autor.

As respostas indicaram uma superioridade do gênero feminino em relação ao masculino, 59,6% contra 40,4%. Do total de 654 alunos, 390 são mulheres e 264 são homens. Isto denota uma crescente participação da mulher no mercado de trabalho.

A pergunta (9) é relacionada à faixa etária dos estudantes. Notadamente deverá ser um público jovem.

Questão (9): Idade _____ (anos)

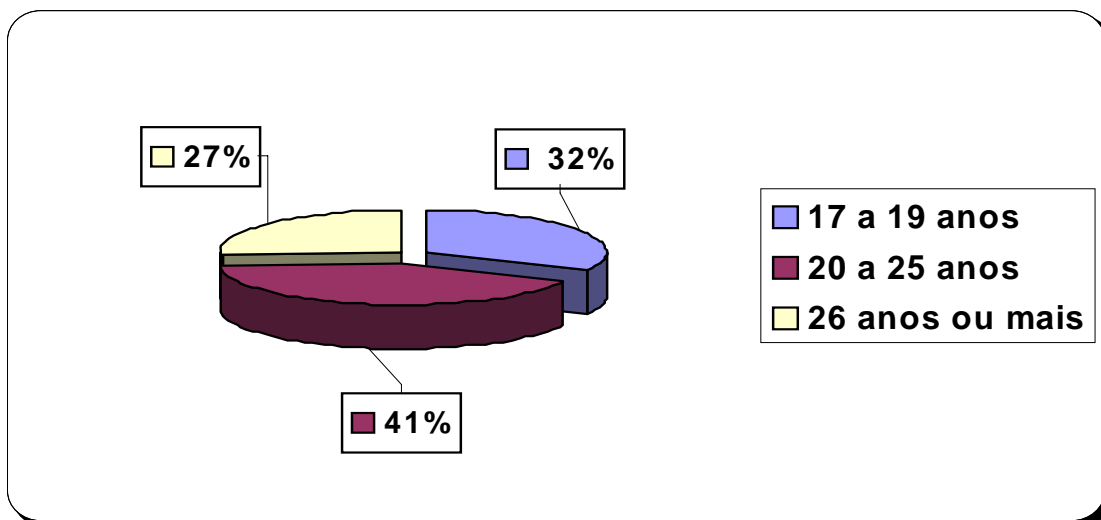


Gráfico 8 – Faixa Etária dos Estudantes

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os alunos mais jovens, entre 17 e 19 anos representam 32%. O percentual maior é de alunos entre 20 e 25 anos de idade (41%), o que corresponde a um total de 265 alunos. Nota-se claramente uma população bastante jovem em busca de conhecimento através do ensino superior. Os alunos até 25 anos de idade correspondem a um percentual de 73% sobre o total dos alunos pesquisados. Ainda se verificou que 100 alunos (15,6%) estão com 30 ou mais anos de idade. Isto pode significar uma busca ao conhecimento a partir do amadurecimento do ser humano ou de uma afirmação inicial no mercado de trabalho.

Ehrenberg e Smith (2000), ao argumentarem sobre a TCH e a demanda pela educação universitária inferem quatro possíveis resultados. Dentre estes presumem que a maior parte dos estudantes universitários seja jovem. A pesquisa mostra claramente o que foi pressuposto.

As perguntas de número (10) e (11) referem-se ao estado cível e a ter ou não filhos.

Questão (10): Estado civil:

Tabela 6 – Estado Civil

Estado Civil	Total	%
Solteiro	519	79,4
Casado	127	19,4
Viúvo	2	0,3
Separado ou divorciado	6	0,9
Total	654	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Questão (11): Você tem filhos?

Tabela 7 – Número de Filhos

Número de Filhos	Total	%
Não tenho	521	84,3
Um filho	60	9,7
Dois filhos	33	5,3
Mais de dois filhos	4	0,7
Total	618	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto ao estado civil os estudantes em sua maioria (79,4%) são solteiros.

Ao analisarmos as respostas da Questão (11), verificamos que 521 estudantes de um total de 618 que responderam não tem filhos. Esse resultado nos dá um percentual sobre o total de respondentes de 84,3%.

Já a Tabela 8 nos mostra a situação do universitário com a sua família em termos de participação financeira.

Questão (12): Qual a sua situação na unidade familiar que você vive ou reside?

Tabela 8 – Participação na Vida Econômica da Família

Participação na Vida Econômica da Família	Total	%
Chefe e responsável	95	14,6
Contribui parcialmente	296	45,6
Dependente e recebe ajuda	259	39,8
Total	650	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Notamos que a maior parcela dos estudantes (45,6%) contribui parcialmente para o sustento da família ou outras pessoas. Importante também ressaltar de que 39,8% dos respondentes dependem financeiramente de suas famílias ou de outras pessoas.

Uma informação bastante relevante é a renda familiar do estudante. A pergunta seguinte faz esta busca.

Questão (13): Qual a renda bruta total da unidade familiar?

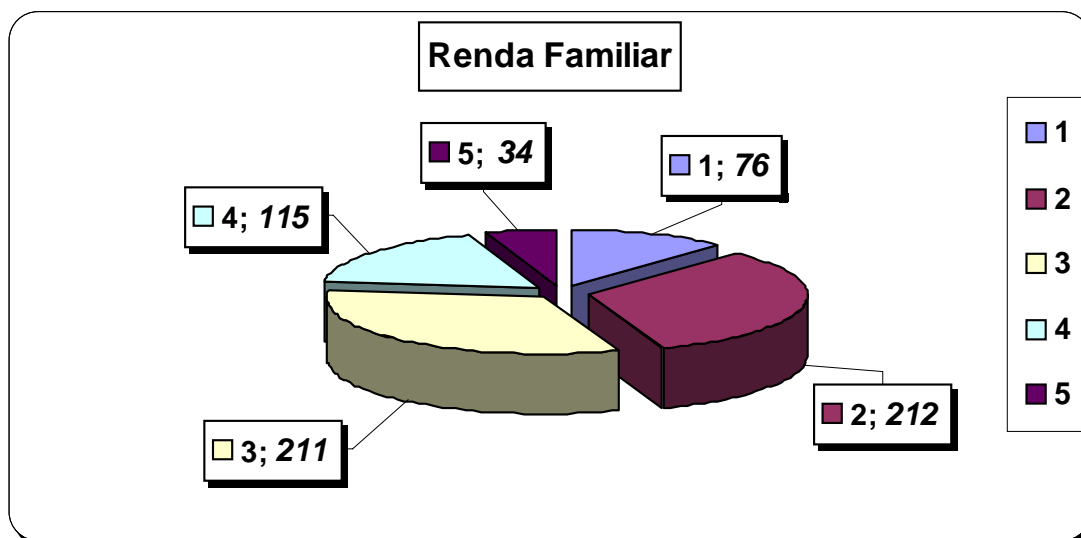


Gráfico 9 – Renda Familiar

Fonte: Elaborado pelo autor.

Notação:

- 1 - até R\$ 700,00 (até 2 salários-mínimos)
- 2 - de R\$ 701,00 a R\$ 1.750,00 (+ de 2 a 5 s.m.)
- 3 - de R\$ 1.751,00 a R\$ 3.500,00 (+ de 5 a 10 s.m.)
- 4 - de R\$ 3.501,00 a R\$ 7.000,00 (+ de 10 a 20 s.m.)
- 5 - acima de R\$ 7.001,00 (acima de 20 s.m.)

Para esta questão houve 648 respostas válidas. As respostas mais citadas foram a dois (2) e a três (3). Para 65,3% dos alunos a renda familiar situa-se entre dois (2) e dez (10) salários mínimos por mês. A média observada para esta pergunta foi de 2,7.

As questões de números (14) até a (19) buscam conhecer o aluno quanto à sua inserção no mercado de trabalho.

Questão (14): Você trabalha, além de estudar?

Esta questão foi respondida por todos os alunos sendo que se observou que

114 só estudam, 6 não estudam e são bolsistas, a imensa maioria (77,9%), ou seja 510 alunos estudam e trabalham e apenas 25 alunos trabalham e estudam mas no momento estão desempregados.

Questão (15): Qual a sua jornada? (Horas/semana)

Desta questão até a de número (19) foram orientadas para os que responderam que trabalham e estudam.

De um total de 510 alunos, 503 responderam e 283 alunos (56,3%) trabalham mais de 40 horas semanais, 197 alunos (39,2%) trabalham entre 20 e 40 horas semanais e 23 alunos (4,3%) trabalham menos de 20 horas semanais.

A questão seguinte investiga o setor em que o aluno atua.

Questão (16): Em que setor de atividade?

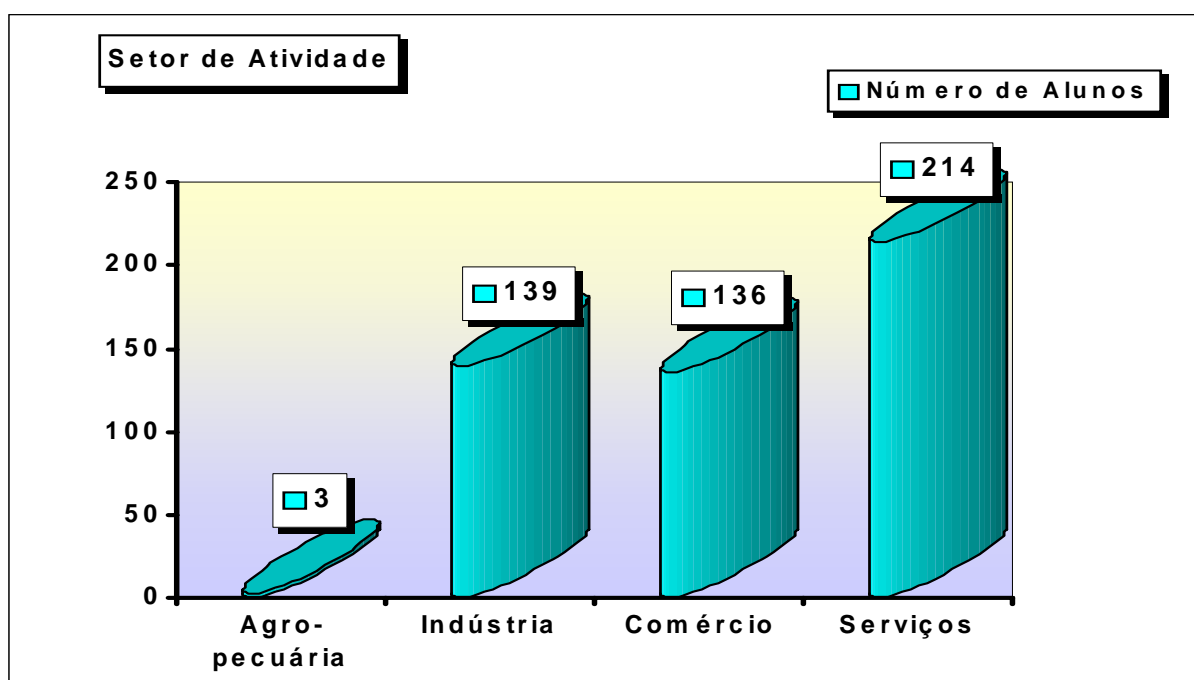


Gráfico 10 – Setor da Atividade de Trabalho

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Gráfico 10 verifica-se que de 492 respondentes, apenas 3 alunos (0,6%) trabalham na agro-pecuária. Ainda 139 alunos (28,3%) trabalham na indústria, 136 alunos (28,6%) trabalham no comércio e 214 alunos (43,5%) atuam na área de serviços. Embora a região seja fortemente industrializada o setor de serviços

responde com um percentual maior de trabalhadores em nossa investigação.

Questão (17): Qual o regime da sua ocupação principal?

Sobre esta questão houve resposta válida de 497 alunos, sendo que 344 alunos (69,2%) responderam que trabalham como empregados do setor privado. O grande número de empresas na região retrata este comportamento. Ocupam-se como servidores públicos apenas 34 alunos (8,5%). A pergunta seguinte está correlacionada com esta. O enunciado assim orienta: Se trabalha como servidor público ou empregado do setor privado,

Questão (18): Em que nível se enquadra o seu cargo ou função na instituição ou na empresa?

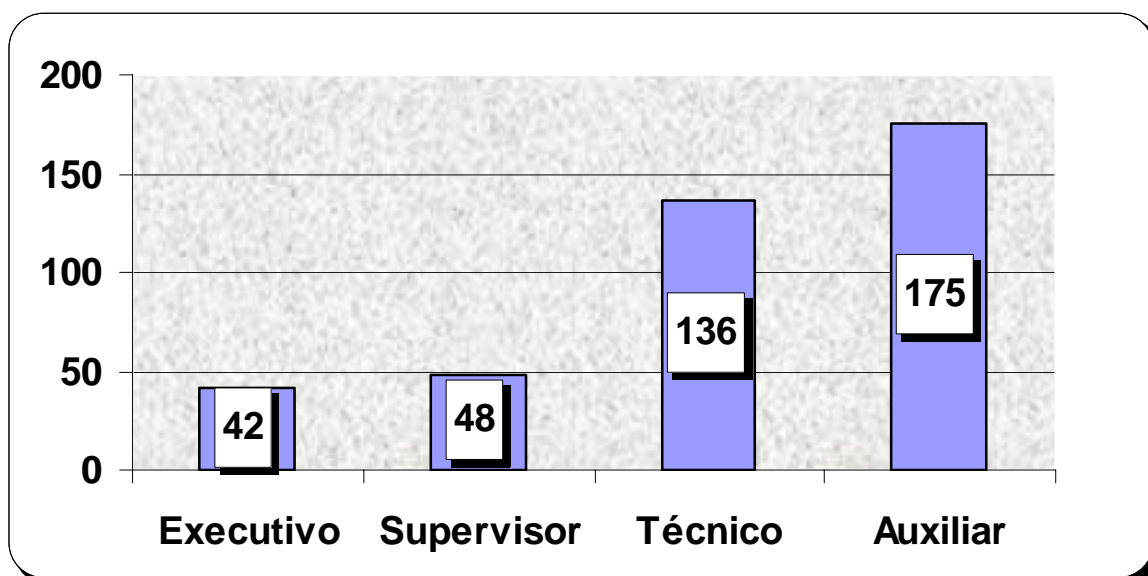


Gráfico 11 – Cargo ou Função Exercida Atualmente

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos 401 alunos que responderam a esta questão; 175 (43,6%) trabalham como auxiliares; 136 (33,9%) são técnicos; 48 (12,0%) trabalham com supervisão e 42 alunos (10,5%) são executivos.

Questão (19): Com que idade você começou a trabalhar de forma remunerada?

Esta questão foi respondida por 502 alunos e a média de idade com que os respondentes começaram a trabalhar foi de 16,2 anos. Isto demonstra que mesmo no meio acadêmico há uma valorização quanto a ganhar experiência no trabalho desde cedo.

Um questionamento quanto aos estudos de segundo grau.

Questão (20): Onde você realizou seus estudos de ensino médio ou de 2º grau?

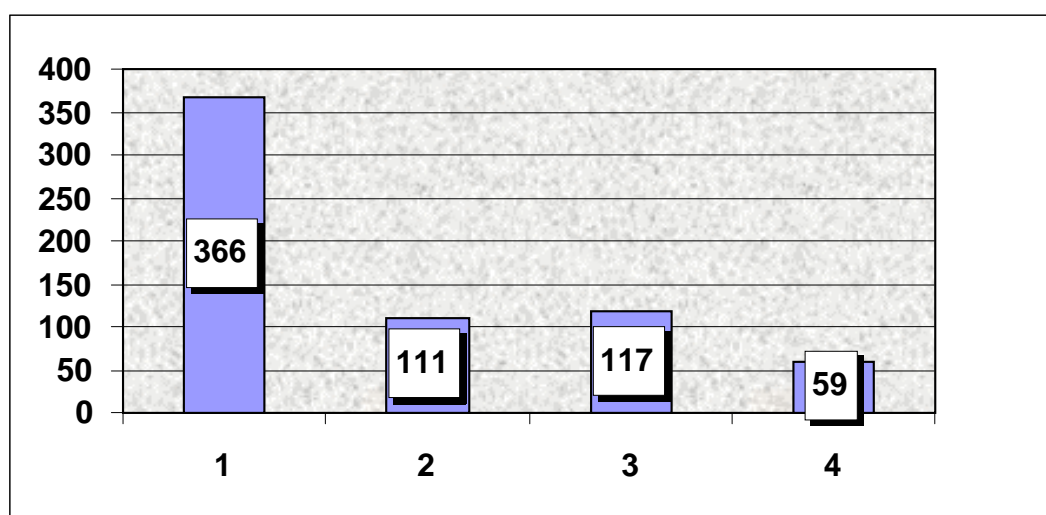


Gráfico 12 – Estudos de Segundo Grau

Fonte: Elaborado pelo autor.

Um percentual de 56,0% (366 alunos) cursou o 2º grau integralmente em escola pública. Ainda 17,0% (111 alunos) estudaram a maior parte do 2º grau em escola pública. Dos 653 alunos que responderam a questão 17,9% (117 alunos) estudaram integralmente em escola privada e apenas 9,0% cursou a maior parte do 2º grau em escola privada.

A Questão (21) refere-se à modalidade de 2º grau que o aluno concluiu. A resposta dos 648 alunos que responderam a esta questão ficou assim distribuída:

- a) 526 alunos fizeram o curso regular de 2º grau – educação geral;
- b) 48 alunos cursaram o magistério ou antigo normal; e
- c) 74 alunos fizeram o curso técnico profissionalizante.

A grande maioria dos estudantes (81,2%) fez o curso regular de 2º grau.

A pergunta de número 22 aborda acerca do vestibular.

Questão (22): você freqüentou curso pré-vestibular ou “terceirão”?

Os 652 alunos que responderam a questão assim se manifestaram:

- a) 483 (74,1%) responderam que não freqüentaram;
- b) 152 (23,4%) responderam que sim, pelo período de até um ano; e
- c) 17 (2,6%) responderam que sim, por um período superior a um ano.

Dois questões envolveram a escolaridade dos pais ou responsáveis (masculino e feminino) dos alunos.

Questão (23): Qual o grau de instrução do seu pai ou responsável masculino?

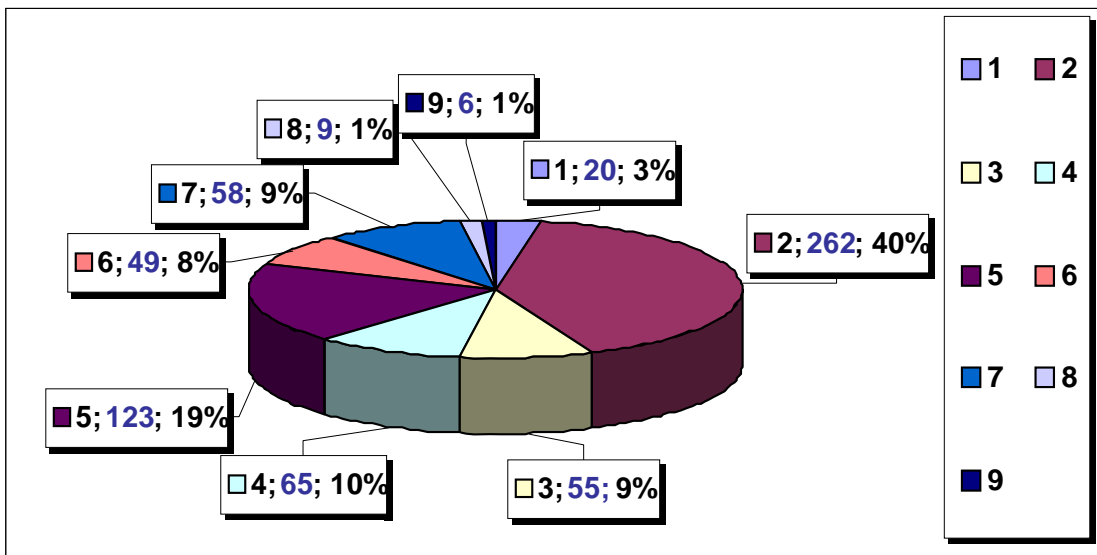


Gráfico 13 – Escolaridade do Pai ou Responsável Masculino

Fonte: Elaborado pelo autor.

Notação: (para 647 respostas válidas)

- 1 - não alfabetizado
- 2 - 1º Grau incompleto
- 3 - 1º Grau completo
- 4 - 2º Grau incompleto
- 5 - 2º Grau completo
- 6 - Superior incompleto
- 7 - Superior completo
- 8 - Pós-Graduação em nível de especialização
- 9 - Pós-Graduação em nível de mestrado
- 10 - Pós-Graduação em nível de doutorado

Um número significativo de alunos (262) respondeu que seu pai ou responsável masculino têm o 1º grau incompleto. A média da questão é de 3,7.

A questão seguinte pergunta sobre a escolaridade da mãe ou responsável feminino.

Questão (24): Qual o grau de instrução de sua mãe ou responsável feminino?

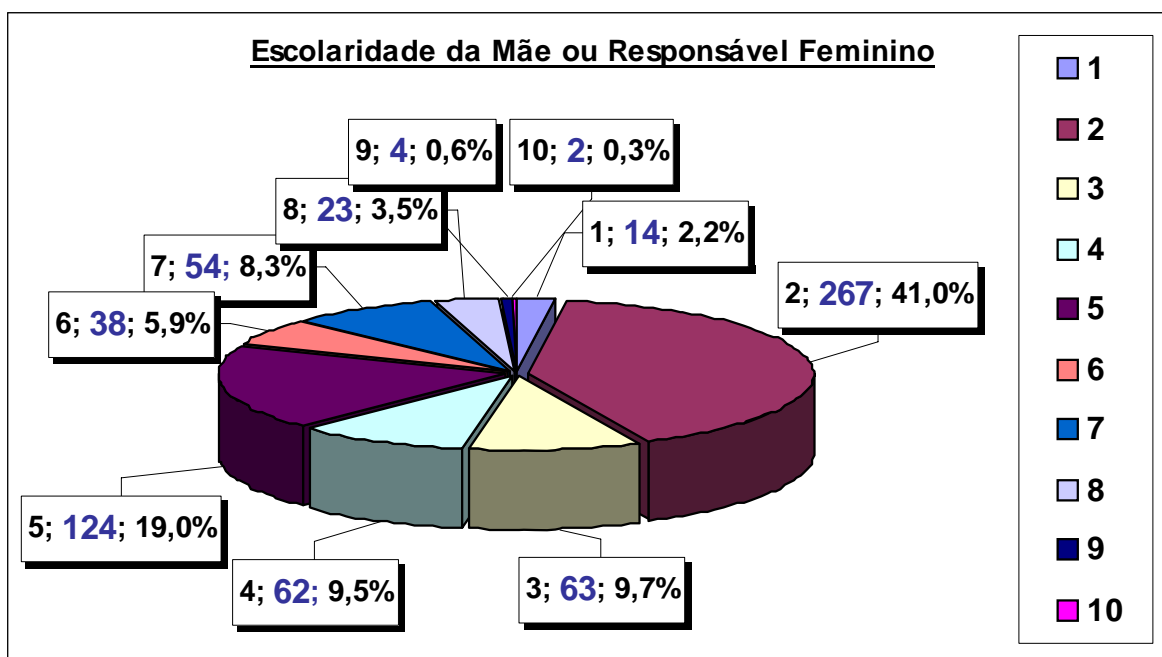


Gráfico 14 – Escolaridade da Mãe ou Responsável Feminino

Fonte: Elaborado pelo autor.

Notação:

- 1 - não alfabetizado
- 2 - 1º Grau incompleto
- 3 - 1º Grau completo
- 4 - 2º Grau incompleto
- 5 - 2º Grau completo
- 6 - Superior incompleto
- 7 - Superior completo
- 8 - Pós-Graduação em nível de especialização
- 9 - Pós-Graduação em nível de mestrado
- 10 - Pós-Graduação em nível de doutorado

Foram 651 respostas dadas a este questionamento. A média da questão é de 3,8, ligeiramente superior à média da pergunta anterior. Observa-se, também, que (267) estudantes citaram que as mães ou responsável feminino têm apenas o primeiro grau incompleto. Embora em percentuais pequenos tanto mães quanto pais de alunos não são alfabetizados.

Estas questões foram elaboradas para caracterizar o aluno quanto a sua situação socioeconômica. As perguntas seguintes relacionam-se com o tema central dessa dissertação: o processo de escolha.

4.2.3 O Processo de Escolha no Ensino Superior

As questões de número (25) até a de número (70) estão relacionadas com o tema central da nossa investigação científica. Buscam nos oferecer respostas para o questionamento que envolveu este trabalho.

Quais são os fatores de decisão para escolher um curso superior?

Na primeira questão do bloco (25), faz a abordagem quanto à época em que o aluno escolheu o seu curso de graduação.

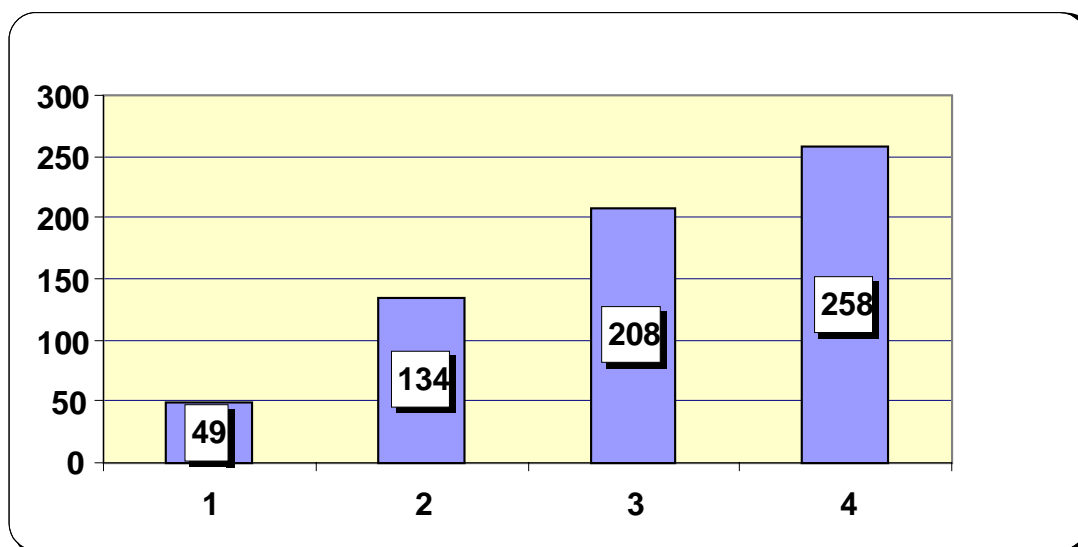


Gráfico 15 – Época da Escolha do Curso

Fonte: Elaborado pelo autor.

Questão (25): Quando você escolheu o curso superior ou a graduação que gostaria de cursar?

Notação:

1 - no primeiro grau.

2 - no início do Ensino Médio (ou 2º Grau).

3 - no último ano do Ensino Médio (ou 2º Grau).

4 - às vésperas da inscrição no concurso vestibular.

Foram (649) respostas válidas para esta questão.

Observamos que 466 estudantes (71,8%) responderam as alternativas 3 e 4. Significa dizer que as escolhas para estes estudantes (71,8%) aconteceu entre o último ano do ensino médio, ou às vésperas da inscrição para o vestibular. Apenas (27,2%) dos respondentes fizeram a sua escolha no primeiro grau ou no início do ensino médio.

A questão seguinte refere-se ao processo de escolha do curso de graduação.

Questão (26): Nesse processo de escolha, você decidiu:

Tabela 9 – Dúvida na Escolha entre Cursos

Dúvida na Escolha entre Cursos	Total	%
Por um único curso	305	47,1
Entre dois ou mais cursos de áreas afins	182	28,1
Entre dois ou mais cursos de áreas completamente diferentes	161	24,8
Total	648	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Numa análise inicial o processo de escolha nos pareceu bastante disperso entre as variáveis propostas aos respondentes. Embora uma escolha mais acentuada sobre um único curso, as demais alternativas também foram relevantes na escolha.

A questão seguinte envolve o fator tempo.

Questão (27): Depois de concluir o ensino médio ou o 2º grau, quanto tempo levou para você iniciar um curso de graduação?

Tabela 10 – O Fator Tempo entre o 2º Grau e o Início da Graduação

O Fator Tempo entre o 2º Grau e o Início da Graduação	Total	%
Menos de 6 meses	230	35,1
De 6 meses a 1 ano	124	19,0
De 1 a 2 anos	83	12,7
De 2 a 5 anos	111	17,0
De 5 a 10 anos	62	9,5
Mais de 10 anos	44	6,7
Total	654	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para 54,2% dos alunos pesquisados o início da graduação se dá até um ano após a conclusão do ensino médio. O que se percebe é uma seqüência de estudos

que não foi interrompida pela conclusão do ensino médio. Parte dos respondentes nos oferece o entendimento de que houve a decisão sobre cursar a graduação alguns anos depois da conclusão do ensino médio.

A pergunta (28) está relacionada com a idealização de um curso com a escolha atual.

Questão (28): O curso que você idealizou e escolheu é o curso que você está freqüentando atualmente?

Tabela 11 – A Idealização do Curso e a Escolha

A Idealização do Curso e a Escolha	Total	%
Sim, estou cursando a minha primeira escolha ou opção.	431	66,2
Não, mas o curso atual está relacionado àquele da minha primeira escolha.	98	15,0
Não, o curso atual não está relacionado àquele da minha primeira escolha.	85	13,1
Não, mas eu já concluí o curso que eu havia escolhido.	9	1,4
Não, mas eu já iniciei o curso que eu havia escolhido e o abandonei.	28	4,3
Total	651	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem perguntados sobre o curso idealizado e o curso que estão cursando, 431 alunos (66,2%) de um total de 651, responderam que estão cursando a primeira escolha ou opção. Ainda, 98 alunos (15,1%) disseram que não, mas que o curso atual está relacionado àquele da primeira escolha. O entendimento é o de que os estudantes buscam satisfazer as suas pretensões e escolhas.

Questão (29): Qual o grau de informação que você tinha quando escolheu o curso que está freqüentando? Esta questão é um enunciado para as três seguintes: questões (30) a (32).

As alternativas possíveis para as respostas são as seguintes:

Atribua: [0] para nenhum, [1] para baixo, [2] para regular ou satisfatório, [3] para alto.

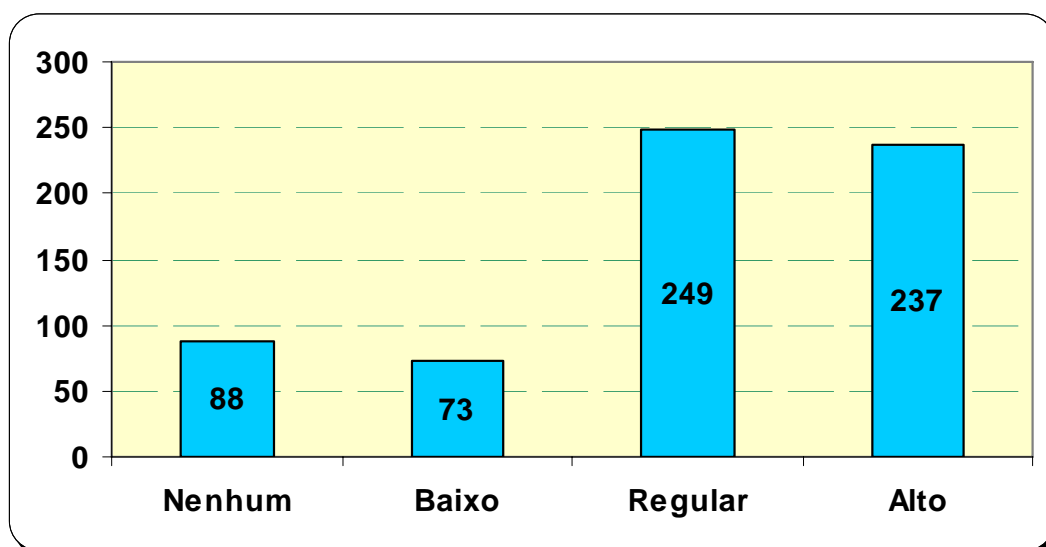


Gráfico 16 – Informações sobre o Horário de Funcionamento do Curso

Fonte: Elaborado pelo autor.

Questão (30): Sobre o horário de funcionamento

Há entre os alunos que responderam ao questionário uma preocupação com o horário de funcionamento do curso escolhido. Observando que muitos trabalham é uma informação relevante para a escolha do curso. Dos 647 alunos que responderam 486 (75,1%) buscaram ter boas informações sobre o horário de funcionamento do curso pretendido.

Questão (31): Sobre o número de disciplinas que iria cursar

Tabela 12 – Informações sobre Número de Disciplinas a Cursar

Informações sobre Número de Disciplinas a Cursa	Total	%
Nenhum	108	16,8
Baixo	102	15,8
Regular	293	45,5
Alto	141	21,9
Total	644	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

As respostas com percentuais significativos, para regular e alto, o que denota uma preocupação com o número de disciplinas a cursar.

Ainda sobre o grau de informação:

Questão (32): Sobre os custos do curso escolhido

Tabela 13 – Referente aos Custos do Curso

Referente aos Custos do Curso	Total	%
Nenhum	105	16,3
Baixo	99	15,3
Regular	247	38,3
Alto	194	30,1
Total	645	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem questionados sobre os custos do curso superior, 68,4% dos alunos demonstraram que procuraram informar-se de maneira mais clara sobre os mesmos. A preocupação sobre os custos do curso está relacionada com as rendas familiares. A possibilidade de cursar um número maior de disciplinas está diretamente relacionada com os custos e rendas. Coloca-se a análise desta maneira visto as IES da pesquisa serem todas privadas e não públicas.

Questão (33): Qual o grau de informação técnica ou especializada que você obteve sobre o curso atual? Esta questão é um enunciado para as Questões (34) até a de número (41).

As alternativas possíveis para as respostas são as seguintes:

Atribua: [0] para nenhum, [1] para baixo, [2] para regular ou satisfatório, [3] para alto.

Questão (34): Das escolas onde você estudou.

Tabela 14 – Grau de Informação Recebido das Escolas

Grau de Informação Recebido das Escolas	Total	%
Nenhum	285	43,7
Baixo	135	20,7
Regular	179	27,5
Alto	53	8,1
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados analisados nos remetem a que pouca ou nenhuma informação técnica ou especializada foi obtida das escolas onde o universitário pesquisado estudou. Para uma parcela significativa dos alunos (64,4%), as informações foram nenhuma ou baixa. A média foi 1,0, ou seja baixa.

Questão (35): Das Instituições de Ensino Superior

Tabela 15 – Grau de Informação das IES

Grau de Informação das IES	Total	%
Nenhum	138	21,2
Baixo	141	21,6
Regular	292	44,9
Alto	80	12,3
Total	651	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

As informações técnicas dos respondentes recebidas das IES é bastante superior ao das escolas. A média é 1,5. Esta média situa-se entre baixo e regular.

As informações seguintes são de informações obtidas na *internet*.

Questão (36): Dos sistemas de busca pela Internet

Tabela 16 – Informações Obtidas na Internet

Informações Obtidas na Internet	Total	%
Nenhum	160	24,6
Baixo	105	16,2
Regular	240	36,9
Alto	145	22,3
Total	650	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os sistemas de busca pela internet foram bastante utilizados pelos estudantes para a escolha de seu curso superior. Foram 59,1% dos respondentes que de regular a alto se utilizaram deste meio de informação. A média para esta questão situou-se em 1,6.

Questão (37): Dos meios de comunicação em massa

Tabela 17 – Informações Obtidas dos Meios de Comunicação em Massa

Informações Obtidas dos Meios de Comunicação em Massa	Total	%
Nenhum	133	20,5
Baixo	160	24,6
Regular	245	37,8
Alto	111	17,1
Total	649	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram 649 respostas válidas para a questão. A média ficou em 1,5. Entende-se de que o uso de jornais, rádio e televisão para a busca de informação a respeito de um curso universitário não é tão fortemente utilizado.

Questão (38): Do seu círculo social (família e/ou amigos)

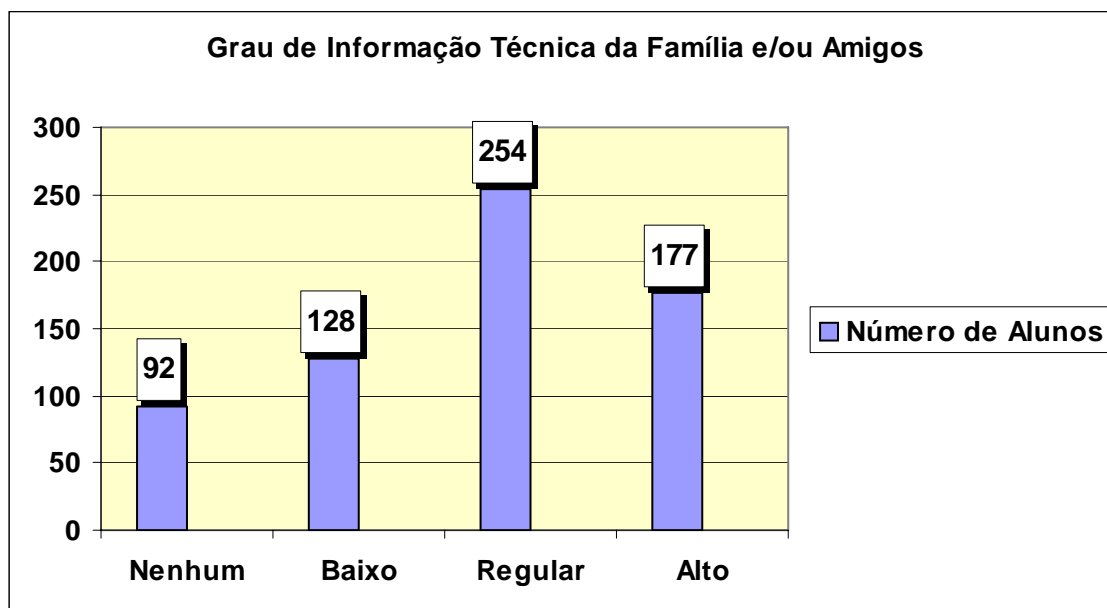


Gráfico 17 – Grau de Informação Técnica de Amigos e Família

Fonte: Elaborado pelo autor.

A média para as respostas a esta questão foi de 1,8. Foram 651 respostas válidas, sendo a maior média para as questões relativas a este bloco de informação técnica. Nota-se que família e/ou amigos têm uma boa influência sobre as escolhas dos estudantes para o curso superior.

Questão (39): De profissionais habilitados no curso que atuam no mercado

Tabela 18 – Grau de Informação dos Profissionais da Área do Curso

Grau de Informação dos Profissionais da Área do Curso	Total	%
Nenhum	134	20,6
Baixo	113	17,4
Regular	240	36,9
Alto	163	25,1
Total	650	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Obteve-se 650 respostas válidas para esta questão. A média ficou em 1,7. Esta média próxima do regular nos leva a entender que os profissionais do curso que atuam no mercado de trabalho podem influenciar de maneira bastante decisiva na escolha de um curso de nível superior.

Questão (40): De livros, revistas ou jornais especializados na área ou no curso

Tabela 19 – Informações de Livros, Revistas, Jornais da Área do Curso

Informações de Livros, Revistas, Jornais da Área do Curso	Total	%
Nenhum	136	21,0
Baixo	154	23,7
Regular	235	36,2
Alto	124	19,1
Total	649	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A média ficou em 1,5 significando entre baixo e regular. Os respondentes não se valeram de maneira mais expressiva de livros, revistas ou jornais especializados da área do curso para as informações técnicas a respeito do mesmo.

A última questão deste bloco de perguntas foi assim respondida pelos alunos:

Questão (41): De jornais, revistas ou guias destinados ao público estudantil e aos vestibulandos.

Tabela 20 – Informações de Jornais, Revistas ou Guias Destinados aos Vestibulandos

Informações de Jornais, Revistas ou Guias Destinados aos Vestibulandos	Total	%
Nenhum	138	21,3
Baixo	168	26,0
Regular	246	38,0
Alto	95	14,7
Total	647	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os jornais, revistas ou guias destinados ao público estudantil, público-alvo dos cursos a serem oferecidos pelas IES, não foram muito considerados na busca de informações técnicas a respeito do curso desejado pelos universitários pesquisados. A média para esta questão foi também de 1,5. Isto significa dizer que o interesse foi entre baixo e regular para os a jornais, revistas ou guias destinados aos estudantes e vestibulandos.

Questão (42): Como você avalia a influência de outras pessoas na sua escolha para este curso?

Este enunciado será utilizado para a questão de número (43) à questão de número (49).

As alternativas possíveis para as respostas dos respondentes são as seguintes:

Atribua: [0] para não influenciaram, [1] para influenciaram pouco, [2] para influenciaram e, [3] para influenciaram muito.

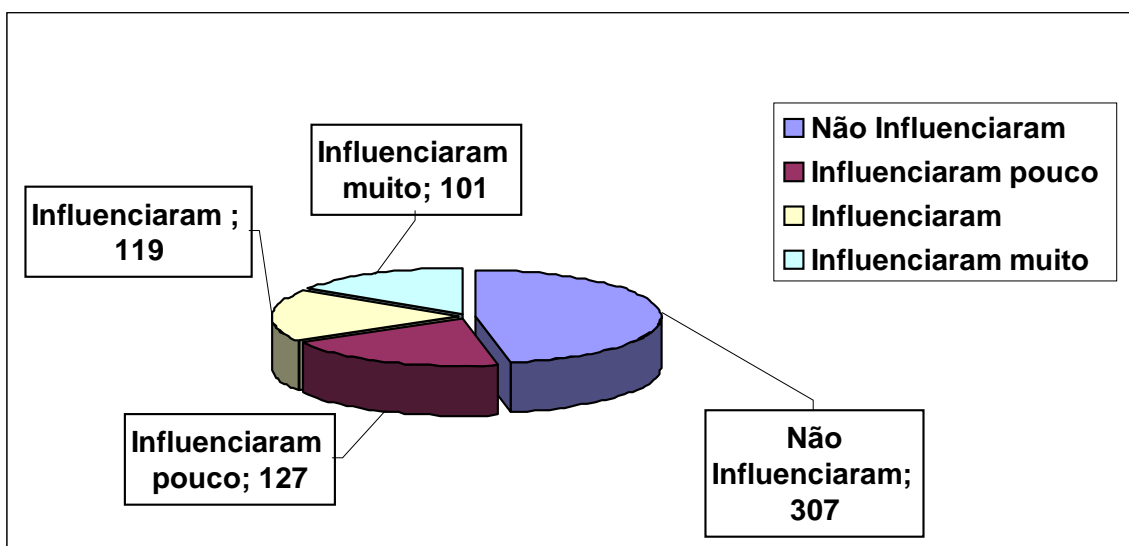


Gráfico 18 – Influência de Outras Pessoas na Escolha do Curso (PAIS)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Questão (43): Pais.

A pergunta é no sentido de verificar a influência dos pais junto aos filhos na escolha do curso superior. Foram 654 respostas válidas e a média foi de 1,0. Os pais influenciaram pouco nesta escolha de seus filhos.

Questão (44): Irmão(s) ou cônjuge

Tabela 21 – Influência de Irmão(s) ou Cônjuge

Influência de Irmão(s) ou Cônjuge	Total	%
Não Influenciaram	360	55,6
Influenciaram pouco	109	16,8
Influenciaram	89	13,7
Influenciaram muito	90	13,9
Total	648	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os 648 estudantes que responderam apresentaram como média 0,9. Comparativamente a média anterior pode-se dizer que a influência dos cônjuges e irmãos dos respondentes foi inferior do que a dos pais. Para um público notadamente jovem a experiência dos pais, até mesmo pela dependência financeira explica a influência maior.

Questão (45): Avós, tios ou primos.

Tabela 22 – Influência de Avós, Tios ou Primos

Influência de Avós, Tios ou Primos	Total	%
Não Influenciaram	478	73,3
Influenciaram pouco	91	13,9
Influenciaram	48	7,4
Influenciaram muito	35	5,4
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram 652 respostas válidas para esta questão. Um número muito significativo de alunos (478), respondeu que não houve influência na escolha do curso. A média é 0,4, portanto a influência deste grupo de pessoas nas decisões dos pesquisados foi pouquíssima.

Questão (46): Amigos ou colegas de estudo

Tabela 23 – Influência de Amigos ou Colegas de Estudo

Influência de Amigos ou Colegas de Estudo	Total	%
Não Influenciaram	268	41,1
Influenciaram pouco	146	22,4
Influenciaram	150	23,0
Influenciaram muito	88	13,5
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A média para esta questão foi de 1,1. O resultado nos traz a idéia de que este grupo de pessoas influenciou um pouco a tomada de decisão ao escolher o curso superior pretendido. Foram 652 respostas válidas.

Questão (47): Superiores ou parceiros de trabalho.

Tabela 24 – Influência de Superiores ou Parceiros de Trabalho

Influência de Superiores ou Parceiros de Trabalho	Total	%
Não Influenciaram	303	46,7
Influenciaram pouco	118	18,2
Influenciaram	117	18,0
Influenciaram muito	111	17,1
Total	649	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre os 649 que responderam validamente esta questão a média também foi de 1,1. Isto significa uma influência pequena de superiores ou parceiros de trabalho na escolha do curso superior dos alunos.

Questão (48): Profissionais da área do curso com quem você teve contato

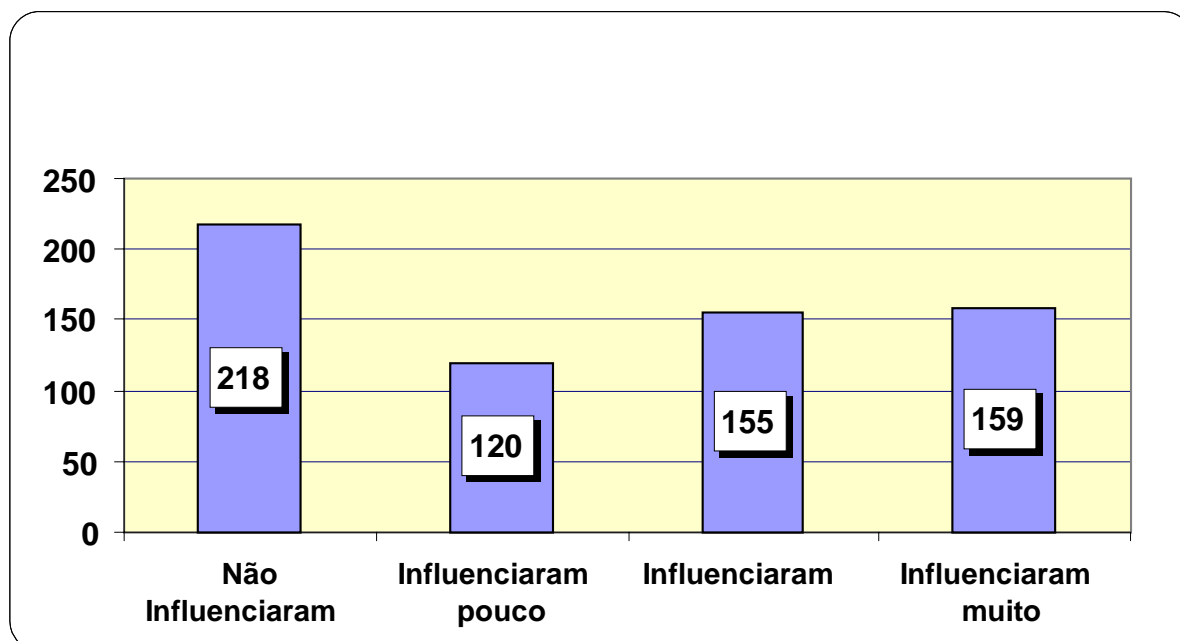


Gráfico 19 – Influência de Profissionais da Área do Curso de Graduação Escolhido

Fonte: Elaborado pelo autor.

Totalizaram 652 respostas válidas para esta questão. A média (1,4) sendo a maior para este bloco de perguntas. Pode-se afirmar que profissionais da área do curso em que os alunos estão estudando foram formadores de opinião para os entrevistados, no sentido de influenciar as suas escolhas.

Questão (49): Professores ou profissionais das instituições de ensino que você freqüentou

Tabela 25 – Influência de Professores ou Profissionais das Escolas Frequentadas

Influência de Professores ou Profissionais das Escolas Frequentadas	Total	%
Não Influenciaram	333	51,1
Influenciaram pouco	100	15,3
Influenciaram	114	17,5
Influenciaram muito	105	16,1
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Uma última questão para fechar o bloco de perguntas observava a influência dos professores ou profissionais de ensino por onde os respondentes haviam freqüentado. A média para 652 alunos que se manifestaram a respeito foi igual a 1,0. Pode-se concluir a partir disso de que a influência desse grupo de pessoas foi pequena.

O ponto central da nossa investigação refere-se “A Escolha no Ensino Superior, Fatores de Decisão”. As questões do bloco seguinte visam justamente identificar os principais fatores de decisão destas escolhas. Houve uma caracterização inicial através do questionário quanto aos respondentes. Neste bloco fez-se um total de quinze perguntas na tentativa de identificar os fatores mais importantes na escolha de um aluno.

Questão (50): Que importância você atribui aos fatores abaixo relacionados nesta escolha?

Este enunciado será utilizado para a questão de número (51) à questão de número (65).

As alternativas possíveis para as respostas dos respondentes são as seguintes:

Atribua: [0] para não importante [1] para pouco importante, [2] para importante e, [3] para muito importante.

Questão (51): Influência de irmão(s) ou cônjuge.

Tabela 26 – Influência de Irmão(s) ou Cônjuge como Fator de Decisão na Escolha do Curso

Influência de Irmão(s) ou Cônjuge	Total	%
Não Importante	300	46,0
Pouco Importante	119	18,2
Importante	136	20,9
Muito Importante	97	14,9
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

As respostas oferecem uma média igual a 1,0. Isto significa que a influência de irmãos ou cônjuge foi considerada pouco importante na escolha de um curso pelos nossos respondentes.

Questão (52): Orientação e anseios de seus pais

Tabela 27 – Importância das Orientações ou Anseios dos Pais

Importância das Orientações ou Anseios dos Pais	Total	%
Não Importante	210	32,2
Pouco Importante	144	22,0
Importante	184	28,2
Muito Importante	115	17,6
Total	653	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram 653 respostas válidas nesta questão. Uma média ligeiramente superior a da questão anterior, 1,3. A média pode ser entendida de que a orientação e anseios dos pais dos alunos têm uma determinada importância na escolha do curso e, por conseguinte da profissão do aluno.

Questão (53): Facilidade para o ingresso no curso

Tabela 28 – A Importância da Facilidade no Ingresso do Curso

Facilidade no Ingresso do Curso	Total	%
Não Importante	176	27,0
Pouco Importante	150	23,0
Importante	216	33,1
Muito Importante	110	16,9
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A média apurada entre as respostas válidas foi de 1,4. Situa-se entre pouco importante e importante para os nossos pesquisados. É um fator a considerar pelos alunos no momento de sua escolha por um curso de graduação.

Questão (54): Possibilidade de ascensão financeira.

Tabela 29 – A Possibilidade de Ascensão Financeira como Fator de Decisão

Possibilidade de Ascensão Financeira	Total	%
Não Importante	86	13,2
Pouco Importante	102	15,6
Importante	241	36,9
Muito Importante	224	34,3
Total	653	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A possibilidade de ascensão financeira é um fator importante como fator de decisão na escolha do curso superior. Foi este o entendimento a partir de uma média igual a 1,9. Dos 653 estudantes que responderam a esta questão 71,2% considerou importante ou muito importante este fator.

Questão (55): Oportunidades no mercado de trabalho

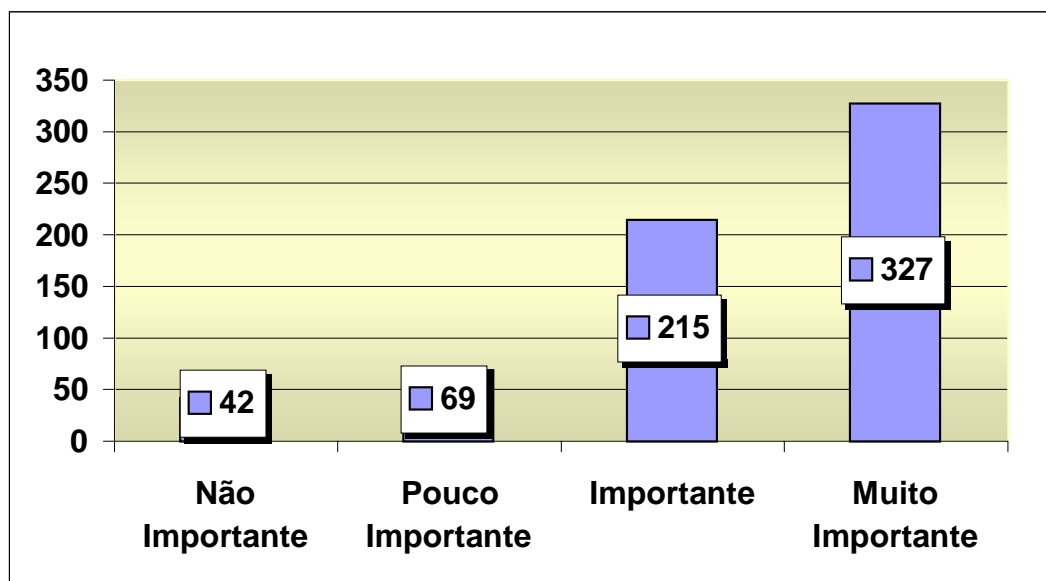


Gráfico 20 – Oportunidades no Mercado de Trabalho

Fonte: Elaborado pelo autor.

A oportunidade no mercado de trabalho foi bastante evidenciada como fator relevante na escolha de um curso superior. A média 2,3 está entre as duas mais elevadas de todas as questões do bloco.

Entende-se que os 653 estudantes que se manifestaram atribuem um grande valor as oportunidades no mercado de trabalho. Um curso superior ao conduzir o profissional para o mercado de trabalho, com certeza estará indo de encontro aos anseios destes estudantes.

Questão (56): Gratuidade ou baixo custo das mensalidades

Tabela 30 – A Importância do Custo das Mensalidades como Fator de Decisão

Custo das Mensalidades	Total	%
Não Importante	229	35,2
Pouco Importante	109	16,7
Importante	144	22,1
Muito Importante	169	26,0
Total	651	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A média apurada entre as respostas válidas foi de 1,4. Considera-se pouco importante a gratuidade ou baixo custo das mensalidades. Embora a média tenha se situado entre pouco importante e importante, 169 Alunos (26%) consideraram muito importante este fator. A análise das respostas nos leva a perceber que o fator renda pode ser impeditivo para boa parte dos alunos em cursar uma graduação que tenha custos elevados.

Questão (57): Influência de outros familiares, como avós tios e primos

Tabela 31 – A Influência de Avós, Tios e Primos como Fator de Decisão

Influência de Avós, Tios e Primos	Total	%
Não Importante	422	64,7%
Pouco Importante	137	21,0%
Importante	63	9,7%
Muito Importante	30	4,6%
Total	652	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram 422 estudantes (64,7%) que responderam como não importante a influência de avós, tios e primos na escolha de um curso de graduação. A média de 0,5 também acentua a percepção de não ser importante este fator.

Questão (58): Facilidade para o ingresso na Instituição de Ensino Superior

Tabela 32 – Facilidade de Ingresso na IES

Facilidade de Ingresso na IES	Total	%
Não Importante	225	34,6
Pouco Importante	149	22,9
Importante	170	26,2
Muito Importante	106	16,3
Total	650	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Média de 1,2 para as 650 respostas válidas. Não é um fator considerado importante na escolha do curso, ao menos foi a consideração da grande maioria.

Embora considerada pouco importante é um fator que sugere uma análise mais detalhada. A facilidade de ingresso em uma IES poderia ser mais bem explorada para trazer um número maior de alunos para a mesma, o que notadamente pode ser um diferencial na escolha do estudante.

Questão (59): Estímulo dos professores ou profissionais de ensino onde estudou

**Tabela 33 – Estímulo de Professores e Profissionais de Ensino
como Fator de Decisão**

Estímulo de Professores e Profissionais de Ensino	Total	%
Não Importante	294	45,1
Pouco Importante	121	18,5
Importante	144	22,1
Muito Importante	93	14,3
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Houve por parte dos respondentes (652) o entendimento de que foi pouco importante o estímulo dos professores ou profissionais de ensino onde os alunos estudaram. A média é 1,1. A compreensão é a de que este fator não é muito valorizado no momento de escolha de um curso superior por parte dos estudantes.

Questão (60): Adequação ao emprego, atividade ou função que exerce atualmente

**Tabela 34 – A Adequação ao Emprego ou Atividade Atual
como Fator de Decisão**

Adequação ao Emprego ou Atividade Atual	Total	%
Não Importante	207	31,7
Pouco Importante	92	14,1
Importante	144	22,1
Muito Importante	209	32,1
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A média para esta questão foi de 1,5. O mercado de trabalho é um objetivo comum a todos os envolvidos no processo de aprendizagem. A atividade profissional exercida pelo estudante notadamente tem importância enquanto fator de decisão para o seu curso superior. Vale lembrar de que esta média seria provavelmente maior se todos os respondentes trabalhassem. Lembramos que na (Q14), 510 estudantes dos 655 trabalham atualmente além de estudar.

Questão (61): Realização pessoal, aptidão e vocação para esse curso ou profissão.

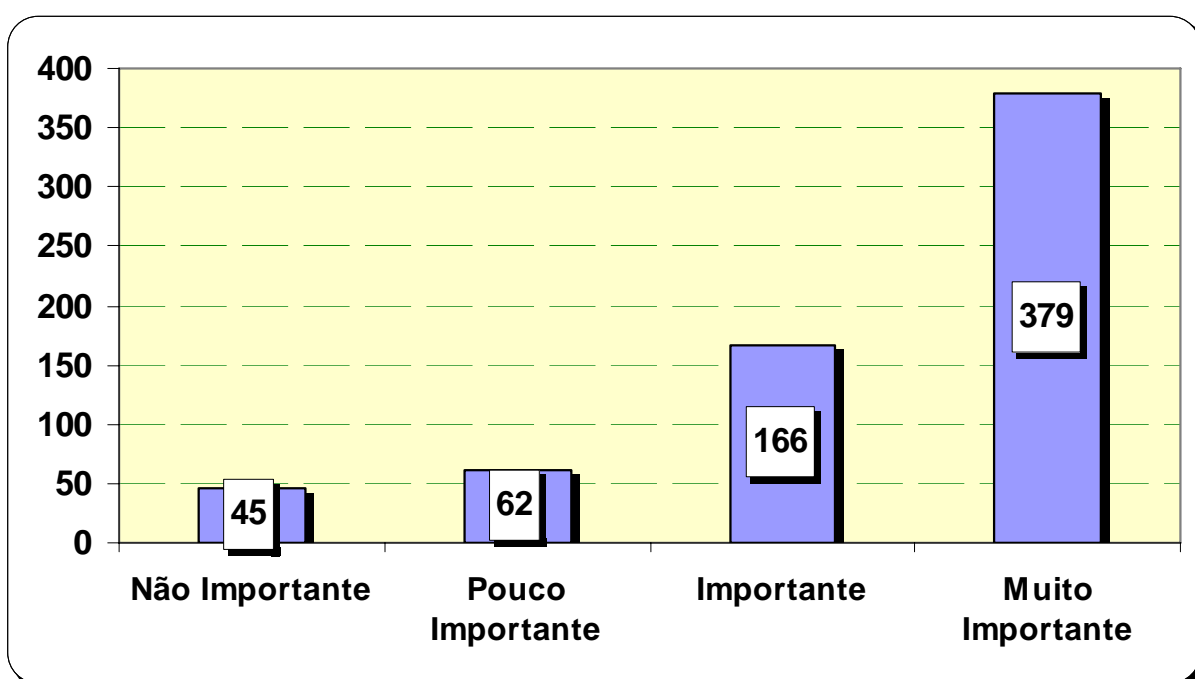


Gráfico 21 – Fator de Decisão: Realização Pessoal, Aptidão ou Vocação para a Profissão

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esta questão registrou a maior média deste bloco, 2,3. Além da média elevada, o maior número de alunos (379) de todo o bloco entendeu com muito importante a realização profissional aptidão e vocação para o curso ou profissão que escolheram. Este fator é de suma importância para a escolha do curso superior pretendido, observando-se as respostas dos 652 estudantes que responderam com validade esta questão.

Questão (62): Resultado da orientação ou teste vocacional realizado por profissionais

Tabela 35 – A Importância da Orientação ou Teste Vocacional

Orientação ou Teste Vocacional	Total	%
Não Importante	348	53,4
Pouco Importante	105	16,1
Importante	130	19,9
Muito Importante	69	10,6
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com uma média pouco expressiva, situando-se em 0,9, pode-se observar de que a orientação ou teste vocacional não está entre os principais fatores que levam os alunos a decidirem sobre um curso de nível superior.

Questão (63): Proximidade da instituição de ensino superior ao trabalho ou à residência

Tabela 36 – A Proximidade da IES com o Trabalho ou Residência

A Proximidade da IES com o Trabalho ou Residência	Total	%
Não Importante	295	45,3
Pouco Importante	128	19,6
Importante	122	18,7
Muito Importante	107	16,4
Total	652	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A média para esta questão foi de 1,1. A análise nos leva a entender de que é pouco importante para o aluno pesquisado a proximidade do seu trabalho ou residência com a IES.

Questão (64): Indicação de amigos ou colegas de estudo que também estavam escolhendo

Tabela 37 – Indicação de Amigos ou Colegas de Estudo como Fator de Decisão

Indicação de Amigos ou Colegas de Estudo	Total	%
Não Importante	284	43,6
Pouco Importante	166	25,5
Importante	140	21,5
Muito Importante	61	9,4
Total	651	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para os 651 alunos que responderam a questão, a média apresentada foi igual a 1,0. Portanto, foi considerado pouco importante este fator na escolha de um curso superior.

Questão (65): Qualidade e prestígio da instituição de ensino superior que está oferecendo o curso

Tabela 38 – A Importância da Qualidade da IES

A Importância da Qualidade da IES	Total	%
Não Importante	115	17,7
Pouco Importante	83	12,7
Importante	244	37,5
Muito Importante	209	32,1
Total	651	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A preocupação dos alunos com a instituição onde estudam é bastante observada na análise das respostas a esta questão. Um dos fatores relevantes na escolha do curso superior com média de 1,8. Foram 651 respostas válidas com 453

respostas indicando como importante ou muito importante o prestígio da IES que oferece o curso pretendido pelos mesmos.

As Questões de número (66) a (70) visam colher mais algumas informações e estas voltadas para um momento futuro do estudante. Por já haverem efetuado as suas escolhas e no momento de aplicação do questionário estarem vivenciando as mesmas procurou-se ter uma visão quanto aos próximos passos dos estudantes.

Questão (66): Você fez previsões ou imaginou a sua atuação futura com o curso que está freqüentando?

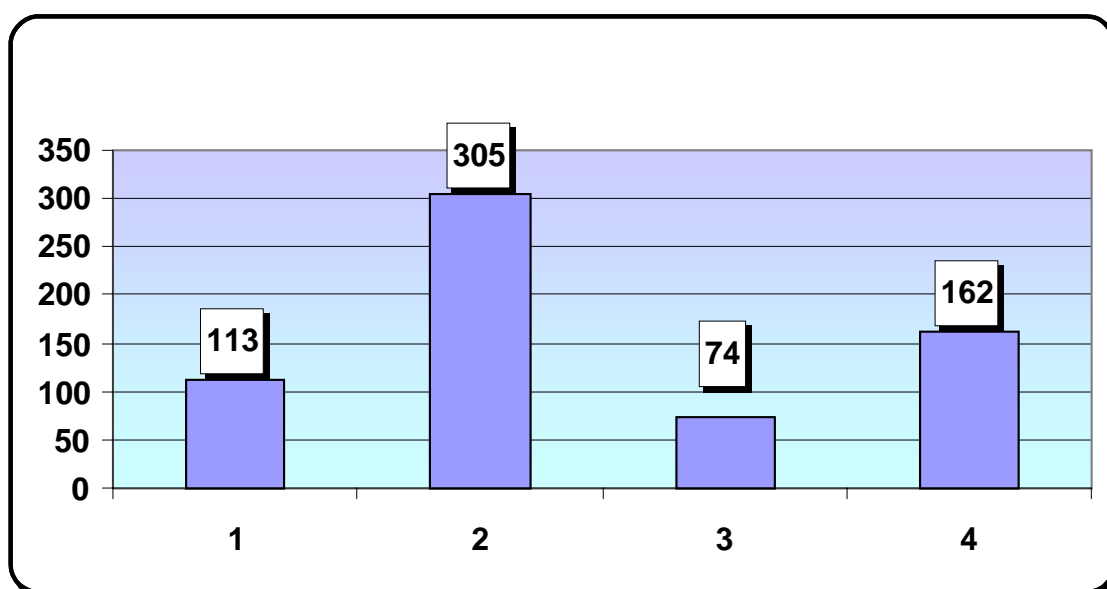


Gráfico 22 – Previsões de Atuação Futura

Fonte: Elaborado pelo autor.

Notação:

- 1 - Não, minha preocupação foi principalmente com o meu ingresso no curso de graduação.
- 2 - Sim, imaginando o período de término do mesmo e minha entrada no mercado de trabalho.
- 3 - Sim, imaginando um cenário de até dez anos após a conclusão do mesmo.
- 4 - Sim, imaginando um cenário correspondente a minha idade ativa no mercado de trabalho.

A resposta de número 2 foi a mais indicada com 46,6% (305 alunos) do total dos respondentes que foram 654 para esta questão. Há uma expectativa com o

término do curso e o início da atividade no mercado de trabalho. Uma parcela também significativa dos estudantes (24,8%) imagina desde logo a sua atividade durante a vida ativa no mercado de trabalho.

Questão (67): De que forma você imaginou colocar em prática a sua formação superior? (Se pensou em mais do que uma, enumere da principal para a(s) secundária(s): 1, 2,...n)

Tabela 39 – Como pretende trabalhar

Como pretende trabalhar	Total	%
Não imaginei	81	12,4
Como profissional liberal ou autônomo sem vínculo de emprego	150	23,0
Como microempresário	63	9,7
Como empresário	102	15,7
Como servidor público	126	19,4
Como empregado do setor privado	129	19,8
Total	651	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Embora a questão sugerisse mais do que uma resposta, optamos por considerar apenas a primeira preferência de cada respondente. Foram 651 respostas válidas nesta questão. Para 23,0% dos alunos pesquisados seu interesse maior é trabalhar como profissional liberal ou autônomo sem vínculo de emprego. Houve também bastante interesse em trabalhar como servidor público ou como empregado do setor privado, totalizando 39,2% dos respondentes.

A questão seguinte está relacionada à anterior.

Questão (68): Se imaginou trabalhar como empregado (tanto no setor público como no setor privado)?

Tabela 40 – Qual a função desejada se pretende trabalhar como empregado no setor público ou privado

Função desejada	Total	%
Em cargo ou função de nível executivo (comando e planejamento)	273	52,3
Em cargo ou função de nível de supervisão	146	28,0
Em cargo ou função de nível técnico ou operacional	85	16,3
Em cargo ou função de nível intermediário ou auxiliar	18	3,4
Total	522	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram 522 respostas válidas para a questão. Entende-se o número menor de respondentes devido ao direcionamento da pergunta. Nota-se o interesse na profissão que o curso escolhido pode proporcionar pela vontade expressa de 52,3% dos respondentes almejam funções em nível de executivo.

Questão (69): Considerando a experiência que você obteve desde o período da decisão e do ingresso no atual curso de graduação até o presente momento, acredita que fez a escolha correta?

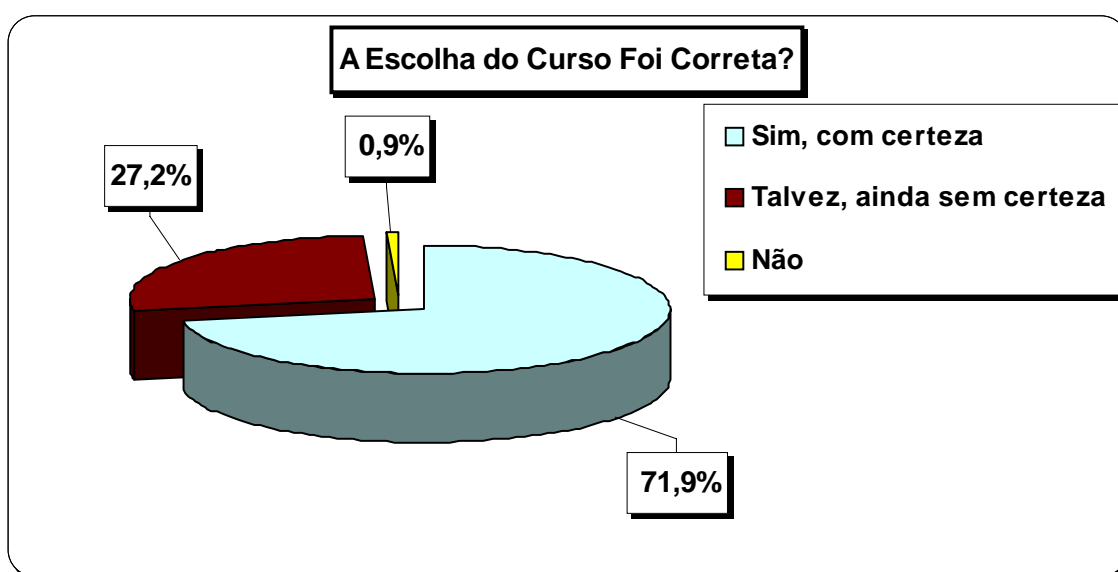


Gráfico 23 – A Certeza ou Não Quanto a Escolha Efetuada

Fonte: Elaborado pelo autor.

Todos os 655 estudantes responderam a esta pergunta. Para 71,9% (471 estudantes) a escolha foi correta com certeza. Ainda para 27,2% (178 estudantes) a escolha talvez tenha sido correta, mas ainda sem certeza e apenas para 0,9% (6 estudantes) a escolha não foi acertada.

Questão (70): E por este motivo pretende:

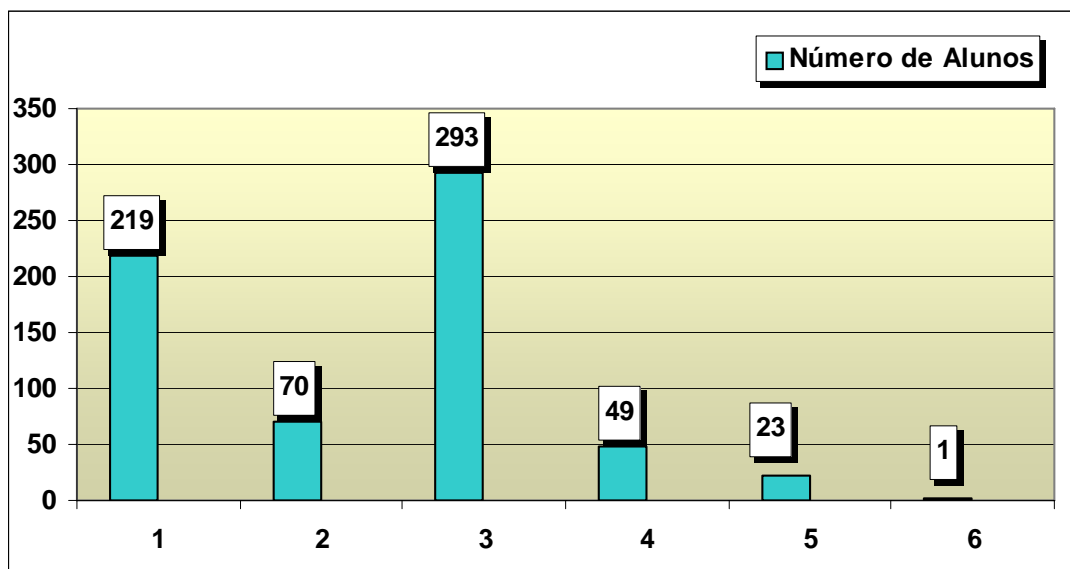


Gráfico 24 – Pretensões Futuras

Fonte: Elaborado pelo autor.

A última questão do questionário envolve uma abordagem quanto ao futuro. Vejamos a notação:

- 1 - concluir o atual curso de graduação.
- 2 - concluí-lo e iniciar outro curso de graduação.
- 3 - concluí-lo e aperfeiçoar-me com pós-graduação no curso ou em áreas afins.
- 4 - concluí-lo e aperfeiçoar-me com pós-graduação em outra área de interesse.
- 5 - trocar de curso aproveitando os créditos cursados.
- 6 - abandonar o atual curso de graduação.

Entre os 655 respondentes para a questão, há como objetivos futuros “concluir o atual curso de graduação”, para 33,4% deles, e “concluí-lo e aperfeiçoar-se com pós-graduação no curso ou em áreas afins”, para 44,7% dos respondentes.

A conclusão que se pode chegar por esta questão é a de que a escolha foi acertada e os estudantes pretendem seguir o curso em que estão.

Finalizamos, assim, a coleta de dados junto aos estudantes e passaremos as considerações finais que podem ser obtidas com base no que foi visto neste capítulo.

5 CONCLUSÃO

O objetivo central desta dissertação é conhecer os principais fatores de decisão na definição ou escolha de determinado curso de graduação. O instrumental teórico utilizado foi a teoria do capital humano (TCH) e a teoria da sinalização (TS) que originou estudos onde se procurou justificar as escolhas com base na teoria do investimento.

Como **hipóteses principais** deste trabalho temos que:

H₁ - o mercado de trabalho é sinalizador na escolha de um curso de graduação;

H₂ - o estudante decide com uma visão de curto prazo;

H₃ - o ambiente social e familiar do estudante influencia a sua decisão.

Tais hipóteses apoiaram-se, por um lado, na concepção dos limites do comportamento racional (BECKER, 1976, 1993), no sentido da existência de uma sinalização (SPENCE, 1973, 1974) no ambiente do estudante que pudesse levá-lo a determinada escolha profissional que lhe proporcionasse boas oportunidades no trabalho e ascensão financeira. Por outro lado, presumimos que o estudante tem visão de curto prazo associado ao retorno rápido de seu investimento e a sua condição de ser jovem. Ainda, de outra parte, que o ambiente social do indivíduo possa influenciar de maneira significativa em sua escolha.

Partiu-se de um tema inicial que envolvia as escolhas e seus aspectos relevantes e o trabalho permitiu um tratamento bastante amplo na busca dos fatores que levam os estudantes a decidirem por um curso de terceiro grau, tomando por base os dados das IES do Município de Caxias do Sul-RS.

A nossa abordagem buscou respostas para o seguinte questionamento:

Que fatores os estudantes consideram para fazer a escolha de um curso superior?

Foram feitas 25 questões na abordagem deste tema. A primeira questão deste bloco de perguntas referiu-se a época em que o estudante escolheu o curso superior que iria cursar. A escolha deu-se para 71,8% dos respondentes, no último ano do ensino médio ou às vésperas do exame vestibular. Entende-se que o aluno

escolhe neste momento por estar mais maduro e por vezes inserido no mercado de trabalho, tendo uma maior lucidez na escolha.

Nas escolhas feitas 47,1% decidiu por um único curso. Já 28,1% decidiram entre dois ou mais cursos de áreas afins e 24,8% decidiram entre dois ou mais cursos de áreas completamente diferentes.

Abordamos, também, a questão do tempo que o aluno demorou a iniciar a graduação após ter concluído o ensino médio. Para 35,2% dos alunos o tempo foi menos de seis meses e para 19% foi entre seis meses e um ano. Nota-se que há uma continuidade na vida estudantil da maior parcela dos respondentes. Embora que para 6,7% dos respondentes houve uma demora de mais de dez anos. Isto deve significar que outras prioridades houveram (família *versus* trabalho). Deve também ser entendido como uma possível necessidade do trabalho ou uma busca ao aprimoramento contínuo.

Para 66,2% dos estudantes o curso escolhido e idealizado é o curso em que estão atualmente.

Perguntamos se o aluno tinha informações sobre o horário de funcionamento, o número de disciplina e sobre os custos do curso que iria cursar. Sobre o horário 75,1% tinham grau regular ou alto de informações a respeito. A respeito do número de disciplinas 67,4% tinham regular ou alto grau de informação. Quanto aos custos 68,4% buscou a respeito um grau regular ou alto de informações. Percebe-se que os alunos estão bem informados quanto a estes quesitos. É uma necessidade estar bem informado a respeito, pois o aluno que trabalha deve escolher um curso compatível com o seu horário de trabalho e cursar um número de disciplinas condizente com a renda disponível.

Houve uma preocupação em conhecer qual o grau de informação técnica ou especializada que os estudantes obtiveram sobre o curso que estão cursando. Observando as médias obtidas nas respostas, a principal fonte de informação advém do círculo social (família e/ou amigos). Muito próximo a esta média estão as informações obtidas dos profissionais habilitados no curso que atuam no mercado de trabalho.

Procurou-se também verificar a influência de outras pessoas na escolha do atual curso. Foram atribuídos valores: (0); para não influenciaram, (1); para influenciaram pouco, (2); para influenciaram e (3); para influenciaram muito. As pessoas que poderiam ter influenciado os estudantes foram divididas por grupos:

pais; Irmão(s) ou cônjuge; Avós, tios ou primos; Amigos ou colegas de estudo; Superiores ou parceiros de trabalho; Profissionais da área ou do curso com quem você teve ou tem contato; Professores ou profissionais das instituições de ensino que você freqüentou. A maior média obtida foi de 1,4 (Profissionais da área ou do curso com quem você teve ou tem contato) e significa uma influência pequena. Pode-se deduzir que o estudante foi pouquíssimo influenciado, tendo autonomia e vontade soberana em sua escolha.

Ao analisarmos a importância atribuída a diversos fatores relacionados com graus de importância na escolha do curso pretendido pelos estudantes, destacaremos quatro deles. As questões 54, 55, 61 e 65.

A Questão (54) Possibilidade de ascensão financeira obteve a terceira maior média (1,9), sendo considerada importante como fator de decisão na escolha do curso.

A Questão (55), oportunidades no mercado de trabalho, obteve como média 2,3 sendo a segunda maior média de todas as questões que envolveram este questionamento. Destaca-se que 327 alunos (50,1%) dos respondentes entenderam este fator como muito importante. Na visão do estudante, a oportunidade no mercado de trabalho torna-se importante como fator decisivo na escolha de um curso de graduação.

A Questão (65), qualidade e prestígio da instituição de ensino superior que está oferecendo o curso, também recebeu um destaque como fator de escolha. Foi a quarta maior média (1,8), percebendo-se, então, que a qualidade da IES é fator importante na escolha de um curso superior.

Entretanto, a Questão (61), realização pessoal, aptidão e vocação para esse curso ou profissão, foi a que recebeu além da melhor média nas respostas (2,3), um maior número de alunos classificando-a como fator muito importante para a sua decisão. Foram 379 alunos que a consideraram muito importante em sua escolha. Portanto fator decisivo e de suma importância é sem dúvida a **realização pessoal, aptidão ou vocação para o curso ou profissão**.

Ao chegarmos neste ponto da nossa investigação e podermos elencar os dois principais fatores de decisão na escolha de um curso superior, ou seja: **a) realização pessoal, aptidão ou vocação para o curso ou profissão** e, **b) oportunidades no mercado de trabalho**, esperamos desta forma contribuir para com os interessados e a comunidade acadêmica de forma geral, trazendo o nosso questionamento inicial

e oferecendo uma visão mais esclarecedora sobre o tema. A realização pessoal, **(a)**, vai ao encontro do referencial teórico aqui abordado, ou seja, a teoria do capital humano **(TCH)**, que apregoa que investimentos em educação trazem retornos futuros através de qualificação pessoal. A teoria da sinalização **(TS)**, também corrobora este trabalho enquanto referencial teórico, pois, o mercado de trabalho **(b)**, demonstra ser um grande sinalizador para o estudante e futuro profissional.

Para obtermos uma percepção de futuro junto aos nossos respondentes foram colocadas mais 5 questões. Ao serem perguntados se faziam previsões ou imaginavam a atuação futura em referência ao curso que estavam freqüentando, 46,6% dos estudantes revelaram que sim e imaginaram o período de término da graduação e sua entrada no mercado de trabalho. Ainda, 24,8% revelaram que imaginava um cenário correspondente a sua vida ativa no mercado de trabalho. E entre algumas maneiras de colocar em prática a formação superior, a sugestão que mais recebeu respostas foi como profissional liberal ou autônomo, sem vínculo de emprego. Daqueles que pretendem atuar no setor público ou com empregado do setor privado, 52,3% pretendem chegar a nível executivo desenvolvendo funções de comando e planejamento.

Perguntados se tinham certeza ou estavam em dúvida sobre a escolha feita, 471 alunos revelaram que tinham certeza de que escolheram corretamente o curso. Talvez, ainda sem certeza, foi a resposta de 178 alunos e apenas 6 revelaram que não fizeram a escolha correta.

Considerando o que haviam declarado anteriormente solicitou-se sobre as pretensões futuras e 219 alunos (33,4%) pretendem concluir o atual curso. Um número mais expressivo, 293 alunos (44,7) pretendem além de concluir o atual curso, aperfeiçoar-se com pós-graduação no curso ou em áreas afins.

Como conclusão **aceita-se a H₁**, sendo que os estudantes consideram como importante em suas escolhas, a realização pessoal e as oportunidades no mercado de trabalho. Citamos, também, pelas evidências encontradas no comportamento dos alunos, de que, em termos gerais, eles orientam-se não só para o presente, mas também para o futuro. Essa constatação exclui da verdade, **rejeita-se, a H₂**, de que o estudante era voltado apenas para o curto prazo. Além disso, afirmam que fizeram a escolha correta e pretendem concluir o curso e aperfeiçoar-se com pós-graduação na área ou áreas afins. Esta última constatação corrobora a idéia de que o estudante possui uma visão de futuro, isto é, de longo prazo.

A maior influência recebida advém de profissionais da área ou do curso escolhido. São pouco influenciados pela orientação ou anseios de seus pais. Esta constatação nega, **rejeita** a H_3 , de que o ambiente familiar influencia de maneira significativa na escolha do estudante. A influência de irmãos ou cônjuges, ou de outros familiares, como avós, tios e primos, também foi pouco importante na escolha do curso para os estudantes.

Nosso esforço ao efetuar este trabalho foi no sentido de identificar e sugerir padrões gerais de comportamento comuns a diferentes universitários de quatro IES do município de Caxias do Sul - RS.

Como consideração final, pode-se salientar de que a pesquisa foi efetuada com alunos que já estão cursando o terceiro grau, portanto bem-sucedidos. Uma pesquisa aplicada a alunos concluintes do segundo grau, provavelmente pode se constituir numa nova pesquisa ou investigação que refutaria (corroboraria) os resultados aqui encontrados.

REFERÊNCIAS

- BARROS, R. P. et al. Determinantes do desempenho educacional no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 111-42, abr. 2001.
- BECKER, G. S. Investment in human capital: a theoretic analysis. **Journal of Political Economy**, Chicago, v. 70, n. 5, p. 9-49, Oct. 1962.
- _____. **The economic approach to human behavior**. London: The University Chicago Press, 1976.
- _____. **El capital humano**. Madrid: Alianza Universidad Textos, 1983.
- _____. **Human capital**: a theoretical and empirical analysis with special reference of education. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- _____. **Accounting for tastes**. London: Harvard University Press, 1996.
- BIANCHETTI, L. **Angústia no vestibular**: indicações para pais e professores. Passo Fundo: Ediupf, 1996.
- BLAUG, M. **Introdução à economia da educação**. Porto Alegre: Globo, 1975.
- BORJAS, G. **Labor economics**. New York: McGraw-Hill, 1996.
- BOWLES, S.; GINTIS, H. The problem with human capital theory: a marxian critique. **American Economic Review**, New York, v. 65, n. 2, p. 74-82, May 1975.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Cadastro das instituições de ensino superior**. [200-?]. Disponível em: <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_ies.asp>. Acesso em: 28 jun. 2005.
- BUSTAMANTE, F. M. Teoría del muestreo: particularidades del diseño muestral en estudios de la conducta social. **Revista Electrónica de Metodología Aplicada**, Oviedo, v. 3, n. 1, 1-15, 1998. Disponível em: <<http://www.psico.uniovi.es/rema/v3n1/a1/>>. Acesso em: 20 out. 2006.

CAMPOS, P. T. C. **Investimentos em capital humano no Brasil**: um estudo sobre retornos financeiros privados de cursos de graduação relativos ao ano de 1995. 2002. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA SERRA. **Diretrizes estratégicas para o desenvolvimento da região do COREDE - Serra**. Caxias do Sul: GUCS, 2004.

CORSEUIL, C. H. (Ed.). **Estrutura salarial**: aspectos conceituais e novos resultados para o Brasil. Brasília: MTE/IPEA, 2002.

CRAWFORD, R. **Na era do capital humano**. São Paulo: Atlas, 1994.

CRESPO, A.; REIS, M. C. O efeito-diploma no Brasil. **Notas Técnicas**, Brasília, p. 26-30, 31 out. 2006.

DABOS, M.; PSACHAROPOULOS, G. An analysis of the sources of earnings variation among Brazilian males. **Economic of Education Review**, Palo Alto, v. 10, n. 4, p. 359-377, 1991.

EHRENBERG, R.; SMITH, R. S. **A moderna economia do trabalho**: teoria e prática pública. São Paulo: Makron Books, 2000.

ELSTER, J. **Nuts and bolts for the social sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

FRIEDMAN, M. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Resumo estatístico RS**: Caxias do Sul. 2005. Disponível em:
<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?munici pio=Caxias+do+Sul>. Acesso em: 10 ago. 2006.

GOOGLE EARTH. **Image**: Caxias do Sul. [200-?a]. Disponível em:
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/10/Caxias_do_Sul.jpg>. Acesso em: 20 out. 2006.

_____. **Imagem:** Rio Grande do Sul: Municip[io de] Caxias do Sul. [200-?b]. Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dd/RioGrandedoSul_Municip_CaxiasdoSul.svg>. Acesso em: 20 out. 2006.

GUNDERSON, M. Economics of personnel and human resource management. **Human Resource Management Review**, Toronto, v. 11, n. 4, p. 431-452, 2001.

JONES, Geraint. **The economics of education**. London: MacMillan, 1993.

LANGONI, C. G. **Distribuição da renda e desenvolvimento econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

LEAL, C. I. S.; WERLANG, S. R. C. Retornos em educação no Brasil: 1976/1989. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 423-448, 1991.

LUZ FILHO, S. S. **O que pode ser determinante na escolha do curso de graduação**: um estudo exploratório em Instituições Federais de Ensino Superior. 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARCH, J. G. Bounded rationality, ambiguity, and the engineering of choice. **The Bell Journal of Economics**, Santa Monica, v. 9, n. 2, p. 587-608, 1978.

MARSHALL, A. **Princípios de economia**. London: Macmillan, 1920.

MEDEIROS, M. Questionários: recomendações para formatação. **Texto para discussão**: IPEA, Brasília, n. 1063, p. 7-42, jan. 2005.

MICRODADOS do Censo 2000. **Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, n. 11, p.20-22, nov. 2005.

MINCER, J. Investment in human capital and personal income distribution. **Journal of Political Economy**, Chicago, v. 66, n. 4, Aug. 1958.

_____. **Schooling, experience and earnings**. New York: National Bureau of Economic Research, 1974.

_____. On-the-job training: costs, returns and some implications. **Journal of Political Economy**, v. 70, n. 5, p. 50-79, Oct. 1962.

MORETTO, C. F. **Ensino superior, escolha e racionalidade**: os processos de decisão dos universitários do município de São Paulo. 2002. Tese (Doutorado em Economia) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

NÉRI, M. O Retorno da universidade. **Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 11, p. 20-22, 2005.

OI, W. Y. Labor as a Quasi-Fixed Factor. **The Journal of Political Economy**, v. 70, n. 6, p. 538-555, Dec. 1962.

PSACHAROPOULOS, G.; PATRINOS, H. A. Returns to investment in education: a further update. **Education Economics**, Philadelphia, v. 12, n. 2, p. 111-134, Aug. 2004.

REA, L. M.; PARKER, R. A. **Metodologia de pesquisa**: do planejamento à execução. São Paulo: Pioneira, 2000.

RIBEIRO, E. P.; CAMPOS, P.T.C.; PLORISSI, S. Investimento em capital humano no Brasil: um estudo sobre retornos financeiros privados de cursos de graduação. **Revista Análise Econômica**, Porto Alegre, ano 24, n. 45, p. 23-45, março 2006.

RICHARDSON, J. R. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. **Censo escolar 2004**: dados finais. 2004. Disponível em: <<http://www.seduc.rs.gov.br/pse/html/estatisticas.jsp>>. Acesso em: 21 set. 2006.

SCHULTZ, T. W. **O capital humano**: investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SMITH, A. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural, 1776.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002.

SPENCE, M. Job Market Signaling. **Quarterly Journal of Economics**, Cambridge, MA, n. 87, p. 355-374, Aug. 1973.

_____. **Market signaling: Information Transfer in Hiring and Related Processes**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974.

TANNEN, M. B. New estimates of the returns to schooling in Brazil. **Economics of Education Review**, v. 10, n. 2, p. 123-135, 1991.

UEDA, E. M.; HOFFMANN, R. Estimando o retorno da educação no Brasil. **Journal of Applied Economics**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 209-238, abr./jun. 2002.

WALTENBERG, F. D. **Análise econômica de sistemas educativos: Uma Resenha Crítica da Literatura e uma Avaliação Empírica da Iniquidade do Sistema Educativo Brasileiro**. 2002. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

APÊNDICE A - DADOS SOCIOECONÔMICOS DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL - RS

Localização

O Município de Caxias do Sul, Caxias do Sul localiza-se na encosta superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, parte na extremidade leste da microrregião vitivinícola e parte no planalto dos Campos de Cima da Serra.

É distante em aproximadamente 120 km da Capital do Estado – Porto Alegre. Sua área territorial é de 1.643,9 km². A sua densidade demográfica é de 243,5 hab/km² (2.005). A altitude é de 760 a 800m acima do nível do mar.

Dados Econômicos

A economia caxiense é composta da seguinte forma:

Indústria: 64,66%

Comércio e Serviços: 33,34%

Agricultura: 2%.

Tabela 41 – Dados Econômicos do Município de Caxias do Sul

Dados Econômicos	Total
População Total (2005)	400.313 habitantes
Coeficiente de Mortalidade Infantil (2005)	15,19 por mil nascidos vivos
Taxa de analfabetismo (2000)	3,65 %
PIBpm(2003)	R\$ mil 6.613.409
PIB per capita (2003)	R\$ 17.028
Exportações Totais (2005)	US\$ FOB 746.505.305

Fonte: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2005.

O Município de **Caxias do Sul** está inserido no **Corede Serra**. O Corede Serra (Conselho Regional de Desenvolvimento da Serra) compreende 33 municípios da região serrana do estado. Principais dados do Corede Serra:

Tabela 42 – Dados Socioeconômicos

Dados Econômicos	Total
População Total (2005)	810.321 habitantes
Coefficiente de Mortalidade Infantil (2005)	12,79 por mil nascidos vivos
Taxa de analfabetismo (2000)	4,26 %
PIBpm(2003)	R\$ mil 14.031.483
PIB per capita (2003)	R\$ 17.656
Exportações Totais (2005)	U\$ FOB 1.215.949.698

Fonte: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2005.

A população estudantil do município em nível de segundo grau;

Tabela 43 – Número de Estabelecimentos de Ensino e Alunos de 2º Grau

Número de Escolas	Número de Alunos
45 estaduais	24.001
22 particulares	4.300

Fonte: RIO GRANDE DO SUL, 2004.

As instituições de ensino superior (IES) em Caxias do Sul:

Quadro 5 – Instituições de Ensino Superior (IES) de Caxias do Sul

Instituição de Ensino Superior	Cidade	UF	Organização Acadêmica	Categoria Administrativa
Faculdade da Serra Gaúcha – FSG	CAXIAS DO SUL	RS	Faculdade	Privada
Faculdade de Tecnologia de Caxias do Sul – FTC	CAXIAS DO SUL	RS	Faculdade de Tecnologia	Privada
Faculdade de Tecnologia TecBrasil – FTECBrasil	CAXIAS DO SUL	RS	Faculdade de Tecnologia	Privada

Continua...

Instituição de Ensino Superior	Cidade	UF	Organização Acadêmica	Categoria Administrativa
Faculdade dos Imigrantes - Fai – FAI	CAXIAS DO SUL	RS	Faculdade	Privada
Faculdade Montserrat -	CAXIAS DO SUL	RS	Faculdade	Privada
Faculdade Nossa Senhora de Fátima - FACULDADE FÁTIMA	CAXIAS DO SUL	RS	Faculdade	Privada
Universidade de Caxias do Sul – UCS	CAXIAS DO SUL	RS	Universidade	Privada
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS	CAXIAS DO SUL	RS	Universidade	Estadual

Fonte: BRASIL, [200-?].



Figura 1 - Vista Parcial da Cidade de Caxias do Sul- RS

Fonte: GOOGLE EARTH, [200-?a].



Figura 2 - Localização Geográfica no Estado do Rio Grande do Sul

Fonte: GOOGLE EARTH, [200-?b].

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ECONOMIA APLICADA

QUESTIONÁRIO

Este questionário que você está recebendo faz parte da coleta de dados prevista pela DISSERTAÇÃO de MESTRADO PROFISSIONAL "A Escolha no Ensino Superior; Fatores de Decisão" desenvolvida pelo mestrando Francisco Luiz Batista Soares em nossa instituição. O objetivo dessa pesquisa é conhecer melhor o processo de decisão ao escolher um curso de graduação, identificando alguns fatores envolvidos, tais como as referências, a percepção do tempo e as incertezas.

Com exceção às questões **29** a **65** (nas quais você atribuirá um valor) e da **67**, assinale apenas 1 (uma) alternativa.

A sua contribuição é fundamental e, portanto, agradecemos imensamente a sua boa-vontade em participar!

I - IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR E DO CURSO

- 1) EM QUE INSTITUIÇÃO VOCÊ ESTUDA? 1 UCS 2 FSG 3 FAI 4 FTEC
- 2) É CLASSIFICADA COMO:
1 Universidade 2 Faculdade 3 Centro Universitário 4 Faculdade de Tecnologia
- 3) QUAL O NOME DO CURSO QUE VOCÊ ESTÁ FREQUENTANDO? _____
- 4) QUAL O REGIME DE FUNCIONAMENTO DO CURSO? 1 Diurno e noturno 2 Diurno 3 Noturno
- 5) EM QUE SEMESTRE VOCÊ ESTÁ ATUALMENTE? 1 1º 2 2º 3 Outro
- 6) VOCÊ RECEBE ALGUM TIPO DE AUXÍLIO FINANCEIRO INSTITUCIONAL PARA ESTUDAR?
1 não recebo
2 sim, crédito educativo 3 sim, da empresa em que trabalho 4 sim, de outra forma _____
- 7) VOCÊ JÁ INICIOU OUTRO CURSO SUPERIOR?
1 não, este é o primeiro
2 sim, mas abandonei 3 sim, mas já conclui 4 sim, estou cursando juntamente com o atual

II - DADOS SOCIOECONÔMICOS DO ESTUDANTE

- 8) SEXO: 1 Feminino 2 Masculino
 - 9) IDADE: _____ (anos)
 - 10) ESTADO CIVIL: 1 Solteiro 2 Casado 3 Viúvo 4 Separado ou Divorciado
 - 11) Você tem filhos? 1 Não tenho 2 Um filho 3 Dois filhos 4 Mais de dois filhos
 - 12) QUAL A SUA SITUAÇÃO NA UNIDADE FAMILIAR EM QUE VOCÊ VIVE OU RESIDE?
1 Chefe, é o principal responsável pelo seu sustento ou de outras pessoas
2 Contribui parcialmente para o sustento da família ou de outras pessoas
3 Dependente, recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas
 - 13) QUAL A RENDA MENSAL BRUTA TOTAL NA UNIDADE FAMILIAR?
1 até R\$ 700,00 (até 2 salários-mínimos) 2 de R\$ 701,00 a R\$ 1.750,00 (+ de 2 a 5 s.m.)
3 de R\$ 1.751,00 a R\$ 3.500,00 (+ de 5 a 10 s.m.) 4 de R\$ 3.501,00 a R\$ 7.000,00 (+ de 10 a 20 s.m.)
5 acima de R\$ 7.001,00 (acima de 20 s.m.)
 - 14) VOCÊ TRABALHA, ALÉM DE ESTUDAR?
1 Não, só estudo 2 Não, estudo e sou bolsista de iniciação científica
3 Sim, trabalho e estudo 4 Sim, trabalho e estudo, mas estou desempregado no momento
- Se você *trabalha* (caso contrário, vá para a questão 20)
- 15) QUAL A SUA JORNADA? (Horas/semana) 1 Mais de 40 hs 2 20 à 40hs 3 Menos de 20 hs
 - 16) EM QUE SETOR DE ATIVIDADE? 1 Agro-pecuária 2 Indústria 3 Comércio 4 Serviços

17) QUAL O REGIME DA SUA OCUPAÇÃO PRINCIPAL?

- 1 empregado do setor privado 2 microempresário
 3 servidor público 4 profissional liberal ou autônomo
 5 empresário 6 sem vínculo de emprego

Se trabalha como servidor público ou empregado do setor privado,

18) EM QUE NÍVEL SE ENQUADRA O SEU CARGO OU FUNÇÃO NA INSTITUIÇÃO OU NA EMPRESA?

- 1 Executivo (comando e planejamento) 2 Supervisor
 3 Técnico ou Operacional 4 Auxiliar ou de Apoio

19) COM QUE IDADE VOCÊ COMEÇOU A TRABALHAR DE FORMA REMUNERADA? _____ (anos)**20) ONDE VOCÊ REALIZOU SEUS ESTUDOS DE ENSINO MÉDIO OU DE 2º GRAU?**

- 1 integralmente em escola pública 2 maior parte em escola pública
 3 integralmente em escola privada 4 maior parte em escola privada

21) MODALIDADE DE 2º GRAU QUE CONCLUIU?

- 1 curso regular de 2º Grau - educação geral 2 magistério ou antigo normal
 3 curso técnico profissionalizante

22) VOCÊ FREQUENTOU CURSO PRÉ-VESTIBULAR OU "TERCEIRÃO"?

- 1 Não frequentei 2 Sim, pelo período de até um ano 3 Sim, por um período superior a um ano

23) QUAL O GRAU DE INSTRUÇÃO DO SEU PAI OU RESPONSÁVEL MASCULINO?

- 1 não alfabetizado 2 1º Grau incompleto 3 1º Grau completo
 4 2º Grau incompleto 5 2º Grau completo
 6 Superior incompleto 7 Superior completo
 Pós-Graduação, em nível de 8 especialização 9 mestrado 10 doutorado

24) QUAL O GRAU DE INSTRUÇÃO DA SUA MÃE OU RESPONSÁVEL FEMININO?

- 1 não alfabetizado 2 1º Grau incompleto 3 1º Grau completo
 4 2º Grau incompleto 5 2º Grau completo
 6 Superior incompleto 7 Superior completo
 Pós-Graduação, em nível de 8 especialização 9 mestrado 10 doutorado

III - O PROCESSO DE ESCOLHA**25) QUANDO VOCÊ ESCOLHEU O CURSO SUPERIOR OU A GRADUAÇÃO QUE GOSTARIA DE CURSAR?**

- 1 no primeiro grau 2 no início do Ensino Médio (ou 2º Grau)
 3 no último ano do Ensino Médio (ou 2º Grau) 4 às vésperas da inscrição no concurso vestibular

26) NESSE PROCESSO DE ESCOLHA, VOCÊ DECIDIU:

- 1 por um único curso 2 entre dois ou mais cursos de áreas afins
 3 entre dois ou mais cursos de áreas completamente diferentes

27) DEPOIS DE CONCLUIR O ENSINO MÉDIO OU 2º GRAU, QUANTO TEMPO LEVOU PARA VOCÊ INICIAR UM CURSO DE GRADUAÇÃO?

- 1 menos do que 6 meses 2 de 6 meses a 1 ano 3 de 1 a 2 anos
 4 de 2 a 5 anos 5 de 5 a 10 anos 6 mais de 10 anos

28) O CURSO QUE VOCÊ IDEALIZOU E ESCOLHEU É O CURSO QUE VOCÊ ESTÁ FREQUENTANDO ATUALMENTE?

- 1 sim, estou cursando a minha primeira escolha ou opção
 2 não, mas o curso atual está relacionado àquele da minha primeira escolha
 3 não, o curso atual não está relacionado àquele da minha primeira escolha
 4 não, mas eu já concluí o curso que eu havia escolhido
 5 não, mas eu já iniciei o curso que eu havia escolhido e o abandonei

29) QUAL O GRAU DE INFORMAÇÃO QUE VOCÊ TINHA QUANDO ESCOLHEU O CURSO QUE ESTÁ FREQUENTANDO?

Em cada alternativa abaixo, atribua: [0] para nenhum, [1] para baixo, [2] para regular ou satisfatório, [3] para alto.

- 30) Sobre o horário de funcionamento
 31) Sobre o número de disciplinas que iria cursar
 32) Sobre os custos do curso escolhido

33) QUAL O GRAU DE INFORMAÇÃO TÉCNICA OU ESPECIALIZADA QUE VOCÊ OBTVEU SOBRE O CURSO ATUAL?

Em cada alternativa abaixo, atribua: [0] para nenhum, [1] para baixo, [2] para regular ou satisfatório, [3] para alto.

- 34) Das escolas onde você estudou
 35) Das instituições de ensino superior
 36) Dos sistemas de busca pela Internet
 37) De meios de comunicação de massa
 38) Do seu círculo social (família e/ou amigos)
 39) De profissionais habilitados no curso que atuam no mercado
 40) De livros, revistas ou jornais especializados na área ou no curso
 41) De jornais, revistas ou guias destinados ao público estudantil e aos vestibulandos

42) COMO VOCÊ AVALIA A INFLUÊNCIA DE OUTRAS PESSOAS NA SUA ESCOLHA PARA ESTE CURSO?

Atribua: [0] para não influenciaram, [1] para influenciaram pouco, [2] para influenciaram e [3] para influenciaram muito.

- 43) Pais
- 44) Irmão(s) ou cônjuge
- 45) Avós, tios ou primos
- 46) Amigos ou colegas de estudo
- 47) Superiores ou parceiros de trabalho
- 48) Profissionais da área ou do curso com quem você teve ou tem contato
- 49) Professores ou profissionais das instituições de ensino que você frequentou

50) QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ATRIBUI AOS FATORES ABAIXO RELACIONADOS NESTA ESCOLHA?

Atribua [0] para não importante, [1] para pouco importante, [2] para importante e [3] para muito importante.

- 51) Influência de irmão(s) ou cônjuge
- 52) Orientação e anseios de seus pais
- 53) Facilidade para o ingresso no curso
- 54) Possibilidade de ascensão financeira
- 55) Oportunidades no mercado de trabalho
- 56) Gratuidade ou baixo custo das mensalidades
- 57) Influência de outros familiares, como avós, tios e primos
- 58) Facilidade para o ingresso na instituição de ensino superior
- 59) Estímulo dos professores ou profissionais de ensino onde estudou
- 60) Adequação ao emprego, atividade ou função que exerce atualmente
- 61) Realização pessoal, aptidão e vocação para esse curso ou profissão
- 62) Resultado da orientação ou teste vocacional realizado por profissionais
- 63) Proximidade da instituição de ensino superior ao trabalho ou à residência
- 64) Indicação de amigos ou colegas de estudo que também estavam escolhendo
- 65) Qualidade e prestígio da instituição de ensino superior que está oferecendo o curso

66) VOCÊ FEZ PREVISÕES OU IMAGINOU A SUA ATUAÇÃO FUTURA COM O CURSO QUE ESTÁ FREQUENTANDO?

- 1 Não, minha preocupação foi principalmente com o meu ingresso no curso de graduação
- 2 Sim, imaginando o período de término do mesmo e minha entrada no mercado de trabalho
- 3 Sim, imaginando um cenário de até dez anos após a conclusão do mesmo
- 4 Sim, imaginando um cenário correspondente a minha idade ativa no mercado de trabalho

67) DE QUE FORMA VOCÊ IMAGINOU COLOCAR EM PRÁTICA A SUA FORMAÇÃO SUPERIOR?

(Se pensou em mais do que uma, enumere da principal para a(s) secundária(s): 1,2,...n)

- 1 não imaginei
- 2 como profissional liberal ou autônomo sem vínculo de emprego
- 3 como microempresário
- 4 como empresário
- 5 como servidor público
- 6 como empregado do setor privado

68) Se imaginou trabalhar como empregado (tanto no setor público como no setor privado):

(Assinale apenas uma alternativa)

- 1 em cargo ou função de nível executivo (comando e planejamento)
- 2 em cargo ou função de nível de supervisão
- 3 em cargo ou função de nível técnico ou operacional
- 4 em cargo ou função de nível intermediário ou auxiliar

69) CONSIDERANDO A EXPERIÊNCIA QUE VOCÊ OBTVE DESDE O PERÍODO DA DECISÃO E DO INGRESSO NO ATUAL CURSO DE GRADUAÇÃO ATÉ O PRESENTE MOMENTO, ACREDITA QUE FEZ A ESCOLHA CORRETA?

- 1 Sim, com certeza 2 Talvez, ainda sem certeza 3 Não

70) E POR ESSE MOTIVO PRETENDE:

- 1 concluir o atual curso de graduação
- 2 concluí-lo e iniciar outro curso de graduação
- 3 concluí-lo e aperfeiçoar-me com pós-graduação no curso ou em áreas afins
- 4 concluí-lo e aperfeiçoar-me com pós-graduação em outra área de interesse
- 5 trocar de curso aproveitando os créditos cursados
- 6 abandonar o atual curso de graduação

Nome (optativo): _____

Local e data: Caxias do Sul , ____/____/____.